

# REVISTA D O BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

---

---

## SU M M A R I O

CAPISTRANO DE ABREU . . . . .	Domício da Gama . . . . .	193
A' BEIRA DO STYX . . . . .	Tristão da Cunha . . . . .	198
CLASSIFICAÇÃO PSYCHOLOGI- CA DO HOMEM (II) . . . . .	Villar Belmonte . . . . .	203
BOLÍVAR E O BRASIL . . . . .	Argeu Guimarães . . . . .	211
RAINER MARIA RILKE . . . . .	Sergio Milliet. . . . .	220
AINDA O DICCIONARIO DE C. DE FIGUEIREDO . . . . .	Ed. Navarro de Andrade . . . . .	224
BAGATELAS . . . . .	Rodrigues Crespo . . . . .	229
CARTAS DO ALMIRANTE NO- GUEIRA . . . . .	. . . . .	231

BÍBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES  
E PESQUISAS — NOTAS DO EXTERIOR —  
AS CARICATURAS DO MEZ

Ã A

W V X



EDITORA :  
COMP. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO  
PRAÇA DA SÈ. 34 SAO PAULO



# Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

*Estudos de Contabilidade*, obra em quat-o volumes, cm brochura 40\$000

*Tratado Elementar de Contabilidade*. Olin adoptada nas principaes escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura . 10\$000

*Explicações Praticas de Escripuração Mercantil*. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura. 6\$000

*Aritmetica Commercial e Financeira*. Obra indispensável para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura . 10\$000

*Noções de Cálculos Commerciaes e Financeiros*. E' indispensável aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura . 6\$0000

*Problemas de Escripuração*. Obra necessaria aos contadores e puarda-livros, pois trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura . 20\$000

*Contabilidnde das Companhias de Segures de Vida*. Como indica o titulo do livro, ser-

ve para a contabilidade do» seguro« de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

*Curso de Contabilidade*, em dez volumes, tendo «ido já publicados os seguintes:

*Contabilidade Mercantil*, em brochura. . . . . 10\*000

*Contabilidade Bancaria*, em brochura. . . . . 12\$000

*Contabilidade Industrial*, em brochura . . . . . 10\$000

No pré!o: *Contabilidade das Emprezas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorica; Contabilidade Agricola e Pastoril; Malhematica Commercial; Mathematica Financeira.*

DE D. SANTOS

*Contabilidade Agricola*, em brochura. . . . . 10\$000

DO DR. FRANCISCO EUGENIO DE TOLEDO

*Manual de Direito Civil*, Das pessoas, em brochura . . . 4\$CKH

*Analyse da Constituição Federal*, cart . . . . . 1\$500

*Attenlado ao Pudor*, em brochura. . . . . 10\$000

*O Livrinho do Coração*, em brochura. . . . . 2\$000

**Únicos depositários :**

**Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato**

Praça da Sé, 34

São Paulo

CAIXA, 2. B - 34 - SÃO PAULO  
 4012 MILHES  
 1980  
 NUNES  
 1980  
 34 - CAIXA, 2. B - 34 - SÃO PAULO  
 4012 MILHES  
 1980  
 NUNES  
 1980



**Holmberg, Bech S Cia. Ltd.**

---

IMPORTADORES E INDUSTRIAES  
**RUA LIBERO BADARO', 169**

**S. PAULO**

---

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, Mew-York e Londres

---

**Papel,**  
**materiaes**  
**para**  
**construcção,**  
**aço,**  
**ferro,**  
**Cimento**  
**"2 Bandeiras"**  
**e "Bandeira**  
**Sueca".**

EDUARDO CARLOS PEREIRA

GRAMMÁTICA EXPOSITIVA. — CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.º anno dos  
Gymnasios. 23.ª edição com um appendice  
sobre composição. . . . . 3\$500

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.ª edição com um appendice sobre estylistica . . . 8\$000

GRAMMÁTICA HISTÓRICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.ª Edição . . . 10\$000

PEDIDOS A'

**Companhia Graphico-Editora inteiro Lobato**

PRAÇA DA SE', 34 — CAIXA 2-B — S. PAULO

Desconto de 30 o/º aos revendedores  
e aos collegios e professores.

**“ P E G A S O ”**

REVISTA MENSAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO

URUGUAY



OTHONIEL MOTTA

Cathedratico do Gymnasio de Campinas.

# Lições de Portuguez

Para cursos commerciaes, nas es e gpnasias.... 8SDQO

A s a h i r :

f UV. A / . B ŪI Ai/iíz c/-.

## Anthologia Portugueza

Cia\* Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 — S. Paulo

Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos col<sup>l</sup>  
— legios e professores —



# "REVISTA DE FILOGIA PORTUGUESA"

**Fundador : SILVIO DE ALMEIDA**

**Diretor: MÁRIO BARRETO**

**PUBLICAÇÃO MENSAL,**

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

## **ASSINATURA ANUAL :**

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NÚMERO AVULSO	3\$000

Pedidos à

**NOVA ERA, Emprêsa Editôra**

**PAULINO VIEIRA & CIA.**

**Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12**

**Telefone: Central 1681 — S. PAULO**

---

---

# REVISTA

DO

# BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

## CAPISTRANO DE ABREU

---

**J**OÃO Capistrano de Abreu é o homem mais notável que tenho encontrado", disse-me ha uns oito annos, em Washington, o Dr. Rudolph Schuller, que é outro americanista eminente. E eu, que até então não tinha pensado em classificar o mais estudioso dos meus amigos, apressei-me a reconhecer que era justa a apreciação do sábio estrangeiro. Capistrano é o mais notável *intellectual* (passem-me a expressão) que também eu tenho encontrado. Tenho tratado com outros mais illustres e brilhantes, revestidos do prestigio que dão a fama e a posição no mundo; nenhum conheci que me merecesse tamanha admiração e tanto apreço, dadas as condições em que cresceu e medrou essa intelligencia affirmada em caracter. Foi sem duvida o caracter, resistente e firme, que o protegeu contra as dissolvencias da philosophia e da vida corrente. A honestidade maxima, que é a do espirito, se revela nos seus menores actos. Quem haverá menos dissimulado e mais sincero do que elle? A reacção moral contra a hypocrisia, o encontro frequente com a insinceridade social fizeram-no aborrecer a própria mentira amavel ou piedosa de que anda inçada a conversa mundana e polida. Capistrano não é mundano, logicamente. Mas também não é um solitário, seu coração affectuoso apegando-se dedicadamente aos que o tratam com estima e carinho. Não ha amigo mais leal e



seguro. Sua confiança affectuosa me tem amparado e acompanhado desde a mocidade. E cabe aqui escrever de memorias pessoasas.

Conhecemo-nos em fins de 1887. A Gazeta de Noticias começára a publicar contos meus e Capistrano falou delles a Raul Pompeia, julgando que o nome que os assignava fosse pseudonymo literário de "algum portuguez amigo do Elysio Mendes". Pompeia divertiu-se com a idea e nos ajuntou num café. Fiquei freguez da cervejaria Petzold, na Rua Nova do Ouvidor, onde Capistrano era centro da reunião de alguns professores, homens de letras, jornalistas e funcionarios, que alli passavam uns minutos de palestra antes do jantar. Araripe Júnior, Machado de Assis, Pompeia, Sarinho, Rodolpho Pau-Brasil, Lucio de Mendonça, João Ribeiro, Alexander, Verissimo, Fausto Barreto, Belisário, Alfredo Mesquita, Paula Ney, e outros alli appareciam e trocavam ideas e impressões. Foi sem duvida com esse grupo agazalhador e amigo que Pompeia mais expansivamente discutiu e discorreu sobre cousas de esthetica e letras e philosophia geral. Pompeia era caracteristicamente affirmativo; suas affirmações se encorporavam em systema. Capistrano que lhe queria muito tratava de modelar essa peremptoriedade, sem duvida incompatível com o verdadeiro espirito philosophico. Mais de uma vez ás declarações categoricas do pensador imaginoso e poeta: "a verdade é que..." ouvi Capistrano oppor a pergunta de Pilatus a Jesus Christo: "E o que é a verdade?" a qual, se fosse uma vez respondida honesta e cabalmente cortaria em principio muita incursão aventureosa no terreno da metaphysica.

Não **conheço** e creio que ainda não foi feito um estudo da personalidade de Capistrano de Abreu. Seria pena se o não fizessem estando elle vivo para que se inteire do reconhecimento que lhe devem todos os interessados no conhecimento e trato do Brasil passado, presente e futuro. Mas será melhor que o não façam, se d'ahi puder resultar para elle a impressão de que o não entenderam os que julgavam conhecê-lo. O orgulhoso **Goethe** achou apenas "curioso" um busto que lhe **mostraram como** sendo o seu retrato. Capistrano, modesto e esquivo, talvez se maguasse com a imperfeição do retrato que delle fizessem sem seu conhecimento. E' de crêr mesmo que prefira que o não retratem. E' tão impessoal essa figura de personalidade maxima na nossa vida intellectual!

Um retrato literário de Capistrano, para ser verídico e ter phisionomia, deveria ser feito de collaboração com elle, que sempre foi avesso a fallar de si. Só elle teria memorias do período mais interessante da sua formação moral, da infanda e da pri-



meira mocidade no Ceará e no Rio de Janeiro. A sede inextinguível de saber, a curiosidade insaciavel daquelle espirito aberto e generoso, recebendo, assimilando e dispersando noções positivas, practicas e constructivas, sua ambição de entender e de explicar, o estudo em que se analysa e critica o esforço e se aprecia o resultado delle, a disciplina mental que affeiçoa e tempera um caracter, seriam traços necessários á definição da sua figura original e distincta entre os brasileiros. Os amigos de Capistrano contam aneddotas delle, aneddotas pittorescas, nenhuma em seu desabono, todas illustrativas da sua forte e honesta personalidade nutrida e enriquecida pela mais variada cultura de sciencia e philosophia. Mas os que recordam os seus commentarios agudos e avisados, suas phrases satyricas, laudativas ou escarninhas, não julgam necessário explicar que a um espirito honesto a verdade provada nunca parece ingrata ou rude. E não será intencional essa rudeza, de reacção contra a insinceridade ou a dubiedade da opinião corrente? Não será uma lição de que a um espectador pelo menos não agradou o jogo de certo actor em determinada scena? Critica moralista conduz naturalmente á satyra, mas feita imparcialmente ainda é o melhor ensinamento da historia. Capistrano a quem devemos tantos livros preciosos da historia do Brasil seria o mais competente para escrever sobre os homens públicos que tem conhecido na sua já longa carreira de escriptor. Ninguém melhor que elle poderia retratar esses factores da historia viva e real. A justiça e a imparcialidade com que elle tratou outros periodos da nossa historia colonial, são garantia de que o mesmo respeito, a mesma preocupação da verdade lhe guariam a penna na recordação escripta das suas memorias pessoaes. E cincoenta annos do Brasil contemporâneo, os trinta últimos do "século das luzes" e os primeiros vinte do Século da Industria, reviveriam nas paginas desse livro saint-simoniano. Que a sua memoria privilegiada, a mais rica, mais prompta e mais clara que tenho conhecido, enriquecida tão bem pelo que leu e ouviu como pela sua impressão directa da vida, dispensaria essas notas e referencias constructivas que em certos escriptos ficam desgraciosamente, como os andaimes duma casa depois de terminada- Fio que nessa obra forçosamente pessoal Capistrano viveria e inconscientemente se retrataria com os seus retratados- E ganhariam todos.

Talvez elle se escuse de emprehender esse livro de memorias alheias em que muito traço innocente de caracter visando a fidelidade e exactidão da figura possa ser taxado de indiscreto e malicioso. Em conversa — por habito de sentimento a conversa de Capistrano é sempre confidencial — e.le pode caricaturar schematicamente uma figura para fins de abreviação



ou por facilitar o jogo das referencias. Em livro, que é registro permanente e que assume a responsabilidade de documento para a historia, duvido que o fizesse a não ser intencionalmente e com inteira segurança de julgamento. Falei no tom confidencial da sua conversa, e é essa uma feição muito brasileira e muito sua do tracto pessoal com Capistrano de Abreu. Ha nelle mais affectividade, mais sympathia, mais curiosidade da alma alheia, do espirito do seu proximo, do que se esperaria de um que tão longamente tem assistido no theatro da historia ao drama das ambições e á comedia das vaidades humanas. Contam delle que declinara a candidatura a um logar na Academia, allegando que já lhe bastava a sociedade humana, a que pertencia por ter nascido dentro delia. Tudo me leva a crêr que, se ella já não existisse, Capistrano seria um dos socios fundadores dessa Sociedade Humana tão incriminada de culpas improvasdas e que só desengana aos que a si proprios andam forjando enganos.

Capistrano é philosopho, mas a philosophia não lhe seccou o coração. Mais do que a simples relação entre a causa e o effeito, existe para elle o elemento imponderável do sentimento humano, que tinge e anima e dá tom á Historia. Estimula-o na investigação essa curiosidade honesta e infatigavel, que tem o seu premio no maravilhamento da descoberta e localisação do factio positivo e verdadeiro. E' significativo da sua obra que ella ensina expondo e não discutindo, como se o que é contestável não valesse a pena de ser mencionado- Quantos resistiram á tentação tão natural de assignalar e de emendar erros e desacertos de factio ou de interpretação? Seria essa reserva discreta ou generosa outra marca de nobreza moral, se não fôsse antes uma feição do seu espirito liberal e indulgente. Indulgente sobretudo para com os bens intencionados. Errar cuidando acertar tem desculpa para Capistrano, que só não tolera os erros tendenciosos, para enganar. Ainda nisso se revela o moralista.

Alem do muito que lhe devo directamente, não esqueço que foi Capistrano quem me apresentou ao Barão do Rio-Branco, a Eduardo Prado, a Leopoldo de Bulhões e a Mario de Alencar, amizades preciosas e que marcaram fundo na minha vida. Sua amizade é uma recommendação. Noutro meio intellectual ella seria procurada como a de um Dr. Johnson, que alem de saber e character tivesse doçura e sympathia.

Sua carinhosa devoção aos amigos é tocante. Em 1888 elle ajudou Pompeia a rever as provas do *Atheneu*, publicado primeiro na *Gazeta de Noticias*. Na noite de 13 de Maio esse trabalho — que se fazia na typographia da Gazeta na rua Sete de Setembro era interrompido por excursões de Capistrano á rua do Ouvidor onde em procissões e discursos patrioticos celebrava-se a libertação



dos brasileiros escravos naquelle dia- Eram horas de emoção para Pompeia, de historia para Capistrano, mas depois de commentarios bravos a revisão proseguia paciente e minuciosa do livro intenso e profundo.

Poucos dias depois eu partia para a Europa, na primeira viagem, que durou cinco annos, e as cartas de Capistrano me visitavam com fidelidade e confiança, trazendo-me echos e visões fragmentadas da nossa vida politica no seu periodo de crise violenta- No subscripto das cartas punha elle apenas o meu nome e como endereço *Paris*, porque dizia elle o serviço postal na Europa é muito bem feito. Era. A administração da *poste restante* ajudando o correio a descobrir onde morava esse destinatário, tão importante para o seu correspondente longínquo, que lhe bastava a menção da cidade onde estava para ser encontrado. Não era assim Pompeia, que, assombrado com as distancias e a massa do trafico internacional, não se persuadia que cartas fossem entregues e não as escrevia. O *Atheneu* foi-me trazido por portador seguro.

Nas voltas ao Rio, um mez e meio em 1893, cinco mezes em 1895, dois mezes em 1900, era Capistrano um dos primeiros a encontrar e um dos mais agasalhadores ao coração do viajante saudoso. Em 1900 dedicou-me carinhosamente seu livro do Descobrimto do Brasil, em signal de apreço pela minha vinda á terra no centenário nacional. Vimo-nos quasi diariamente nesses dois mezes de férias e na noite da minha recepção na Academia estivemos juntos até tarde. O historiador, o sábio desapparecia e ficava o amigo cheio de sympathia, o camarada intellectual, entendendo e contente de ser entendido, interessado nos pequenos factos como nos grandes assumptos por essa grande curiosidade que é um dos signaes seguros do humanismo. Os livros de Capistrano, sua obra concreta, vasta e util como é, são parte apenas do opulento cabedal do seu espirito scientifico. No futuro será isso o que falará por elle, recommendando-o á gratidão e ao respeito dos brasileiros. Aos amigos, aos que com elle trataram em affectuosa convivência caberia recordar os traços pessoaes dessa figura tão genuinamente brasileira e tão intensamente original ao mesmo tempo- Obra de amizade seria debuxar a phisionomia moral do homem que tanto tem feito por nós e que se esquivava ao reconhecimento do seu valor e da sua beneficencia social.

Londres, 13 de Maio de 1924-

DOMÍCIO DA GAMA





## A' BEIRA DO STYX

### O BEM E O MAL

**U**M dia aconteceu-me observar que o crime é uma falta de intelligencia, e de gosto. Isto desagradou a um dos meus mais amaveis leitores, que me apontou Cellini (cujá autobiographia o mostra na vida homem excessivo, o contrario de homem de gosto), os bandidos da Renascença (homens de acção e imaginação, cousas bem diferenciadas do pensamento critico) e por fim De Quincey (o qual não commetteu nunca nenhum crime. Qualificar assim o seu brilhante paradoxo é restabelecer o delicto de pensamento e a alçada da Inquisição. Sác-nos o critico um familiar do Santo-Officio).

Mas o curioso é que este tomava o dito pelo não dito, lia o que eu não escrevi, atirava-se contra uma porta aberta. Onde eu indigitei faltas de intelligencia e de gosto, elle viu homens alheios á intelligencia e ao gosto. E não se deteve a reflectir que d'essas faltas padecem muita vez os homens dotados de intelligencia e gosto, tal qual como os privados deites dons.

Esta confusão, lógica e grammaticalmente impossivel, é entretanto universal, e velha como a humanidade. E' mesmo um dos fundamentos da nossa absurda metrificacão moral. Como o critico, todos somos irresistivelmente levados a confundir uma qualidade e o homem que a tem, uma determinada manifestação de tendencias sociaes ou antisociaes e o caracter do íeu autor. Continuamos sujeitos ás obsoletas convenções do livre arbitrio e das psychologias lineares. Raro aquelle que pratica bastante o scepticismo scientifico (Claude Bernard tinha o scepticismo por cousa muito principal em sciencia) para não esquecer que o homem é a um tempo mau e bom, e a alma humana sujeita aos fados. Ha uma lei de constancia moral, se ha uma de constancia thermica ou intellectual. A humanidade não peora nem melhora. O príncipe Hamlet, num dialogo famoso, adverte que, sendo medianamente honesto, trazia comtudo na consciência quanto bastava para o tornar indigno da vida. E De Maistre, retomando o mesmo pensamento,

diz mais ou menos: "Eu não conheço a consciência dum scelerado, mas conheço a dum homem honesto, e é cousa de tremer". Se na alma do justo ha recantos sombrios, na do malfeitor vive tanta vez alguma flor graciosa.

Estas considerações tornaram-me agora ao espirito, relendo um caso succedido a Oscar Wilde. O grande poeta, homem, esse, de intelligencia e de gosto, num eclipse de gosto e de intelligencia commetteu um crime, tornou-se passível da magistratura do numero e da mediocridade. Uma tarde, no começo do sinistro processo que nos havia de valer duas obras-primas, a BAIXADA DA PRISÃO DE READING e o DE PROFUNDIS, recebeu elle visita, dum sujeito ignóbil, o qual vinha a propor-lhe, em nome de outro, a venda de certa carta, de conteúdo então perigoso para o accusado. Enojado, o poeta repelliu o negocio, dando entretanto uma moeda ao emissário. Foi-se este ao detentor do papel, postado á distancia, mas logo tornou, trazendo a carta e entregando-a sem condições. E como Wilde e seus amigos não escondessem a surpresa daquelle gesto de elegancia moral, o empreiteiro de villanias, que nada podia esperar desse homem cuja condemnação já não fazia duvida, teve um destes ditos profundos em que a vida ensina philosophia aos pensadores:

— There's good and bad in every one of us. Em cida um de nós ha bem e mal.

#### FEMINA

O Brasil foi sempre um paiz matriarchal. A prole numerosa, a escassez da civilisação material, a dependencia do trabalho escravo, numeroso e irresponsável, a fraqueza dos homens, adstrictos pela existencia fácil ao officio de procrear e ao zumbido vão da politica — tudo impozera á familia brasileira uma economia feminista de colmeia. A abnegação pessoal necessaria veio formando e guardando entre nós, antes que fossemos cosmopóis, uma raça de mulheres romanas. Bem estudada a nossa historia, e não menos a politica que a social, veremos que a mulher sempre governou o homem, e, atravez do homem, o paiz. A machina do Estado era ao cabo uma projecção da domestica. A mãe, a esposa, a filha, a irman, tem sido constantemente a reguladora definitiva da actividade masculina. *Domum sedebat...* Era o poder invisível e decisivo, como o dos fados. E a este predominio da cellula feminina, conservadora e defensiva, devemos talvez a doçura e relativa segurança da nossa fabrica social, tão paradoxal e informe. Basta notar que praticamente somos uma sociedade sem justiça criminal.

E o que succedia ao Brasil, succedia um pouco ao resto do mundo, por uma fatalidade biologica implicita no mesmo facto da existencia e conservação das especies. (Não são as experiencias bio-quimicas de Loeb uma promessa de parthenogenese e um começo de feminismo natural?). Ainda nos paizej onde o homem, por influencias phisicas e economicas, levou a sua educação sexual ás mais fortes manifestações, ainda ali, e um pouco por isso mesmo, a influencia feminina se mantinha, mais ou menos apparenente. A galanteria franceza, o cavalheirismo anglo-saxonio, o mysticismo politico germânico, levavam, por caminhos diversos dos nossos, ao mesmo fim. Determinando o homem, a mulher movia as nações.

Desse redueto de soberania secreta e effectiva, onde tem estado a mulher, veio depol-a o Feminismo. Esta phalange politica é victima da tolice equalitaria que lavra no mundo moderno, e procura cm tudo o nivelamento, o qual só se pôde fazer para baixo, abatendo as montanhas para atulhar os lagos, e trazer a morte na monotonia.

A sciencia contemporânea, denunciando os dogmas finalistas, assignala



mil transformações inúteis, funestas e até mortaes ás especies, que estas tanta vez realizam. No mundo sociologico o *genus mulier* parece estar claramente trabalhando contra si mesmo. E já os amigos de vaticínios andam a computar as desvantagens que advirão, numa luta desigual, ás mulheres privadas dos beneficios millenares da differença. Mas, sem sahir do plano esthetico, não é curioso ver Cornelia lacônica buscando fazer-se fanteche eleitoral — como os homens?

#### A OCCASIAO

A occasião faz o ladrão, o heroe e o santo. Segundo surge ou falha, as vidas naufragam ou resplandecem. Ella é a hora divina, o instante global em que as cousas invisíveis se concertam ao serviço do nosso destino.

Caso prodigioso foi o daquille Gustavo Gelásio, brasileiro civil e desconhecido, que se foi fazer a Grande Guerra, e morreu glorioso, embalado da admiração de quantos o viram. Da cirurgia dentaria passou num momento á epopeia, sobre as azas da occasião magnifica.

"Mon brave Gelas..." dizia commovido o Coronel de Extrangeiros ao seu Tenente morto. O bravo Gelásio. Em francez o adjectivo tem mais, de um sentido. Traduzido para nós torna ao sentido grande e simples, e infinitamente rico de sentido, o que tinha no animo daquelles nossos avós que iam acabar, como elle, em terra de mouros, no Mequinez da Conquista. Sua virtude era da melhor: coragem, contentamento na luta, descuido no soffrimento, dedicação aos companheiros. E dormia nelle, como a Bella dormiu cem annos no bosque, á espera da aurora fatídica. Seu heroísmo, sobrehumana vocação da morte, chamava obscuramente a hora de belleza. E a Hora, feminina, surda a tantos discursos, veio trazer-lhe a suprema razão dos destinos humanos, — a sua occasião.

#### EGOÍSMO — ALTRUÍSMO

A moral corrente costuma presumir, entre egoísmo e altruismo, uma opposição essencial, psychologicamente impossivel. Egoismo e altruismo formam na realidade um *continuum*, como agora dizem, e este se deduz daquelle necessariamente. O altruismo é uma forma, muita vez superior, do egoismo. O motivo profundo em ambos os casos é o mesmo — um contentamento proprio. O que serve o proximo visando o premio distante do ceu, o que reclama o applauso immediato dos homens, o que escuta normas abstractas de conducta, o que se compraz em atormentar-s«, ou ainda o que é levado do simples gosto de espalhar prazer, todos buscam sua satisfação pessoal. São fundamentalmente egoistas. A mais alta flôr de abnegação poussa sobre uma planta cujas raizes vão mergulhar no ego-tismo. A preeminencia pragmatica do altruismo encobre muito engano psychologico. A hierarchia moral dos actos humanos é ao caber a medida dos vários graus de egoismo. Porque elle é ambiguo e universal, e tem muitos nomes. Ha o egoismo pobre, o que pede sempre e não dá nunca, porque nada tem que dê, e o da alma rica, ditosa de expandir-se. Ha um, pontual e calculado, que se chama virtude, e ha um, descuidoso, que se chama heroísmo. Tal é a dadiva remota, indifferente e salutar, do sol que luz, da ave que canta, da creança que ri, e rindo espalha alegria. Tal é o egoismo da belleza e do gênio, supremo altruismo.

## DIVINA IGNORANCIA

Eu conheci um homem simples. Era cantor e dançador sem leituras. Tinha uma fortuna sem par, a arte na ignorância, bem tão precioso e raro que a gente quasi o não pode encontrar senão nos animaes e nas creanças, precário e logo deformado. A immensa maioria dos homens pertence á familia de Bouvard e Pecuchet, sujeitos á informe complicação intellectual da civilização, escravos de cousas impressas. Um pequeno grupo compõe-se de espíritos libertados. Estes, de escravos da cultura se fizeram senhores delia, e a transformaram na cortezan magnifica do seu gozo. Ainda um grupo é dos que ficaram na pureza primitiva. Alguns trazem musica na alma. Para elles o mundo é creado cada dia. Também o é para os emancipados, mas a criação dos pensadores traz o signal do diabo. A dos artistas ingênuos é a divina arte que se ignora a si mesma. O espirito da immensa maioria d uma arrecadação confusa e triste. O dos philosophos uma formozza architectura manicheista. O dos últimos é uma alegria floral.

Infalliveis, as egrejas vão codificando o terror humano e a cólera divina. Os -hereticos ensinam a cabala arithmetica das mesinhas tripodes. A sciencia compara pacientemente os factos millenares e busca ajustar os nossos passos ao rythmo obscuro das cousas. A meia sciencia, pelos doutores da revelação onirica, tomando por pharoes os fogos fátuos do lapso e dos actos abortados, mutila a frescura infantil para extrahir delia o complexo de Édipo. E o simples, perpetua creança e artista natural, sem que tanta confusão lhe turve os olhos claros, sorri á vida. Tranquillamente posto na cruz dos caminhos divergentes que conduzem todos á mesma noite infinita, seu sorriso é uma interrogação que não pede resposta, um vôo luminoso, uma curva que torna sobre si mesma, felicia o seu cyclo de contentamento, e é ao cabo a única aventura que não falha.

## A' BEIRA DO VESÚVIO

Estes desastres sucoedidos em terra de Nápoles vieram-me lembrar que sobre a encosta sinistra do Vesúvio me foi dado recolher um thezouro de imagens immortaes. Era logo após a grande erupção de 1906, que decapitou o monte e lhe desfigurou o clássico perfil conico. Desapparecidos funicular e caminhos para cima do Observatório, aqui offereceram-me um cavallo e um guia. Eu estava só com elles. Era o serviço Cook sem os viajantes, raridade excellente. Para subir tivemos de fazer caminho pelo monte Somma, a contornar o valle intermedio. Não sei quanto levámos a atravessar a desolação immovel e calada, que me subtrahia ao tempo. Achava-me longe de tudo, num sonho sem data, sujeito aos terrores da paizagem tragica. Naquelle valle não havia nem plantas, nem animaes, riem mesmo terra, pois a terra amiga, que é tão rica de côr, ali fôra immemorialmente transformada em cinza negra. O cavallo e o guia corriam sem ruido, como sombras. Uma nuvem imprevista encerrava o silencio immenso. Só então conheci o silencio. Senti-me pisar um inferno, a seu modo peor que o de Dante. O do Poeta, se era mudo de toda a luz, não era, como este, mudo de todo o som. Vivía. Eu conheci um inferno morto. E uma tristeza desconhecida ia commigo.

Quando o cavallo não pôde mais subir, sahiram-me não sei donde uns anões hercúleos, agarraram-me, arrastaram-me, e foram-me depositar



á beira da cratera, advertindo que escutasse bem o longínquo trovão central. Depois desapareceram, rolando pela encosta, e deixando-me o guia. Levantei-me para descer, e ao sahir da nuvem foi um deslumbramento. Por sobre o primeiro plano diabolico, negro e nú, afastada menos pela distancia que pelo contraste, pousava a joia incomparável. O mar de esmalte azul, engastado na moldura de ouro e rosa dos edificios, as velas e as ilhas, os jardins e as nuvens, tudo fazia um mosaico magico a vibrar de alegria ao bemaventurado sol mediterrâneo. Esta mutação maravilhosa, ordenada por tantas causas imprevisíveis, a destruição da subida theatral e frequentada, a minha solidão pelo caminho mysterioso, e justamente interceptado do espectáculo pelo nevoeiro, deu-me uma ventura total e convascente, uma destas completas visões de harmonia que ficam perpetuamente conosco. E ensinou-me ainda a comprehender o Napolitano, a sua olympica naturalidade, a sua alegria delirante, a sua linguagem que é musica e a sua musica que é luz. Entendi ali a sua preguiça, ou o seu desprendimento de cuidados convencionaes, sabedoria não escripta de homem que, vivendo na intimidade de cousas inatingiveis ao esforço humano, desdenha o esforço e se contenta de belleza.

TRISTÃO DA CUNHA





## CLASSIFICAÇÃO PSYCHOLOGICA DO HOMEM

---

ii

**A**SSIM como uma musculatura de hércules indica um máximo de vitalidade physica e o volume ou elevação do craneo — um alto potencial de intelectualidade, — assim o desenvolvimento dos orgams dos sentidos indica evolução e excellencia das qualidades moraes.

Os psychologos do lápis pintam os indivíduos bondosos com orelhas immensas, nariz comprido e olhos grandes. A *contrario sensu*, os psychiatras, quando nos retratam delinquentes, caracterizam-n'os de olhos pequeninos, de nariz curto e de orelha acanhadíssima !

E' natural: o aparelho sensorial plasma os sentimentos predominantes no individuo- Os maus são insensíveis a tudo: á dor, ao bello, á natureza, á justiça; e por isso o seu appendice nasobuccal, a sua orbita visual e o seu pavilhão auricular teem pouca função e portanto pouco desdobramento- Essa insensibilidade natural, atavica frizam-n'a os criminalistas, quando nos pintam a insufficiencia pituitaria e a invulnerabilidade ás infecções que mostram os criminosos natos...

Parece pois que as inclinações más se plasmam pela irregularidade funccional maior ou menor do cerebro (aparelho cerebro-espinhal) do figado (aparelho pneumo-hepatico) e do coração (aparelho cardio-renal).

As secreções internas respectivamente do thyroide, do pancreas-baco e das glandulas urogenitales regulam, a nosso ver, as variantes do caracter. Onde ha maior perturbação funcçional endocrínica apparece, como disequilibrio, segundo a séde, o temperamento *A* ou *B*.

E assim, ternos :

(alegres)	í em que tudo ; <i>exaggero</i> : na vida
OS SANGUÍNEOS . . . . .	affectiva. (TMral) na vida consci-
(difficuldade eliminatória)	ente (®«lechal) e na vida ki-
	netica (physica).
(phlegmaticos)	
OS LYMPHÁTICOS . . . . .	\ eTM que tudo * e a pela: na triplice
(difficuldade hematosa)	Vida SUPra refenda_
(irasciv)	
OS BILIOSOS T'^	T ern que tudo * explosão egualmen-
(difficuldade crematória)	te n r

Nos três systemas endocrínicos acima alludidos se processam os modos de circulação interna do sangue, da lymphá e do plasma intersticial, alterando profundamente os temperamentos humanos... Tem a palavra a medicina do futuro! Em outro trabalho, já nos referimos a uma quarta circulação — a que chamámos fluidica, e que daria a medida de bondade ou malvadez no individuo, mormente no acto da fecundação...

O caracter no individuo é pois essa predominância de determinadas tendencias na vida affectiva ou moral, na vida consciente ou intellectual ou na vida kinetica ou physica. E assim temos:

Os affectivos, dados:	f <sup>a0</sup> ^ r a z " . . . . .	í á sympathia
	^ j o r	^ paixão
r\ Os conscientes, dados:	T á bondade	f ao raciocínio
	J ^ malvadez	J l á animalidade
r* Os kineticos, dados:	f á actividade	f á vontade
	J ^ apathia	J l ao caracter

A figura central dos conscientes evoluciona para cima da animalidade à malvadez e do raciocínio á bondade; porém, succéde por taras, educação, ou paradas psychicas, não involuciona, nem evoluciona, mas revoluciona para orbitas alem do justo e se torna ou muito affectivo (ultrapassando os limites da equidade) ou muito irriquieto e se torna guerreiro ou anachoreta! A mesma



paixão que conduz os heroes nos campos de batalha retem nos desertos os ermitões! E' ao temperamento normal, (por isso que é tempero) — que chamamos caracter: não tem altos (sanguíneos) depressões (lymphaticos) nem fragorosidadês (biliosos); e se assignalam pelo equilibrio psychico da personalidade consciente.

A virtude maxima do individuo não é ser turiste, monge ou intellectual puro, mas actividade consciente e util, como desdobra-dor e augmentador de energias, sem damno aos seus semelhantes nem á especie collectiva; é ser creador de novas fontes de riquezas!

A regularidade de nossas funcções endocrinicas determina as calorias organicas, as resistências psychicas, a confiança em si mesmo...

O vulgo quasi nunca se engana quando diz: "Aquelle homem tem bom coração, tem maus bofes, etc." e caracteriza a affectividade do sanguíneo, a ponderação do lymphatico e a actividade do bilioso...

Nós porem chamamos caracter (temperamento equal) ao que elle chama temperamento e que não é sinão destemperamento! O caracter moral é equilibrio: nem affectividade sem acção, (affectivos exaggerados) nem actividade sem critério (kineticos puros).

A alimentação altera sobremodo a personalidade: quando sempre o carnívoro é exaltado e o vegetariano — pacifico. O clima também: climas ásperos — caracteres fortes, climas pestivos — ausência de caracter e climas suaves, sedativos, — indolência, relaxamento de costumes- Estão em jogo as secreções internas- Todos os animaes peçonhentos teem digestões difficeis, movimentos bruscos e portanto circulação biliosa, envenenada... A secreção externa ou dermatica — quasi nulla. Nos exames do sangue dos grandes criminosos verifica-se grande porção de resíduos pastosos, biliares, sulfuricos...

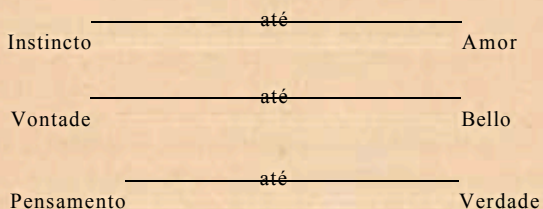
A circulação biliosa já do berço se constata. Ja observamos por exemplo dous gêmeos, recém-nascidos: Uni era a calma a delicadesa; até no vagido ou choramingar mostrava meiguice. O outro era a impaciência, a revolta: não chorava — berrava! Seus gestos eram bruscos e o olhar — impassível... Sendo parecidissimos, tinham, porém, a cor completamente opposta!

Dizem que de 7 em 7 annos todo o tecido cellular humano se substitue. O facto é que no começo da existencia de 7 em 7 annos novas direcções toma o nosso organismo: aos 7 a criança íntegra o seu caracter, aos 14 a sua consciência e aos 21 a sua razão. Em geral quem tem bom metabolismo não tem idyosincrasias nem rancorosidades; e rarissimamente quem tem funcção neuronal e nervosa imperfeita — não é excêntrico ou maldoso... Assim os affectivos, quando se desequilibram, ou dão sensualistas puros (glutões, devassos, etc.) ou abstêmios ortodoxos (reclusos, intran-

sigentes, maus, etc.). E' por affectividade anômala que os anarchistas (amor ás multidões), os tyrannos reformadores (amor á gloria), os espadachins commettem santamente os maiores crimes.

Do mesmo teor os impulsivos (kineticos) que, exaggeradamente, se tornam heroes ou das empresas mais arrojadas ou dos movimentos mais simples e humildes da vontade: até á renuncia, até ao suicídio!

Os conscienciosos, os que seguem soberanamente a recta do critério humano — ao contrario: traçam a equidade como norma e adoptam a bondade como premio e a malvadez como correctivo... Esses rectilineos da consciência são:



Os perfis rectos são symptomatas de bondade e franqueza.

São as rectas que assignalam as altas qualidades moraes : as attitudes erectas, os bustos verticaes, os olhares rectos, profundos, o caminhar rectilineo, etc.

Ao contrario, quando essas qualidades são péssimas : o gesto, o olhar, o nariz, o queixo, tudo é curvo- O andar é colleante, manhoso; a expressão — ardilosa, periphraistica; e o espinhaço... curvo, como lembrando attitudes do quadrupede...

Ainda debaixo do ponto de vista moral e tomando por base a nossa classificação dos phenomenos sociaes, já schematizada paginas atraz — podemos no conjuncto social observar os sete typos genericos :

Os religiosos . . .	<table style="border-left: 1px solid black; border-right: 1px solid black; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="padding: 0 10px;">tolerantes . . . . .</td> <td style="padding: 0 10px;">virtuosos</td> </tr> <tr> <td style="padding: 0 10px;">intolerantes . . . . .</td> <td style="padding: 0 10px;">hypocritas</td> </tr> </table>	tolerantes . . . . .	virtuosos	intolerantes . . . . .	hypocritas					
tolerantes . . . . .	virtuosos									
intolerantes . . . . .	hypocritas									
Os artistas . . . . .	<table style="border-left: 1px solid black; border-right: 1px solid black; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="padding: 0 10px;">delicados . . . . .</td> <td style="padding: 0 10px;">sensuaes</td> </tr> <tr> <td style="padding: 0 10px;">grosseiros . . . . .</td> <td style="padding: 0 10px;">perversos</td> </tr> <tr> <td></td> <td style="padding: 0 10px;">vaidosos</td> </tr> <tr> <td></td> <td style="padding: 0 10px;">mentecaptos</td> </tr> </table>	delicados . . . . .	sensuaes	grosseiros . . . . .	perversos		vaidosos		mentecaptos	
delicados . . . . .	sensuaes									
grosseiros . . . . .	perversos									
	vaidosos									
	mentecaptos									



Os políticos . . .	•	heroes tyrannos
Os economistas . . .	•	industriales usurários
Os cientistas . . .	•	modestos prepotentes
Os moralistas . . .	•	\$ bons I maus
Os esthetas . . .	•	conservadores reaccionários

Nas sociedades primitivas (entre os selvagens por exemplo) os indivíduos em seus clans ou em suas tribus, — á excepção do chefe — não tem função social especializada: todos são caçadores, pescadores, nómades, supersticiosos, etc. A industria e o trabalho organizado são desconhecidos. Agem, no grupo, como na família hoje os irmãos menores... Pouco a pouco os mais aptos se destacam e duas classes nítidas apparecem — a dos guerreiros ou militares e a dos sacerdotes ou conselheiros... Vão perecendo de um lado as tribus guerreiras pela pilhagem, pelo cannibalismo e pelos excessos, e por outro lado a dos sacerdotes pela renuncia, pela vida contemplativa e anti-economica: é quando se delineiam os primeiros traços do phenomeno economico, pela necessidade de reparação dos damnos e pelo aproveitamento das forças individuais, desviadas...

Com a instituição da propriedade "do nosso (do Estado) e do teu, porque o ganhaste" fortes e fracos se dão as mãos para a produção em commum...

Com a riqueza, a ideia do conforto, o amor substitue o cio — e dá origem ás artes — instrumento de educação. Lutam então e mais atrozmente laboriosos e contemplativos: vem o phenomeno politico para apasigual-os e normalisar a coexistência dos grupos. O Estado se corporisa nos funcionarios e conservadores: ha mais garantias juridicas para a família e a propriedade. Os simples factos sociaes, (isto é, acto individual ou facto da natureza que pela sua importancia representa em todo o grupo ou parte) mais e mais crescem e se complicam, dando origem, atravez os séculos, aos sete phenomenos sociologicos atraz referidos. E' então que ria consciência dos homens trabalhada pela experiencia surgem os primeiros albores da sciencia e se esforçam, em meio todas as superstições e fanatismos — os cientistas, de que mais tarde haviam de sahir os altos moralistas e os esthetas puros: os scientis-



tas, os moralistas e os esthetas que, pelo menos nos tempos actuaes, resumem as qualidades phisicas, moraes e intellectuaes mais altas do genero humano. Todos os sete phenomenos sociologicos são manifestações jurídicas e sociaes de um só: o esthetico, que sob o ponto de vista moral é religião e direito, sob o ponto de vista intellectual é arte e politica e sob o ponto de vista phisico é economia social e eugenismo geral.

Duas palavras, para terminar. Phisicamente o homem é:

typo muscular,	. . . . .	{ secco adiposo
„ cerebral.	. . . . .	{ intelligente obtuso
„ digestivo	. . . . .	{ sensual inactivo
„ respiratório.	. . . . .	{ hercúleo rachitico

VILLAR BELMONTE





## BOLIVAR E O BRASIL

Ao Sr. FELIX PACHECO

(Comunicação ás "Academias Nacionaes de Historia" de Bogotá e Caracas, ao Instituto Historico Brasileiro e ao Instituto Archeologico de Pernambuco).

**P**ROJECTANDO o olhar para aquelles dias laureados e febris de cem batalhas, que se feriam em todas as terras da herança de Colombo, desde Washington, e, com o desdobrar do tempo e do espaço, passando por Hidalgo, por Paez, por Santander, por O'Higgins, por San-Martin, por Artigas, por José Bonifacio — que eram na realidade, meros expoentes dum sentimento geral e profundo, dum rythmo harmonioso a cuja vibração obedecia todo um continente solidário — é mister coroar o pensamento com a lembrança daquelle immarcescível gênio, em cujo cerebro de titanicas idéas e generosas ambições, a immensa alma continental attingia a mais perfeita eurythmia.

O estudo da independencia do continente, de facto, não deve jamais ser empreendido num sentido unilateral, como muitas vezes fazem os publicistas e historiadores das nossas diversas origens. Porque, alem da influencia idealista da Revolução franceza e de Napoleão, que sobre todos actuou, a idéa suprema e redemptora nasceu entre os anglo-americanos, e foi encarnada, com caracteres de eterna belleza, pelo patriarcha Washington. Não decorreram muitos annos, e já os latinos do continente começaram a experimentar ambições semelhantes ás de Washington. Na collectividade hispana, cremos que o primeiro visionário do mais bello sonho de liberdade, foi o venezuelano Miranda, formado nas hostes de Napoleão e cujo nome se perpetua na pedra do Arco de Triumpho. Entre nós, de estirpe lusitana, em 1789, os "inconfidentes", nas serranias alterosas de Minas Geraes, levantavam a bandeira da "Libertas quae sera tamen". E, no patíbulo, passava á immortalidade Tiradentes, o proto-martyr da Independência. Antes do Tiradentes, em 1812, Bernardo Vieira de Mello, revoltado com dois mil soldados, propunha ao senado de Olinda a implantação duma republica ao molde da de Veneza.



Estes primeiros estos insoffreaveis traduzem a irrupção quasi simultânea, nas varias latitudes da America, de idêntico anhelô. A America Inglesza lucta e em seguida consolida a sua emancipação e cresce como um robustissimo organismo. A America Hespanhola sente que os processos oppressores e sanguinários da sua metropole, longe de diminuir, redobram e tresdobram, logo aos primeiros symptomas de insubmissão. Os hispanos da America são obrigados a tomar armas, e a padecer as canceiras e vicissitudes duma guerra longa e tremenda. Ao esforço e ao sacrificio corresponde a recompensa dum incontrastavel triumpho. Colhem louros mais louções que os dos seus irmãos anglos e lusos. E a epopéa permite a eclosão olympica de muitos authenticos heroes, de cuja pleiade Rolivar é a estrella de primeira grandeza.

No Brasil, não houve tão vasta epopéa, por isso que desfructámos fortuita vantagem histórica. Quando iam talvez irromper com mais força os enthusiasmos da independencia, Napoleão invadiu Portugal e, em 1807, a familia de Bragança, com o corpo diplomático acreditado em Lisbôa, e uma comitiva de mais de quinze mil pessoas, embarcou para o Rio de Janeiro. A séde da monarchia foi, assim, transferida á America, e o Brasil, sem vicissitudes, promovido a reino. Como muito bem assignalou o entusiasta apologista de Bolivar, abbade de Pradt, o rei de Portugal, mudando a sua côrte para o Brasil, deu-lhe mais do que poderiam pedir os patriotas: *fel-o Estado soberano e fel-o metropole da sua antiga metropole*. A idéa da independencia não encontrou, pois, como na America Hespanhola, uma tyrannia a dominar. Quando Dom João VI voltou a Portugal, e as côrtes de Lisbôa quizeram restringir a soberania brasileira, foi o mesmo príncipe Dom Pedro, regente do Brasil, quem proclamou a separação definitiva do Reino Unido. Dest'arte, assim como tínhamos sido uma colonia promovida a reino, passamos a ser um reino elevado a Império. Em um anno, as forças portuguezas que pretenderam manter os laços antigos, foram vencidas e expulsas, e a nossa esquadra perseguia os navios inimigos até as boccas do Tejo...

Essas pequenas differenças na evolução das tres Américas, saxonica, hispanica e lusa, não chegam, porém, a obscurecer ou minorar a luminosa finalidade histórica do continente, que reagia, num movimento uniforme, obedecendo a causas parallelas e attingindo efeitos coordenados. De premissas analogas se chegava, desde os puritanos da Nova Inglaterra até os nômadés de Araucania e da Patagônia, a conclusões semelhantes. Vê-se, assim, que a independencia é um thema de inilludível unidade nas diversas regiões americanas, de norte a sul, de leste a oeste. E as maiores figuras, Washington ou Bolivar, San-Martin ou José Bonifacio, têm projecções continentaes, que fôra temeridade negar.

O Brasil, muitas vezes, entrou nas cogitações de Bolivar. Monarchia singular na America, planta exótica, como dizem muitos historiadores, não podia o nosso Império deixar de interessar áquelle grande caudilho, que, na sua visão d'aguia, abrangia o continente todo. Elie, primeiro e mais que ninguém, comprehendia que a familia americana é a familia da concordia e do amôr; as rivalidades ou antagonismos tradicionaes\* da Europa, não se coadunavam com as terras livres de Colombo. Assim era, assim é. Ingleses, hespanhoes ou portuguezes obedecemos, antes e depois da Independencia, a um rythmo inilludível, de supremas e incessantes harmonias, em que collaboramos para uma grandeza e porvir communs.

Em relação ao Brasil, podia separar-nos a monarquia, e não faltou quem nos suspeitasse de cúmplices da Santa Aliança. Mas, por mais republicano que fosse Bolivar, a verdade é que elle respeitava a nossa finali-



dade histórica e as nossas credenciaes americanas. O Império não entibiava o seu pensamento supremo de união das Américas. Por varias vezes ouviu elle a campanha de alheios interesses, para que levasse as suas legiões até as nossas fronteiras. Os casos de Montevideu e Chiquitos foram citados como argumentos em prol da tenebrosa intervenção. Os que não comprehendiam os nobres objectivos das nossas campanhas no Rio da Prata, queriam excitar Bolívar a uma guerra diversa daquellas que elle até então gloriosamente dirigira: queriam arrastal-o ao seio dum povo livre, embora monarchista, sob o apparente movei de implantar a republica, mas quiçá com a occulta pretensão de favorecer alheias ambições. Bolívar não se deixou colher pela surpresa ou pela lisonja. A sua extraordinaria visão politica fel-o ainda uma vez decidir a sua nobre conducta internacional. Não seria, talvez, affeito affirmar que jamais teve elle a idéa de marchar contra o Brasil, nem mesmo naquella celebre excursão ao Potosi, de que nos falia o terso e consciencioso O'Leary. Mais tarde, ao conceber a grandiosa amphyctionia de Panamá, dirigiu instantes e cordeaes convites, não apenas a todas as republicas hispanas, mas ainda aos Estados Unidos e ao Brasil, sem que as nossas instituições monarchicas o detivessem por um momento no redemptor projecto de fraternisação continental. E' sobremodo interessante annotar, de passagem, que a idéa da monarchia não lhe foi estranha, e foi mesmo perfilhada por innumerados seus mais agaloados tenentes. Haja vista Paez e tantos outros. No sul do continente, San-Martin era um monarchista irreductivel.

Não admira, pois, que, também no Brasil, o governo duma dynastia européa grangeasse popularidade e a adhesão dos mais notáveis patriotas. O povo do Brasil se afeiçãoou ao regime que lançou os alicerces da sua grandeza. O Império sempre foi popular, e essa popularidade subiu de ponto durante o reinado de Pedro II, cuja figura magnanima constitue uma das mais legitimas ufancias da nossa historia. Ao Império, sem duvida, devemos a ordem e a integridade nacional. Quando se proclamou a Republica, em 1889, pode-se dizer que o extincto regime tinha realizado o mais formidável labor de construcção nacional, e chegava a hora da Republica receber e sancionar, por assim dizer, a mais perfeita das democracias, que tinhamos aprendido sob o sceptro incomparável de Pedro II...

Mas, nos agitados dias do Reino Unido e do primeiro Império, alguns jovens patriotas, activos e idealistas, sonharam com a Republica, querendo renovar a generosa aventura do proto-martyr Tiradentes. Em 1817, estalou, na cidade de Recife, um movimento republicano. O Império que contava, alem da força militar, com o apoio da maioria da população, facilmente dominou a audaciosa arrancada. Não poude ser generoso. Affogou cm sangue aquelle punhado de moços visionários. O joven José Ignacio Ribeiro d'Abreu e Lima, filho e homonymo do celebre *Padre Roma*, uma das maiores figuras de 1817, foi também preso e levado á Bahia e obrigado a assistir ao supplicio do pae. Para fazer uma idéa da tempera desses legítimos heroes, é preciso reter a phrase do *Padre Roma*, quando ia receber a descarga de fusilaria: "Camaradas! Eu vos perdôo! Lembrae-vos que o coração é a fonte da vida: atirae!" O filho, impressionado por aquella tragedia terrivel, alli mesmo jurou, sobre o cadaver daquelle que lhe dera o nome, consagrar a vida ao ideal da liberdade do continente. Evadiu-se e, depois de varias vicissitudes, que seria fatigante recordar neste resumo, chegou á Columbia, ainda a tempo de tomar parte na brilhante acção das Quezzeras dei Médio. Foi um militar de innegaveis méritos, como attestam alguns historiadores granadinos. Em 1830, abandonava a Grã-Columbia, levando um diploma de general, com a assignatura do mesmo Bolívar, c, mais do que isso, a estima do grande chefe, que o galardoara, no campo



de batalha, com o epitheto de "el guapo", o valente. Teve, é certo, nos derradeiros dias do consulado épico, aguda desavença com o eminente Santander, cuja varonil personalidade de defensor das leis e estadista exímio, não quiz Abreu e Lima comprehender, tal o seu devotamento ao partido bolivariano. (!)

Emquanto Abreu e Lima revelava, na grande guerra, as suas inexcusáveis qualidades de bravura, em Pernambuco a idéa da republica voltava á tona, e originava a nova revolta de 1824. Ainda dessa vez, o primeiro Império suffocou com crueldade o movimento em que se contavam moços de talento e patriotismo innegavel. Muitos dos chefes da insubmissão conseguiram, porém, escapar aos carrascos e puderam refugiar-se no estrangeiro. Foi presidente da ephemera republica Manoel de Carvalho Paes d'Andrada, secretario d'Estado o poeta José da Natividade Saldanha e governador d'armas, Falcão de Lacerda. Todos se evadiram.

Quer em 1817, quer em 1824, os republicanos de Pernambuco tinham os olhos fitos na epopéa da independencia hispano-americana. Não se pôde duvidar que conheciam e amavam a figura de Bolivar, como paladino da liberdade e da democracia. Num paralelo de fácil erudição, já consideravam Bolivar o Washington do sul. Nas vespéras da intentona de 1817, os conspiradores pensavam no drama que se desenrolava no resto da America. Lembrando aquellas jornadas de febre e desvairo, o commendador Antonio Joaquim de Mello esplanos os moveis que trabalhavam na cabeça ardorosa dos seus coetâneos. (2) Este trecho esclarece por demais o fôro intimo dos insubmissos: "Já os povos conterminos, ao sul e ao poente do Brasil, derramavam em cem batalhas o seu robusto sangue para sacudir o jugo colonial e constituir nações independentes e livres. O não acompanhais est'outra parte d'America, o Brasil, em tão generosa e sublime empreza, seria uma prova indeclinável de seu atrazo intellectual e moral, de sua submissão e vil frieza deante dos ferros da tyrannia absoluta e embrutecedora. Livrou-a, porém, deste opprobrio, a provincia de Pernambuco".

Por esse fragmento característico e insophismavel, vê-se bem que os demócratas pernambucanos procuravam imitar o exemplo dos seus confrades do resto da America, que obedeciam a geniaes capitães do porte de Bolivar. Malgrado o generoso movimento, triumphante no Brasil o principio dynastico, que era synonymo da integridade e cohesão nacionaes, os revolucionários procuraram, no exilio, escapar á atroz perseguição com que os fulminou o Império. Em 1817, o bravo e glorioso Abreu e Lima buscou, como vimos, clara e desassombradamente, alistar-se nas hostes bolivarianas, com o proposito declarado de consagrar a vida ao ideal emancipador do continente.

Os insubmissos de 1824, em grande numero, conseguiram também encontrar asylo em alheias terras, maximé em Londres e Pariz. O presidente Paes d'Andrade escapou a bordo duma corveta ingleza, e em vão o Império, pelas suas autoridades restauradoras em Pernambuco, e pelo órgão do seu ministro em Londres, visconde d'Itabayanna, reclamou com energia a entrega do rebelde. A estrella de Andrade fez com que deparasse nas aguas do Recife um barco britannico, sob o commando dum cunhado de Canning, o famoso primeiro ministro. Canning, o espirito liberal, o estadista avançado, não attendeu aos reclamos de Pedro I, fingindo dar-lhe explicações, mas resguardando a liberdade do fugitivo. Itabayanna, em linguagem

(1) Do mesmo autor: *Um brasileiro na epopéa de Bolivar*.

(2) A. J. de Mello, *Biographia de Natividade Saldanha*, Recife, 1895, publicação posthuma. Mello tomou parte nas duas revoluções.



enfurecida, como ferro em brasa, em notas diplomáticas estygmatisa a personalidade de Manoel de Carvalho, chamando-o de *monstro e facinora...* Canning apenas sorri, mas assegura a liberdade dos passos do revolucionário nas ruas de Londres.

Diziam o marquez de Barbacena e o visconde de Itabayanna, ao chancelier Carvalho e Mello :

"Teve logar a nossa entrevista com sr. Canning, e, foi nessa ocasião que, apresentando-lhe o *Times* do dia antecedente, em que o protervo Carvalho fez acintemente inserir uma carta de agradecimento dirigida aos commandantes das fragatas inglezas *Tiveed* e *Brasen*, nos queixamos da maneira mais formal contra a escandalosa violação, que os taes commandantes haviam commettido, do art. 14 do Tratado de Commercio de 1810, e pedimos-lhe que houvesse de cogitar sobre o meio de dar uma satisfação correspondente a Sua Magestade Imperial, pela violação do artigo pre-citado. Mr. Canning mostrou-se muito resentido do attentado commettido, e mui indignado contra o commandante da fragata *Brasen*, que na sua opinião é muito mais culpado do que o da *Tweed*, que se desculpa dizendo que recebera Carvalho a seu bordo unicamente para o fim de avistar-se alli com o commandante da esquadra imperial, e estipular com elle os termos duma capitulação..." (1)

Os dois insignes representantes de Pedro I seguiam com interesse e emoção os passos de Manoel de Carvalho, que conspirava abertamente.

"O malvado Carvalho está aqui fazendo alarde da sua criminosissima rebeldia, e leva tão longe a sua impudência e arrojo, que diz ter o designio de passar aos Estados Unidos, ou á Ilha de São Domingos, para armar alli duas escunas, e ir com ellas infestar as costas do Império. (2)

Manoel de Carvalho tramava, sem duvida, uma expedição de largos recursos, extraordinariamente audaciosa. Acolytava-o ainda o ex-commandante das armas do Recife, Falcão de Lacerda. Encarava com astúcia e calculo o lado pratico da aventura, e esperava realisar na Inglaterra ou em Hamburgo uma vultosa remessa de pau-brasil, que lhe proporcionaria amplos recursos. Mas os dois enviados do Império tomaram todas as providencias e precauções para frustrar esse negocio, e impedir que o ex-presidente recebesse o quantioso lucro.

Do mesmo passo, o exilado se entendia com muitos do seus correligionários, refugiados também em Londres e Paris, e queremos crer que teve, sobre o assumpto, mais duma entrevista com o proprio Canning. Insinuou-lhe o seu plano, e fallou da hostilidade de Bolivar ao Império, suspeito na America pelas suas tendencias expansionistas. A 24 de Junho de 1825, Canning abordou francamente o assumpto, perguntando a Itabayanna, sobre o estado das relações entre o Brasil e a Columbia. Itabayanna poude facilmente destruir as machinações de Andrade, mostrando ao *premier* inglez o recente convite dirigido por Bolivar ao Império, para que tomasse parte no Congresso de Panamá. Então Canning se referiu com entusiasmo

(1) *Archivo Diplomático da Independência*, v. II, t. II, Rio de Janeiro, 1922.

(2) *Archivo Diplmático da Independência*, op. cit., v. II, t. II.



ao nosso paiz e á monarchia, que, no seu textual conceito, era a alliada natural da Grã-Bretanha no Novo Mundo.

Andrade, portanto, não encontrou apoio em Canning. Mas, não esmoreceu. As suas vistas se voltaram definitivamente para Bolivar, e imaginou a possibilidade de vir solicitar ao grande cabo de guerra a ajuda dos seus exercitos, para democratizar o Brasil.

O núcleo principal dos conjurados estava em Pariz. Mas também na capital franceza o Império dispunha da infatigavel vigilancia do visconde da Pedra Branca. Desde a fuga dos revoltosos, em 1824, entendeu-se longamente com o conde de Villèle, presidente do conselho sob o reinado de Carlos X, que pôz logo em campo os agentes secretas. Mal chegou Saldanha á França, procedente de New-York, o nosso ministro agiu, e já a 15 de Janeiro de 1825, communicava á chancellaria do Rio de Janeiro:

"...dos Estados Unidos, com passaporte portuguez, chegou ao Havre um tal Natividade Saldanha, que me dizem negro, secretario do negro governo de Carvalho; dei immediatamente os passos necessários em tal caso, estranhando que tivesse passaporte para esta capital. Foi-me dito que ignorava quem fosse, e sabiam somente que vinha com o seu passaporte portuguez muito em regra, e que, não obstante, ha de arrepender-se ter aqui vindo..."

Em New-York, Saldanha se valera da amizade dum seu antigo collega de Coimbra, filho do consul portuguez em New-York. Com desprezo, o ministro imperial busca aviltar-o pela sua origem mestiça, chamando-o de negro... Saldanha não era negro. Dez dias depois accrescentava:

"Saldanha tem ordem da policia para retirar-se a um logar do interior deste reino, segundo me respondeu o ministro das Relações Exteriores, ordem que muito ha mortificado aos amigos que o receberam e festejaram, conforme informações que tenho. (!)

Ao mesmo tempo, colhiam-se os fios da conspiração: os brasileiros de Pariz e alhures se congregavam numa especie de sociedade secreta, sob o patrocínio de Bolivar, para dar em terra com o sceptro de Pedro I, tratando desde logo de enviar um emissário ao insigne caudilho. E' completo o informe da policia secreta do conde de Villèle:

*"Il n'y a plus de doute sur l'existence de la société créé pour exterminer la monarchie du Nouveau-Monde, nul doute aussi que le foyer est dans la Colombie, et que des ramifications sont partout dans l'Amérique, à Londres, où les séances se tiennent chez l'Agent de la Colombie, et dernièrement aussi à Paris. Nul doute encore que les affidés de Carvalho attendent que Bolivar, ne sachant que faire de son armée, et pour distraire les esprits, se porte à Buenos-Ayres et attaque le Brésil. Des émissaires de ces messieurs ont été envoyés à Colombie, et vous en aurez la preuve dans la copie de la lettre originale que je vous ai montré et que je vous envoie d'après votre demande. Le gouvernement brésilien agira très mal s'il ne fait pas de suite partir un agent homme adroit,*

(1) Op. cit., passim.



*pour Colombie, dans le but d'examiner et faire manquer la démarche de ses ennemis, et s'il ne fait en outre bien examiner tout étranger n'importe de quelle nation arrivant au Brésil!* (16 de Junho de 1825). O).

Pois o enviado dos bolivaristas brasileiros era exactamente o visionário Saldanha, que da Inglaterra partiu rumo á Columbia, em Maio de 1825, segundo se verifica na seguinte carta:

"Liverpool, 4 de Junho de 1825. Illmo. Sr. Em resposta á sua estimada carta de 11 do passado a Saldanha, digo: que nesta occasião Martins <sup>(2)</sup> mandou ordem para o mesmo sujeito entregar a V. S. mais 50\$000, para as encomendas &. — *Saldanha já daqui partiu para Columbia, porem não sem difficuldade.* Elie foi em um navio e a sua roupa noutro. O diabo ainda não sahiu do caminho. O diabo está em liga com os imperadores, e reis, contra os patriotas. Emquanto não houver pelo menos meia dúzia de regicidas, não quebra o encanto, mas... Recommendo-me aos Irmãos, e acceite os sinceros votos d'amizade desde que é — de v. s. — mto. venerador e amigo — M. DE C. P. D'ANDRADÉ". <sup>(3)</sup>

Saldanha, meigo poeta e intelligencia de escol, veiu, assim, á Columbia, com propositos definidos. (\*) O seu biographo, A. J. de Mello, não ignorou esse destino determinado, embora desconhecesse a gravidade dos projectos dos conjurados bolivaristas de Pariz.

E' tempo de indagar quaes poderiam ser esses conjurados. Não é difficil a pesquisa. O mesmo Mello menciona vários dos revolucionários de 1824, homisiados na *Cité Lumière*. Eram os majores de 1.<sup>a</sup> linha Arruda e Santiago, Francisco Xavier Pereira d'Oliveira, Basilio Quaresma Torreão e José Telles de Menezes. Fóra de Pariz, os adherentes ao atrevido plano eram: o tenente-coronel José Antonio Ferreira; o commandante José Francisco Vaz de Pinho Carapeba; Felix Antonio Ferreira d'Albuquerque, presidente da Parahyba; Francisco Leite da Silva, commandante das forças do centro, na provincia de Alagoas; o tenente-coronel Antonio d'Albuquerque Mello Montenegro; o commandant. Manoel Ignacio Bezerra de Mello, José Gomes do Rego, Francisco d'Arruda Camara, Antonio Gabriel Pires da França Mendanha, o jornalista padre João Baptista da Fonseca, e o commandante do batalhão de pardos Emiliano Felipe Benicio Mundrucú. (5)

A esses nomes é mister juntar, na Europa, o de outros indicados pela policia de Villèle: assim o irlandez naturalizado Chili (?) que da Columbia veiu á França como emissário, e regressou ao, mesmo paiz americano; e o duque de Sussex, que excitava os conjurados. Tiveram estes a audacia de solicitar o apoio do proprio José Bonifacio, que terminantemente recusou o seu assentimento á idéa. Entre os pernambucanos que receberam Saldanha em Pariz não fôra affeito suppôr que algum tenha sympathisado com a idéa; assim Bôa-Vista, Itamaracá, Olinda, Siqueira Lima, que, naquelles tempos, eram simples estudantes de humanidades.

(1) *Op. cit.*, vol. III.

(2) Manoel-José Martins Ribeiro Júnior.

(3) *Op. cit.* v. III.

(4) Vide *Natividade Saldanha em Bojotá*, livro a imprimir-se, contém importantes revelações, e a obra completa do poeta.

(5) *Op. cit.*



Saldanha veio, pois, primeiro a Caracas e depois a Bogotá. Alguns daquelles outros exilados o acompanharam. Um delles foi Mundrucú, que na capital da Venezuela, em 1826, publicou interessante folheto, digno de illustrar este escripto. Cumpre abrir um parentese, para a transcripção integral de documento de tanta relevancia neste estudo.

Manifesto dirigido á Nação Columbiana por Emiliano Felipe Benicio Mundrucú, maior-commandante do segundo batalhão de caçadores da Divisão Republicana de Pernambuco. Ao respeitável publico e exercito da Republica da Columbia.

Guiado, desde meus primeiros annos, quer pela natureza, como também pelos principios de educação que recebi desde a mocidade, dediquei-me ao exercicio das armas com o doce objectivo de poder concorrer mais facilmente para a liberdade do meu paiz. Quando, em 1817, o grito da liberdade, ecoando pela primeira vez na cidade de Recife, teve echo desde a provincia de Alagoas até os confins do Amazonas, meu coração exultou de jubilo, e fui dos primeiros que concorreram para alçar o pendão da liberdade, tendo então o posto de alferes com o exercicio de ajudante de campo.

Perdida (assim quizeram os fados) essa occasião de recuperar a liberdade, um destino feliz fez-me companheiro dum sem numero de patriotas, que embora opprimidos pelas cadeias do despotismo, entoavam todavia suaves canções ao bem que lhes tinha sido roubado. Seria inútil expor os trabalhos e incommodos que soffremos nesse tempo; porque vós igualmente soffrestes.

No anno de 1820, proclamou-se em Portugal a lei fundamental da monarchia que estava esquecida desde longo tempo, e sendo immediatamente adoptada no Brasil, occorreram circumstancias que me deram a opportunidade de prestar não pequenos serviços.

Porquanto, recusando acceital-a o infame Luiz do Rego, que então governava a minha provincia, as tropas e grande parte do povo se retiraram para a villa de Goyanna, onde, depois de vários combates, puzemo-nos em marcha para a Capital; obrigando desta sorte aquelle malvado a capitular vergonhosamente comnosco e fugir precipitadamente para Portugal, querendo desse modo escapar á nossa justa vingança. Durante esse período eu assisti a todos os combates e Vecebi sete feridas, sustentando com honra a posição de Maria Simplicia. O premio por esses serviços foi o galão de maior.

As vicissitudes que occorreram durante os diversos governos que succederam áquelle, são de poucos momentos; omitto-as por esse motivo, desejando approximar-me da grande época da ultima revolução.

Dissolvida pela força das armas, pelo pérfido Imperador do Brasil, a Assembléa Nacional, e voltando á provincia de Pernambuco as tropas, que tinham sido enviadas para auxiliar a Bahia; o governo existente, reconhecendo que tinha perdido a opinião publica, convocou um grande conselho, ante o qual deu a sua demissão, pedindo ao mesmo conselho que nomeasse outra Junta para dirigir os negocios da provincia. Quiz a sorte que a presidencia da nova Junta recahisse num patriota, que tinha sido victima, como eu, da revolução de



1817. Esse presidente conservava ainda e conservará sempre no seu peito o fogo sagrado da liberdade. Desde o começo do seu governo, começou a desprezar as leis imperiaes, por isso que não emanava duma autoridade legitima, embora o publico fingisse obedecel-as.

No mez de Maio do anno de 1824, dois commandantes de Corpo indignos do nome de brasileiros, e vendidos, pelo interesse, á servidão, desampararam os estandartes da liberdade e seguiram os do despotismo. Foi -então necessário enviar contra esses rebeldes um corpo de tropas que os destruísse, e depois organizar batalhões, que ficaram na cidade, nos críticos momentos em que tínhamos que combater não somente os inimigos terrestres, como os marítimos, por que já estava, por esse tempo, bloqueado o porto pela armada imperial. Nessas circumstancias foi-me confiado o mando do segundo batalhão de caçadores, com o mesmo grau que já tinha.

A sorte da guerra foi-nos quasi sempre adversa, porque tínhamos que combater inimigos muito superiores em forças, tendo sido auxiliados os rebeldes pelo mesmo pérfido Imperador. Nesse estado de cousas era necessário augmentar as forças da Divisão constitucional, e, para esse fim, ordenou-me o presidente que marchasse com o batalhão do meu commandando a reunir-me a ella.

A sorte continuou sendo-nos de tal maneira contraria, que fomos obrigados a abandonar a capital. A maior parte dos meus bravos companheiros não quiz entregar-se á discrição do inimigo, e guiados pelo commandante-geral, puzemo-nos em marcha para a republica do Ceará. O commandante das forças imperiaes não desistiu de perseguir-nos, e, embora obtivéssemos alguns triumphos, depois d'uma longa marcha de cerca de 300 léguas, a fortuna abandonou as nossas bandeiras, a fome, a sede, a falta de munições e, finalmente, a noticia que recebemos de que a republica do Ceará já estava occupada pelas armas imperiaes, todos esses motivos nos obrigaram a capitular deante dos nossos inimigos. Mas, como nem os reis, nem seus sectários, têm boa fé, a estipulação não foi cumprida, e eu e meus companheiros fomos reduzidos á prisão.

Felizmente, no caminho, pude escapar, furtando-me á vigilância dos meus conductores, e, depois de ter estado occulto algum tempo, transportei-me a Boston. D'essa cidade, onde encontrei não vulgar acolhimento, passei a São-Domingos: Voltei outra vez a Boston, e ultimamente cheguei a Porto Cabello, onde, tanto quanto em Boston fui muito bem recebido.

Conservando as mesmas idéas e os mesmos sentimentos, apresentei-me sem detença ao Benemerito General Exmo. Sr. José Antonio Paes, que me recebeu com a sua habitual cortezia e a fiabilidade, dando-me, ao mesmo tempo, as mais lisongeiras esperanças.

Famosos republicanos, bravos soldados, que ganhastes e sustentastes a liberdade columbiana, vede aqui um republicano mais, vede aqui mais um irmão d'armas: eu desejo naturalisar-me entre uns, eu desejo igualmente alistar-me entre os outros". (1)

(1) Caracas, Imprensa de Thomaz Anthero, 1826.



Não se pode duvidar que esse manifesto fosse lançado de accôrdo com Saldanha e outros brasileiros, para preparar a missão secreta do primeiro junto de Bolivar. Na Columbia já se encontravam, alem do general Abreu e Lima, outros pernambucanos, evadidos de 1817, como Luiz de Lima, e Francisco Antonio de Lima Barretto. Mundrucú revela esperanças, e affirma ter ouvido do insigne Paez lisongeiros promessas.

Em Caracas, para viver, Saldanha exercia a advocacia, e era grato á protecção que lhe dispensava o prócer venezuelano general Escalona, a quem elle se refere carinhosamente em cartas datadas do exilio. Não se demorou em Caracas, partiu logo para Bogotá. Procurou immediatamente entender-se com aquelle que era aclamado Libertador de povos, cujo apoio queriam conquistar os republicanos brasileiros. Do êxito dos seus *pour parler* encontramos apenas esta incompleta referencia de Antonio Joaquim de Mello, bastante, porem, para illustrar o assumpto :

"O nosso humilde, mas doce poeta, apresentou-se ao immortal Simão Bolivar, que também não era um obscuro armeiro, mas o armado e invencivel conquistador da independencia e liberdade da sua patria. O successo, porém, foi egual: Saldanha foi acolhido mui benigna e favoravelmente..." (!)

Mas, o commendador Mello ignorava a transcendência da missão de Saldanha, e nada mais pode accrescentar. O expatriado, de Caracas e Bogotá, escrevia a uma sua irmã, no Recife, e os dados recolhidos por Mello têm essa fonte. Naturalmente, em assumptos políticos, o missivista guardava prudente reserva. Das suas preocupações a respeito de Bolivar, outra prova está na sua amizade com Leocadio de Gusman. E n'um soneto composto em Bogotá, entre terríveis ameaças de vingança contra o Império, exclamava:

*Sim, a Patria perdi, fui desditoso,  
Mas vivo sob as leis d'um povo augusto...*

E n'este outro soneto, também do exilio, ha fragmentos eloquentes, que mal disfarçam o mallogrado plano da famosa vindicta planejada:

*Se pensas hoje, pérfido tyranno,  
Firmar-te sobre nós vibrando o eôrte,  
Enganas-te, pois sêlla a nossa sorte  
Do teu fim o decreto soberano!*

.....  
*Ha-de o sangue que vês tingir a terra,  
Heroes mil produzir a teu despeito,  
A patria libertar, faser-le a guerra !*

Por isso, muitos annos mais tarde, o illustre vate columbiano Raphael Pombo, em lindas rimas consagradas ao brasileiro, podia appellidar-o *enamorado da Columbia heróica!*

---

(1) A. J. de Mello, *op. cit.*, pag. 87.

*Aguila libre, el aguila modelo  
Te hizo espiar de tu raza el sanbcnito;  
Cristiano fiel, te viste alli proscrito,  
Cual reo de otro redil para otro cielo.*

*Enamorado de Colombia heróica  
Y viendo, al culminar de tu carrera  
Sobrevenir el caos, el cataclismo,*

*Triste, incapaz de interferencia estóica  
Tu propio ideal, temiendole quimera,  
Ahogaste dei letargo en el abismo.*

Pombo, tradutor de Saldanha, pouco conhecia o seu doloroso romance, por isso que escutava as lacunosas informações do plenipotenciário brasileiro, José Augusto Ferreira da Costa. Emérito pesquisador, escaparam-lhe, contudo, a este ultimo, muitíssimos detalhes da existencia de Saldanha em Bogotá, onde permaneceu durante sete annos, vindo a fallecer em Março de 1832. Miguel Antonio Caro compoz um magistral soneto, em que a sombra do nosso desgraçado republicano de 1824 fallava a Ferreira da Costa:

*Cruzando ásperos cumbres y desiertos  
Llegas tarde al lugar donde mi vida  
En honda soledade se vió extinguida  
Astro apagado em pielagos inciertos.*

*No sobrevive quien de mi te hable  
Ni una cruz ni una piedra que mi fosa  
Indique en la extension dei campo-santo • .*

Mas, todos quantos se têm referido com emoção e carinho á memoria impolluta de Saldanha, desconhecem aquella missão dos bolivaristas brasileiros. Dos escriptores bogotenses que a elle se referem, nenhum faz allusão a tão notável episodio da sua atribulada vida. Nem mesmo os irmãos Ortiz, que tanto o amaram.

Fica, assim, este capitulo encerrado aqui, sem epilogo. E convocam-se os curiosos da historia, para a elucidação dum ponto de tanta relevancia. A missão de Saldanha, afinal mallograda, precisa ainda ser esclarecida, para que se estabeleça, dum modo mais nitido, um nexo real e directo entre o immenso Bolivar e os nossos sonhadores republicanos de 1817 e 1824...

Santa fê de Bogotá, Março de 1924.

ARGEU GUIMARÃES





## RAINER MARIA RILKE

---

I A' faz alguns annos que André Gide traduziu para a Nouvelle Revue Française, trechos escolhidos do "Cahiers de Malte Laurids Bridge." Pouco se falou, nessa época, de Rainer Maria Rilke, o autor, então secretario de Rodin em Paris-Maurice Betz continua hoje o gesto obscuro de Gide, prefaciando e publicando, na pequena collecção de "Les contemporains", algumas paginas ainda dos mesmos cadernos.

Esse tcheco-slovaco talentoso só agora começa a ser lido em França. E', portanto, para muitos uma revelação.

De sua vida e de sua pessoa pouco se conhece. Sabe-se apenas que nasceu em Praga no anno de 1875.

Viajou depois de moço pela Allemanha, Austria e afinal Rússia antes de arribar em Paris. Dizem seus biographos que sua estada na Rússia teve, sobre sua obra, influencia capital. Vem quem sabe dahi esse mysticismo e essa melancolia de certos capitulos.

Lyrismo e mysticismo. São essas, effectivamente suas melhores características. Mas é necessário que nos entendamos sobre o sentido da palavra lyrismo. Porque não se encontra em Rainer Maria Rilke, nem a verborragia, o entusiasmo romântico, nem a quinquilharia imaginosa dos symbolistas. Para mim o lyrismo é a expressão exacta do sentimento profundo, a justeza dessa expressão e a pureza da imagem, quero dizer a imagem nua.

Rilke nunca força a nota. A imagem é nelle dinamica.

A necessidade de comparar para julgar, levou os criticos a falar em Girandoux e em Jules Renard. Ha com effeito um paren-

tesco entre elles, sendo que Rilke não tem o preciosismo de Girandoux nem a ironia massacrante e synthetica de Renard. Rilke é mais sentimental, mais allemão. Tem essa coragem de que fala Mario de Andrade.

Sua obra que comprehende uma dezena de volumes forma uma serie de pequenos poemas em prosa, saturados de emoção e de sensibilidade. Os "Cahiers de Malte Laurids Bridge" são uma especie de auto-biographia.

"C'est donc ici que les gens viennent pour vivre? Je serais plutôt tenté de croire qu'on meurt ici." Primeira phrase de exilio.

Rilke chegou a Paris e seu primeiro passeio é uma amarga desillusão. A miséria, a tristeza das casas, dos hospitaes negros, do céu abafado. O espirito amante do sonho e da meditação encontra nessas ruas estrangeiras mil assumptos de poesia.

Eis que desce a noite. O poeta em seu quarto não consegue dormir. Aqui apparece uma das melhores imagens dynamicas que conheço: "Les tranways électriques roulent en sonnand á travers ma chambre- Des automobiles passent sur moi." E' a oppressão do medo. "Une porte claque." E segue uma maravilhosa analyse das sensações que todos nós tivemos num pequeno quarto de um pequeno hotel numa pequena rua transversal de uma grande artéria. Aíás ha outra cousa peor do que o barulho : o silencio.

Pouco a pouco o poeta se acostuma á cidade. Aprende a ver. O interesse, porem, do que encontra não é sufficiente para tirarlhe do espirito a idéa fixa da morte e a angustia que lhe traz essa idéa.

"Cet excellent hotel est très ancien. Déjà l'époque du roi Clovis on y mourait dans quelques lits. A présent on y meurt dans 559 lits. En série bien entendu."

Essa ironia, Dem différente da de Renard, é profundamente sarcastica e dolorosa- Não é como em Renard, uma simples palavra, ás vezes uma phrase que fere rapidamente e que uma graça alegre cura logo depois. Rilke insiste. Paginas e mais paginas no mesmo to:n. Traduzo uma das mais caracteristicas :

" Nos sanatoriuns onde se morre com tão boa vontade e reconhecimento para com os médicos e enfermeiros, morre-se geralmente de uma dessas mortes que são as especialidades da casa ; isso é muito bem notado. Quando se morre em casa, é natural que se escolha essa morte bem educada e de boa sociedade com a qual se inaugura um enterro de primeira classe, etc....

Os pobre param então deante das casas e fartam-se desses espectáculos.

A morte delles é naturalmente banal, sem historias. Consideram-se felizes em achar uma que os vista mais ou menos.



Ella pode ser muito larga: a gente cresce sempre um pouco. E' só quando ella não se fecha sobre o peito ou quando ella estrangula que a gente se sente triste".

Mas eu nem pensava me alongar sobre esse assumpto. Como disse no principio, as melhores características de Rainer Maria Rilke são o misticismo e o lyrismo. E é por isso sobretudo que elle é grande e é poeta.

Com 29 annos o poeta faz um primeiro exame de consciência. Nada lhe aconteceu ainda. O que escreveu lhe parece inferior. Nisso elle se differencia de nossos numerosos artistas que com 18 annos já imaginam ter um livro definitivo. Esses devem ler com attenção a definição que Rilke dá da poesia e que me parece uma das melhores. Até então o poeta havia escripto um grande ensaio, um drama e versos. Versos de mocidade que significam tão pouca cousa! Eis esse trecho extraordinário.

"On devrait attendre et récolter de l'âme et de la douceur toute une vie durant, si possible une longue vie durant; et puis, enfin, très tard, peut-être saurait-on écrire les dix lignes qui seraient bonnes. Car les vers ne sont pas comme certains^ croient, des sentiments (on les a toujours assez tôt), ce sont des expériences. Pour écrire un seul vers, il faut avoir vu beaucoup de villes, d'hommes et de choses, il faut connaître les animaux, il faut sentir comment volent les oiseaux et savoir quel mouvement font les petites fleurs en s'ouvrant le matin. Il faut pouvoir repenser à des chemins dans des régions inconnues, à des rencontres inattendues, à des départs que l'on voyait depuis longtemps approcher, à des jours d'enfance dont le mystère ne s'est pas encore éclairci, à ses parents qu'il fallait qu'on froissât lorsqu'ils vous apportaient une joie et qu'on ne la comprenait pas (c'était une joie faite pour un autre), à des maladies d'enfance qui commençaient si singulièrement par tout de profonde et graves transformations, à des jours passés dans des chambres colme» et contenues, à des matins au bord de la mer, à la mer elle-même, à des mers, à des nuits de voyage qui frémissaient très haut et volaient avec toutes les étoiles, — et il ne suffit même pas de savoir penser à tout cela. Il faut avoir des souvenirs, etc\_\_\_\_\_Il faut encore avoir été auprès de mourants, être resté assis auprès de morts dans la chambre avec la fenêtre ouverte et les bruits qui venaient par à-coups. Et il ne suffit même pas d'avoir des souvenirs. Il faut savoir les oublier lorsqu'ils sont nombreux et il faut avoir la grande patience d'attendre qu'ils reviennent.

Car les souvenirs eux mêmes ne sont pas encore cela. Ce n'est que lorsqu'ils deviennent en nous sang, regard, geste, lorsqu'ils n'ont plus de nom et ne se distinguent plus de nous, ce n'est qu'alors qu'il peut arriver qu'en une heure très rare, du milieu d'eux se lève le premier mot d'un vers".



Essa concepção lembra uma frase de Baudelaire de "Mon cœur mis à nu", na qual elle pede a Deus a força e a coragem de escrever um bello verso. Ambos conseguiram ir além da modesta e orgulhosa ambição.

De vez em quando nesse jornal intimo apparecem paginas de duvida religiosa e philosophica que acabam numa amarga e irônica interrogação.

"Et encore: est il possible qu'on croie pouvoir avoir un Dieu sans l'user?"

E seu desespero continua até o fim do volume no mesmo tom de "complainte" que attinge ás vezes a doçura verlainiana. Assim a imagem seguinte — "il pleut dans mes yeux" — é comparavel aos versos celebres de L'elien.

Il pleure dans mon cœur  
comme il pleut sur la ville.

Mesma construcção. Mesma emotividade. Penso que seja Verlaine seu parente mais proximo. Um Verlaine prosador da época de "Sagesse" que tivesse passado pelo modernismo.

Paris—Maio—24.

SERGIO MILLIET





## AINDA O DICIONARIO DE C. DE FIGUEIREDO

**A**LGUMAS pessoas, que se deram ao trabalho de lêr o nosso ultimo artigo no numero de Março da "Revista do Brasil", parecem não estar ainda bem convencidas de que o dicionario do Sr. Candido de Figueiredo é um repositorio de erros, inexactidões, tolices e disparates e a prova mais cabal de que ao seu autor faltam os requisitos indispensáveis para obra de tão grande vulto. Não é tarefa difficil, nem desagradavel, tirar-lhes as ultimas illusões, analysando em outros pontos e vocábulos o que se procura impingir como dicionario da nossa língua. Nesta época de vida cara, praga nos cafezaes e horizontes sombrios, é até obra de misericórdia desopilar-lhes o figado. E hão-de convencer-se de que o Sr. Candido de Figueiredo faz coisa capaz de divertir muitas gerações.

*Acacia* — Arvore ornamental da familia das leguminosas.

Está errado: acacia é um genero de plantas da familia das leguminosas, com mais de trezentas especies, algumas das quaes são arbustivas. Além disto, as acacias arbóreas não são apenas ornamentaes, mas productoras, sobretudo, de excellente madeira e, como taes, consideradas essencias florestaes.

*Aceiro* — Faixa de terra arroteada, dentro ou em volta das herdades, para evitar a communicação de fogo ou facilitar o transito de carros.

..



Aquelle *arroteada* foi que estragou o negocio. O proprio Sr-Figueiredo diz que arrotear é desbravar, para cultivar. Ora, em geral, os aceiros ficam incultos, mesmo porque, se não ficassem, havia de ser interessante assistir á passagem de carro pelas suas culturas.

*Angú* — Farinha de mandioca cozida.

Não é, mas ainda que o fôsse, o angú de farinha de milho atrapalharia o Sr. Candido, o que seria uma lastima. O angú é feito, geralmente, com fubá de milho. O homemzinho confunde angú com pirão.

*Angico* — Especie de acacia do Brasil.

Angico não é do genero *Acacia* e sim uma *Piptadenia*, que se encontra em outros paizes da America do Sul. No mais, está certo.

*Aspidosperma* — Arvore do Brasil, de ramos chatos ou curvos e casca saborosa.

E o homem a dar-lhe! Não é arvore, mas sim um genero da familia das Apocynaceas. Quanto a achar saborosa a casca (provavelmente o Sr- Candido roeu a da *peroba*), só lhe dizemos que ha gente que prefere lamber sabão.

*Bambú* — Arvore graminea da índia.

Aqui, só se acha a graminea, porque não é arvore e nem da índia. No genero, ha especies originarias da índia, China, Japão, Madagascar, Ilheos, Mascarenhas, Brasil, etc.

*Bastio* — Prov. alent. Moita espessa; aglomeração de arvoredos ou plantas.

Em primeiro lugar, não é provincianismo alentejano, mas sim um termo usado em todo Portugal e faz parte da terminologia florestal. E' o massiço florestal constituído por individuos novos, ainda guarnecidos de ramos desde a base. E' o *gaidis* dos francezes e o *periticaie* dos italianos.

*Biochimico* — Diz-se de um processo, com que o microbiologo Koch pretende poder aniquilar o bacillo tuberculoso.

*Dis-se*, não senhor; dil-o única e exclusivamente o Sr. Candido, pois não acreditamos que haja outra pessoa que enuncie tanta tolice em tão poucas palavras- Se Koch fôsse vivo, era capaz de pretender aniquilar-lhe o toutiço!

*Binoculo* — Óculo duplo, usado principalmente em espetáculos públicos.

O homem foi ao theatro, viu binoculos e zás... não esteve com meias medidas!

*Branco* — Que tem a côr da neve ou do leite.  
Quem sabe se é por isto que nos chamam de raça branca?

*Canudo* — Tubo, geralmente comprido.  
Não ha duvida de que esta vida é um canudo... por ser comprida.

*Carbone* — Corpo simples, que se não pode decompor, e constitue o carvão, o diamante, a madeira, etc.

Era a altura de mandar fazer uma boa palmatória de cabreuva, chamar o Sr. Candido e dizer-lhe: Toma lá carbone!

*Capoeira* — Mata, que se roça ou é destinada a roçar-se.  
E' a matta reconstituída pela rebentação das touças das arvores que formavam a matta primitiva ou virgem.

*Carpa* — Acto de carpir a cana de açúcar.  
E nós, pobres fazendeiros, a luetar com a falta de braços para carpir o café e a pagar a 80\$000 e 100\$000 a carpa!...

*Cica* — Pequena e bonita palmeira, cultivada especialmente em jardins (Talvez do tupi).

Mas, homem de Deus, onde foi vossemecê *cavar* o tupi? *Cycas* é o nome botânico do genero (*Cycas revoluta*, *C. circinalis*), da familia das Cycadaceas, de que todas os especies são arbóreas, algumas com 20 metros de altura.

E' o que lhe digo, Candido amigo, quem se mette a fazer dictionarios precisa ter alguma cultura, além de saber se *apesar* é com s ou com 2.

*Citrino* — Que tem côr de cidra.  
Não, senhor; que tem côr de limão-

*Cobra* — Serpente, que não é venenosa.  
Por isso, dizemos cobra cascavel, e os portugueces davam á *Naja tripudians* o nome de cobra capello, ainda hoje usado pelos inglezes, na índia.



*Curcutaceas* — Família de plantas, formada á custa das convulvulaceas.

Que trapalhada! Não é família, é ordem e querem alguns autores incluí-la como sub-ordem das convulvulaceas.

*Floresta* — Mata grande. Sitio umbroso. Retiro campestre.

O "retiro campestre" define o homem.

*Fluorhydrico*. — Diz-se de um acido, formado pela combinação do hydrogenio com uma base.

Logo o flúor é uma base, que se combina com o hydrogenio e, segundo o Sr. Candido, forma o acido fluorhydrico!!

*Franças* — Os ramos mais altos das arvores; rama do arvoredo.

E' o conjuncto das ramificações menores da copa-

*Gusano* — Verme, que se produz na madeira e a fura (teredo navalis)- Verme que se cria nas substancias em decomposição.

O *teredo navalis*, de Linneu, não é verme, Sr. Candido; é um mollusco bivalve, marinho, siphonidio, que abre galerias na madeira mergulhada e a destroe com uma rapidez espantosa. Ahi, nos portos de sua patria, devem conhecê-lo e poderão dar-lhe a descrição do bicho. Aproveite, aprenda e deixe-se de fazer dicionarios.

*Jacaré* — Especie de crocodilo; caimão.

Jacaré é uma coisa, e crocodilo outra.

*Lepidoptero* — Diz-se de uma classe de insectos, que passam por metamorphoses completas desde o estado de ovo ao de borboleta.

Não é classe, mas sim ordem, o que, em zoologia, tem muita importancia. Além disto, ha insectos com metamorphoses completas, que não são lepidopteros.

*Listerina* — Brasileirismo — Medicamento prophylatico e desinfectante.

Nunca foi brasileirismo. E' um antiseptico assim denominado pelos inglezes em honra do grande cirurgião J. Lister.

*Mergulhia* — Acto de enterrar o mergulhão da vide, para reprodução da videira-



E' um dos processos de multiplicação artificial das plantas (estaca, mergulhia e enxertia), com a vantagem também de mostrar a quanto chega a ignorancia do Sr. Candido.

*Paulista* — Habitante do Estado de S. Paulo.

Nunca! Ser natural de S. Paulo é muito differente de ser seu habitante.

*Pampas* — Grandes planicies da America meridional, entrecortadas por bosques de palmeiras.

Os bosques de palmeiras representam uma simples liberdade poética. O homem, na poesia, é um bicho!

*Periscopio* — O mesmo que caleidoscopio.

Quem vir o que elle diz de caleidoscopio fica com idéa perfeita de periscopio. Simples e ameno.

*Picada* — Caminho estreito, ou atalho, em linha recta, através do mato-

O' filho, se fazes uma picada torta, saes do dictionario!

*Quincunce* — Plantação de arvores disposta em xadrez, sendo uma em cada canto e uma ao centro.

Foi por ter visto uma plantação de abacaxis em quinconcio que o patricio do Sr. Candido lhes chamou arvores.

*Sertão* — Logar inculto, distante de povoação ou de terrenos cultivados.

Estavamos nós convencidos de ter uma fazenda de café no sertão da Noroeste, proximo á povoação da Corredeira, e vem o Sr. Candido e tira-nos a illusão... Malvado!

*Talhadia* — Operação de arboricultura, que consiste em desbastar os braços das arvores ou cortal-os na extremidade.

Vamos por partes. Não é operação: é um processo de exploração; não é de arboricultura, mas sim de sylvicultura (se o Sr. Candido não sabe fazer distincção entre uma coisa e outra, aprenda); e, finalmente, não consiste em cortar braços de arvores, mas sim em cortar as próprias arvores, baseando-se na faculdade que algumas têm de se reproduzir por meio de vergontes, brotos ou rebentões. E' o *taillis* dos francezes, *coppice* dos inglezes, *ceduo* dos italianos e *monte bajo* dos hespanhóes.

E continuaremos, se a tanto nos permittir a praga do café.

ED. NAVARRO DE ANDRADE





## BAGATELAS

---

### CAUSA MORTIS

*Pranteia pelos mortos todo o dia  
O filho, o irmão, o noivo... a parentela;  
E agora a mãe, como chorou Maria,  
E chora o pae, como chorou Varela.*

*Carpe o sobrinho, o avô, a sogra, a tia,  
Até o marido... quando a esposa é bella;  
E todos culpam disso a morte fria,  
E todos deitam maldições sobre ella.*

*No emtanto, a culpa é mal attribuida  
Por quem encara a morte como um drama,  
Nesta existencia... ou antes nesta lida.*

*O que nos mata, morte não se chama,  
Porque, se os males nos provém da vida,  
Quem mata é a vida. ..ca morte leva a fama!*



## PERCENTAGEM

*Novos tempos! Novos ares!  
Da moral não ha nem restos!  
Hoje, em cem homens vulgares,  
Só se encontram dez.. .honestos.*

## O IMPOSTO SOBRE A RENDA

*Esse imposto sobre a renda,  
Que a fortuna alheia esbulha,  
E' provável Que compreenda  
Todo trabalho de agulha...*

## PERGUNTA

*Peço a qualquer cozinheira  
Que me demonstre a razão,  
Pela qual o caldeirão  
E' menor do que a caldeira...*

## ROSAS SEM ESPINHOS

*Não ha rosa sem espinho,  
Diz um adagio sedição,  
Mas eu, tendo o teu carinho,  
Rosa, não creio nisso...*

*Nas rosas de tua face,  
Que medram nessas covinhas,  
Um só espinho não nasce,  
Mas nascem muitas espinhas...*

## ZAROLHA

*Zarolha, tenho desgosto,  
Por seres tão desleal!  
Para mim volves o rosto,  
E olhas para o meu rival!*

RODRIGUES CRESPO





## CARTAS DO ALMIRANTE NOGUEIRA

---

N.º 19

*Tres Boccas, 3 de Maio de 1866.*

Depois da minha ultima carta (26 de Abril) nenhum movimento tem havido na esquadra. O mesmo não tem acontecido no exercito. Todos os dias nossas avançadas têm tiroteado com as do inimigo, ouvindo-se daqui sempre os tiros. Hontem, então, o negocio foi mais serio. Pouco antes do meio dia começamos a ouvir tiros muito seguidos, de artilheria e fusilaria, que duraram quasi até ás duas horas. Hoje soubemos ter o inimigo em grande numero atacado a guarda avançada, que deve ser a gente do Flores, que foi reforçado e levou o inimigo de corrida até alem das suas trincheiras. Tivemos poucos mortos, porem muitos feridos, sendo que os contrários deixaram o campo coberto de cadaveres, orçados em mais de dois mil. O heroe do dia foi o Flores, que teve um cavallo morto. O nosso 7.º Batalhão de linha portou-se heroicamente, o que já fez em Jatahy. Os inimigos nos tomaram quatro peças, das quaes duas foram retomadas; alem dessas tomamos mais tres, deixando entre elles alguns prisioneiros. O Lopes, que devia comandar o ataque, não compareceu por incommodado, e o official que veio em seu lugar foi morto. O tratante adivinhou! Estas noticias são as que correm pela esquadra, não sabendo eu com certeza tudo quanto se passou.

---

NOTA — Vide os números 96 e 101 da "Revista do Brasil".

*Tres Boccas, 10 de Maio de 1866.*

Durante esta semana nada de novo tem havido a não serem tiros de artilheria dos exercitos que se acham ainda nas mesmas posições, muito proximos um do outro. Dizem que não se marcha por falta de gado para o Mitre. O que é verdade é que nada fazemos; vão-se passando os dias, o Brazil dispende rios de dinheiro e nós marchando de vergonha em vergonha. Temos vencido sempre porque a Divina Providencia nos tem protegido. Se no fim desta guerra o governo levantar o véo que cobre os mysteriosos segredos dos nossos grandes homens... muita miséria apparecerá.

Pouco a pouco vêm vindo os navios do Passo da Patria para aqui, porem a nossa chefança ainda por lá se acha, fazendo o que, ignoro.

Melhor informado hoje, vou contar-lhe o nosso ultimo combate.

As avançadas dos dois exercitos estão á falia. No dia do combate achavam-se quatro peças nossas collocadas entre dois batalhões de voluntários; mais á esquerda o exercito de Flores; um pouco á retaguarda o nosso exercito e o de Mitre. Os dois batalhões estavam de armas ensarilhadas e descarregadas, com os soldados, como é costume, dispersos. Pelas dez horas, pouco mais ou menos, os Paraguayos atacam de improviso os dois batalhões e a gente do Flores, emquanto a sua cavallaria, muito a salvo, toma as quatro peças que ninguém defende e as carrega para seu acampamento. A nossa gente não pode formar e veio corrida para o grosso do exercito, com excepção do 7.º batalhão de linha, que formando quadrado, assim foi recuando, pelo que perdeu duzentos homens. Os Paraguayos arrancaram até as barracas dos nossos soldados e mataram também vinte e duas mulheres das muitas que acompanham o exercito.

Quando nossa gente tomou folego e avançou, o inimigo foi levado até suas trincheiras e ficou tudo como antes.

Tivemos mil e oitenta e tantos homens fóra de combate, sendo cento e tantos mortos, e do inimigo dizem que se tem enterrado mil e setecentos, havendo também feridos e prisioneiros, porem, em pequeno numero, pois como já lhe disse os nossos não deram quartel, matando a valer.

As nossas quatro peças não foram retomadas; tomamos, sim, duas ordinarias, que elles depois trouxeram para nos bater.

A cavallaria da Guarda Nacional do General Netto portou-se muito bem, embora tivesse de montar em pello, por não ter tido tempo de ensilhar os cavallos.

Dizem que as nossas mulheres agarraram um Paraguayo e o mataram a murros e dentadas.

Ante hontem perdemos um coronel que passava revista ás linhas.

Todos os dias os Paraguayos nos gritam: — "Cambais, venham buscar as suas peças". *Cambais* significa escravo ou negro.

O Lopes não tem vinte mil homens; nós temos mais de cincoenta. Estão os dois exercitos á falia e não atacamos. Que dizer d'isto? Os mosquitos não me deixam escrever e também nada mais tenho a contar.

*Tres Boccas, 17 de Maio de 1866.*

Desta vez nada lhe posso dizer sobre a guerra, porque nada houve depois da minha carta de 10. Isto também não vae a matar; quem anda muito, cança. A 17 de Março sahimos de Corrientes; um mez depois,



tomamos a ilha de Itapirú, pois, como mandei dizer, foi nesse dia que os Paraguayos abandonaram a ilha e nós içamos no forte as bandeiras allia-das. Faz hoje um mez que isso aconteceu; estivemos descançando e agora vamos subir para batermos as fortificações de Curupaity, o que talvez se realize lá para Junho; em Julho é provável que estejamos em Humaytá, e, assim, só em Agosto ou Setembro chegaremos a Assumpção. A pre-guiça não marcha mais depressa. O Lopes, não querendo talvez poupar seus soldados, enviou contra nós um enxame de moscas que nos tem infer-nizado muito. Comemos e bebemos mosca.

N.º 22

*Rio Paraguay, 24 de Maio de 1866.*

Pelas nove horas da noite de 19 recebi ordem de estar ás seis da manhã prompto para entrar em fogo. Convites desta ordem nada tem de agradável.

O exercito, sem pasto e lenha no lugar em que se acliava acampado, devia atacar o inimigo para poder seguir para diante, e ao mesmo tempo a esquerda subiria para atacar o Curupaity.

Com effeito, logo que foi amanhecendo rompeu no exercito o fogo da artilheria, que não durou muito. Depois das sete horas a esquadra sus-pendeu e seguiu pelo rio Paraguay na seguinte ordem: couraçados "Bahia", "Barroso", "Brazil" e "Tamandaré" e vapores "Parnahyba", "Belmonte", "Beberibe", "Ivahy", "Itajahy", "Ypiranga", "Iguatemy", "Araguary", "Mearim", "Henrique Martins", "Greenhalgh", "Chuy", "Araguary", "Lyndoia". "11 de Junho" e "Voluntários da Patria", duas chatas armadas com peças de 68 cada, e uma canõa grande com duas peças de bronze; no "Magé" ia o Almirante com a sua bandeira de guerra. Na bocca da lagoa onde nós estivemos fundeados nos dias da passagem, ficou o "Magé" e tudo mais da "Araguary" para baixo, fundeando os outros navios mais acima.

Ao meio dia çegaram aonde nós estavamos o "Magé" e os outros navios e ahí fundearam, suspendendo e seguindo aguas acima os coura-çados "Ivahy", "Ypiranga". "Iguatemy", "Magé", "Lyndoia" e "Volun-tários da Patria" rebocando uma chata com munições. Chegamos a avistar as barracas do Curupaiti, estando o rio fechado com estacas e talvez cor-rentes. Vimos nessa occasião o inimigo metter no fundo um casco e tra-balhar na estocada. O "Magé" que seguia na minha pôpa encalhou. Imme-diatamente alguns Paraguayos escondidos no matto principiaram a fazer fogo de fusilaria, contra elle, e depois também contra nós. Quando as balas começaram a cahir, algumas a bordo e outras perto ou por cima, mandei sentar toda a gente, para diminuir o alvo. O Almirante ordenou-me que fizesse alguns tiros de metralha até calar a fusilaria, o que consegui com onze tiros. Tendo sido o "Magé" desencalhado pelo "Brazil", ao escurecer descemos e fundeamos todos uma légua abaixo onde ainda estamos.

Soubemos que o exercito quando avançou só encontrou dois ou tres batalhões inimigos, que se raspam, com perda de uns vinte homens.

N.º 23

*Rio Paraguay, 28 de Maio de 1866.*

Estou prompto para sahir a todo o instante, com mais alguns navios, afim de proteger a passagem do exercito do Barão de Porto Alegre, a qual será, segundo parece, na Tranqueira do Loreto ou outro qualquer ponto

do Alto Paraná. Quando lhe escrevi no dia 24 disse-lhe que se ouvia vivo canhoneio. Eis o que foi: O exercito alliado devia atacar nesse dia, a uma hora; o inimigo, porem, avisado, atacou-nos primeiro, ás onze, tendo Lopes embriagado os seus homens. O combate foi terrível, mas o dia foi dos Brasileiros que se bateram como leões, sendo Osorio o heroe. Tivemos talvez quatrocentos mortos e mil e seiscentos feridos, pouco mais ou menos, isto só Brasileiros, e até hoje já enterramos ou queimamos seis mil e quinhentos cadaveres de inimigos e dizem que não é tudo. Não se admire desta carnificina, visto que nada poude conter os nossos soldados. Só puderam escapar, prisioneiros feridos, treze paraguayos. O inimigo nos atacou em numero de dezoito mil homens, mais ou menos. Os generaes Osorio e Sampaio, muitos commandantes de corpos e muitissimos officiaes ficaram feridos. Dizem que, achando-se o Osorio e o Flores juntos, a dar ordens, foram envolvidos pelos paraguayos, e tendo já Flores a espada quebrada, Osorio, desesperado, esquecendo-se da sua, agarra no chicote pela ponta e com o cabo foi quebrando cabeças de paraguayos e assim livrou-se. O Osorio ainda teve um cavallo morto. O governo não podia encontrar general mais valente para commandar mais valente exercito. Os voluntários têm brilhado. Infelizmente, porem, a victoria não foi tão completa como podia ser, por estar a nossa cavallaria a pé, graças á peste que dizimou os animaes. A cavallaria Correntina, que se achava bem montada, fugiu logo que o inimigo nos atacou, e dizem que Osorio, indignado, dissera ao Mitre, que uma vez que sua cavallaria não servia, propunha-se comprar-lhe os cavallos a uma onça cada um para montar os nossos. O Flores ficou tão entusiasmado que, findo o combate, á frente do nosso exercito, deu vivas aos "leões brasileiros".

Constava que uns seiscentos paraguayos se achavam num capão cercados pelos nossos; appareciam de vez em quando para se entregarem, porem, eram recebidos a balas. Creio ser isto certo, porque ha pouco ao escurecer ouvi muitos tiros de artilheria; são esses infelizes, com certeza, que estão pagando com a vida as loucuras do Lopes. Entre os mortos achavam-se também algumas mulheres vestidas de homem.

29 de Maio.

Disseram-me hoje, não sei com que fundamento, que os Paraguayos fizeram hontem exercícios em frente ao nosso exercito e que ao escurecer Osorio mandou romper fogo contra elles; foi o fogo que nós ouvimos. As noticias do nosso exercito, mais depressa ahi saberão pelos jornaes do Rio do que mandadas por mim, pois basta dizer que nós ignoramos os factos que se passam na 1.ª e 3.ª divisão da esquadra, distante da 2.ª apenas uma légua.

N.º 24

Rio Paraguay, 7 de Junho de 1866.

Depois da minha ultima carta nada se tem feito, quer no exercito, quer na esquadra, á excepção de terem subido alguns navios pequenos pelo Alto Paraná, afim de trazer o exercito do Barão de Porto Alegre, que deve desembarcar no Passo da Patria, onde se acha o outro. Enquanto isso nós descansamos. Goso uma vida de malandro. Nada receio. A vanguarda está guardada pelos couraçados e demais navios; pela retaguarda o inimigo não vem, por conseguinte, só nos resta uma cousa — comer e dormir.



*Rio Paraguay, 15 de Junho de 1866.*

Desde o dia 24 do mez passado que estavamos no maior socego, quando ante-hontem á tarde ouvimos alguns tiros de artilheria, cousa de que já estavamos desacostumados, e hontem, desde as onze até depois da cinco, troou a artilheria que parecia fim de mundo. Não sei ao certo o que foi. Dizem que os dois exercitos, entrincheirados em frente um do outro, bombardearam-se hontem. Isto parece caçoada. Os homens que nos dirigem não se compadecem dos cobres da nação. O Paraguay é digno de fazer a guerra ao Brazil e o Brazil ao Paraguay. Quando eu disser que vinte navios de guerra, quatro dos quaes couraçados, todos bem guarnecidos e com formidável artilheria, fugiram de noite aguas abaixo, atropelladamente, só porque alguns inimigos escondidos no matto fizeram sobre elles alguns tiros de fusil, ninguém me acreditará, e no entanto foi coisa que aconteceu. Calar é melhor.

Reina na esquadra grande desgosto e insubordinação. A principio fiquei magro e envelheci e criei muitos cabellos brancos; hoje, porem, nem me lembro que estou em guerra e que o atrevido inimigo está perto; como e durmo e já estou engordando regularmente. Passo uma vida de verdadeiro malandro. Não imagina com que preguiça estou escrevendo esta carta. O que é verdade é que aprendemos isto com o Almirante, que só cuida de comer e passear.

*Rio Paraguay, 20 de Junho de 1866.*

Deus continua a nos proteger e nós, como sempre, continuamos sem vergonha. A noite de 15 foi chuvosa, o rio Paraguay encheu depressa, Trazido de proposito ou por acaso, appareceu na manhã de 16 um torpedo (machina infernal!) agarrado á prôa do "Bahia". Depois de aberto, viu-se que elle não explodiu por estarem húmidas as duzentas libras de polvora que continha. Por isto, talvez, desceram o "Bahia" a fundear junto do Almirante, e o "Tamandaré" para a bocca do rio, junto de uma ilha que tem um lugar chamado Cerrito, onde os paraguayos tinham uma guarda e o nosso grande Almirante quer fazer um arsenal ou não sei que maluquice. Acha-se portanto a esquadra fundeada da maneira seguinte: légua e meia, mais ou menos, abaixo de Curupaity está a "Mearim" e logo em seguida, proximos uns dos outros, o "Beberibe", o "Ypiranga", o "Barroso", o "Belmonte", o "Ivahy", o "Iguatemy", o "11 de Junho" (hospital de sangue) o "Aparim" em menor transporte em que tem o Almirante a sua residência, o "Bahia"; talvez uma légua abaixo, o "Magé", na bocca da lagoa Pires, da qual já lhe fallei e onde estivemos; e creio que no Cerrito o "Tamandaré", o "Itajahy" e o "Chuy". Os navios não estão como deviam, em linha, porem uns mais ao meio do rio e outros proximos á margem do Chaco, de maneira que eu fico pela prôa e proximo ao "Aparim", a um quarto de légua distante da vanguarda.

Diz um antigo adagio — não ha bem que sempre dure e nem mal que nunca se acabe. Isto é verdadeiro. Principiando esta carta dizia eu que passava vida de malandro, a comer e dormir. Infelizmente tudo se vae mudando; ainda como regularmente, mas quasi não tenho dormido estas duas noites. Pela trez e meia da manhã de hontem fomos despertados por alguns tiros de espingarda, dados na vanguarda e pelos toques de corneta nesses navios, chamando as guarnições a postos. A noite favorecia a surpresa, porque estava excessivamente fria e neblinada. Felizmente nada succedeu. Occasionou este alarme o facto dum escaler de ronda na vanguarda



ter avistado um vapor inimigo muito proximo d'elle logo que a neblina se esvaeceu. Immediatamente deu os tiros de signal e raspou-se. O inimigo, vendo-se presentido, puxou com a trouxa. A ser isto verdade, foi grande atrevimento.

Depois das onze horas da noite o "Magé" queimou um foguete de signal; em resposta, outro o "Apa"; isto quer dizer — attenção que o inimigo está em movimento. Já se vê que com um convite destes o somno löge. Depois da meia noite tocam a postos na vanguarda. Preparamo-nos, porem ainda desta vez o inimigo nos assustou apenas. Vimos vir aguas abaixo um grande fogaréo que supuzemos algum brulote, o qual apagou-se ainda lá por cima. Mandeí retirar a gente ás três horas e só pude passar pelo somno de manhã. Soubemos hoje que o tal fogaréo foi um barril com alcatrão e palha que o Lopes nos enviou. Também foi apanhado mais um torpedo pelo "Araguay". Já vê portanto que agora a festa é connosco.

Em terra continua o Lopes a fazer fogo quasi diariamente sobre o nosso exercito, com artilheria de 68. Apezar disso nós continuamos no mesmo lugar e com a mesma impassibilidade.

21 de Junho.

O torpedo de que hontem fallei, foi pescado por acaso em baixo do "Araguay" e estava com duas espoletas arrebetadas; tinha, porem, a polvora húmida. Ainda não se sabe com certeza se tem elles vindo com as aguas ou trazidos de proposito. O que é interessante é que o "Tamarandé", na prôa do qual se arranhou uma rede e não sei o que mais, para pescar torpedos, anda lá por baixo, enquanto que estes se apanham cá por cima. As nossas cousas são todas assim.

N.º 26

*Rio Paraguay, S de Julho de 1866.*

Estamos em maré de torpedos. Depois da minha ultima carta, quasi todas as noites nos vêm torpedos mandados pelo Lopes. O primeiro delles vinha em uma canôa rebocada por outra, e como estivesse a noite muito neblinada, encontraram-se com um escaler de ronda e, perseguidos, deixaram vir o torpedo na canôa rio abaixo. O "Araguay" o apanhou. Este torpedo devia rebentar por meio de fios que ficavam nas mãos dos paraguayos. O segundo rebentou casualmente muito acima dos navios, notando-se nos destroços da canôa, sangue e pedaços de carne. Voaram os que o traziam. O terceiro também vinha em canôa e rebentou distante dos navios. Mais três rebentaram distantes dos navios e sem os offender. Com os dois de que fallei na minha ultima carta, fazem já oito, dos quaes, a divina providencia nos tem livrado. O que mais admira é que o torpedo vem depois de uma hora da madrugada e quasi sempre com luar. Isso nos incommoda porque é necessário empregar a maior vigilancia durante a noite. Hontem á tarde appareceram alguns paraguayos no matto em frente ao "Apa"; é provável que breve tenhamos por cá artilheria. Estamos á espera do exercito do Barão de Porto Alegre para atacarmos o Lopes, que só tem dez mil homens, segundo dizem.

N.º 27

*Rio Paraguay, 12 de Ju-lho de 1866.*

Na minha carta de 5 do corrente lhe disse que breve seriamos incommodados com mais alguma cousa alem dos torpedos. Mais depressa do que



esperava realisou-se o vaticínio. Nessa mesma noite, ás onze e meia, rebentou um torpedo e logo em seguida ataçaram do matto alguns foguetes á Congrève contra os navios da vanguarda, os quaes logo responderam com metralha. De quinta-feira para cá, a qualquer hora do dia que avistam gente nos navios da vanguarda, atiram foguetes e fazem fogo de fusilaria. Felizmente nada acontece de mal. Os torpedos continuam como antes a nos serem lançados de dois em dois dias.

Do exercito do Barão de Porto Alegre já nos chegou parte da infantaria mas não sei quando virá o resto.

N.º 28

*Rio Paraguay, 19 de Julho de 1866.*

Depois da minha ultima carta muitos factos se têm dado, que verá dos jornaes, não podendo eu, infelizmente, por não ter bastante conhecimento delles, noticial-os como queria.

A esquadra continua a ser atormentada pelos torpedos do Lopes, tendo havido noites de dois e tres; um delles, rebentando proximo a um escaler do "Ypiranga", matou oito homens, inclusive o 1.º Tenente Couto. A' maior vigilancia da nossa parte oppõem elles maior ousadia. Nós sabemos a razão disso, mas, o Brazil inteiro o ignora. Infeliz daquelle que disser a verdade.

Na segunda-feira, ao amanhecer, desordenadamente como de costume, a esquadra suspendeu e seguiu aguas acima. Preparavamo-nos para atacar o Curupaity, quando o Almirante fez signal de descer e fundear onde nos achavamos; o resultado desta evolução foi passar para a retaguarda o "Berberibe" que estava na vanguarda e onde pretende estabelecer seu aposento nocturno e em seguida desapparecer daqui, deixando-nos de bocca aberta. O General Polydoro assumiu o commando em chefe do exercito, substituindo o Osorio que por doente se retirou. As operações tomaram nova feição. De sabbado para cá o fogo não tem cessado; na noite de segunda-feira foi medonho; não cessou um só instante o fogo de artilheria. Hontem ao romper do dia começou um combate, que foi terrivel, com fogo durante cinco horas. A victoria foi nossa; as perdas, grandes. O combate deu-se proximo á esquadra. Deveríamos subir, atacar e tomar Curupaity e talvez quem sabe! acabar a guerra. Infelizmente um homem fatal transtornou tudo. O almirante não estava na esquadra e nem deixou instrucções. O chefe Elisiário mandou-lhe dar parte do que se passava, e não obteve resposta. Não quiz, portanto, tomar sobre si a responsabilidade. A esquadra ficou fundeada, perdendo a melhor occasião. Vergonha! E' a homens destes que cegamente o Brazil entrega seus destinos... A' noite deu signal de si; mandou-nos um boletim, noticiando o coihbate, dizendo ser nossa a victoria e mais nada. Basta. A indignação levou-me sem querer a fallar do homem que tem feito por mim alguma cousa.

N." 29

*Rio Paraguay, 2 de Agosto de 1866.*

Logo que aqui chegamos, um navio durante a noite ia de ronda uma milha para a vanguarda dos navios de frente, a impedir que fosse a esquadra surpreendida. Este serviço durou pouco: appareceram os torpedos, brulotes, foguetes, etc., que o Lopes nos mandou. No fim de muito tempo, novamente se estabeleceu o serviço de ronda na vanguarda dos navios. Por este motivo, os torpedos não attingiram mais a esquadra, porém não desap-

pareceram de todo, pois que o "Ypiranga" e "Araguay", quando de ronda, apanharam dois pela manhã.

Esta noite esteve horrorosa de chuva e vento, tendo-me tocado a ronda; esperava a todo instante ver rebentar na proa um torpedo ou ser abordado. A vigilancia foi grande, estivemos a postos debaixo d'agua. Tinha recebido ordem do chefe para de manhã ir mais acima a ver alguma cousa, sem comtudo expor o navio; com effeito, de manhã segui aguas acima, avisando logo duas canoas no meio do rio; segui a toda a força a ver se as apanhava; de uma delias, fugiram por terra os paraguayos, deixando fundeada a outra, que era um torpedo, e lá chegando fizeram com dois foguetes signal para o "Curupaity". Sendo imprudência tentar tomar ou fazer rebentar o torpedo e achando-me mui proximo á barranca e exposto a sua fuzilaria, arrumei-lhes tres tiros de metralha e vim aguas abaixo antes que fosse agarrado pelos navios Paraguayos, que se acham no Curupaity.

Já chegou o exercito do Barão de Porto Alegre; agora não sei o que falta para atacarmos: talvez vontade...

N.º 30

*Bordo da "Iguatemy", no Rio Paraguay, 27 de Dezembro de 1866.*

Já entrei oito vezes em fogo, em 22 de Março nas Tres Boccas, 20 de Maio abaixo do Cumori, 22 de Setembro no Curupaity, 27 de Novembro na lagoa Pires, e 19, 22, 23 e 24 do corrente na vanguarda da esquadra e protegendo o 2.º Corpo do exercito, sendo o fogo dirigido das baterias de Curupaity.

Como acaba de ver, desde o dia 19 me acho na vanguarda, protegendo o 2º corpo e a seiscentas braças das baterias inimigas, que ficam cobertas pelo matto. Occupo agora um lugar perigoso, porém de honra. Os paraguayos não me poupam, nem ao exercito e nem nós a elles. Até hoje, a "Iguatemy" tem brilhado na vanguarda e espero em Deus que não sairei daqui corrido.

No dia 19, fizeram-nos fogo á tarde; no dia 22, ás 9 horas e 40 minutos da manhã, sendo quasi todo dirigido sobre este navio, ao que respondi vivamente, dando só com tres peças cento e quarenta tiros de balas ocas em pouco mais de uma hora; no dia 23, ás 6 horas da manhã e finalmente a 24, ás 2 horas e 30 minutos da manhã. O fogo a esta hora, pela primeira vez, nos surpreendeu; julgamos tratar-se de ataque ao exercito, a esquadra toda preparou-se e a "Iguatemy", ao segundo tiro inimigo, respondeu tiro por tiro, isto porque já tenho falta de munições e na esquadra ha pouca.

Deixemos os paraguayos, emquanto acabo de escrever esta carta; depois irei conversar com elles, pois já me deram parte que se avistou uma sentinella delles, e eu não a deixo pôr o focinho de fóra.

O Joaquim José Ignacio tomou o commando da esquadra no dia 22 e o Almirante retirou-se a 23.

*30 de Dezembro.*

Conto mais um dia de fogo, isto é, o nono. Hontem, ás 2 horas e 45 minutos da tarde, romperam sobre nós o fogo, que terminou ás 3 horas e 35 minutos. Desta vez acertaram-me uma bala, que partiu pelo meio a verga do traquete que tinha amarrada no costado a estibordo. Tive mais outra avaria, uma bala ôca duma chata nossa, fundeada mais abaixo, rebentou na popa, causando um estilhaço pequeno prejuizo, não ferindo felizmente a praça alguma. Estas cousas não querem dizer nada: constatadas, e continua-se o fogo.

N.º 31

*Rio Paraguay, 31 de Janeiro de 1867.*

Desde a minha ultima carta de 30 do mez passado, não lhe tenho escripto, porque estabeleceu-se agora remetterem-se malas directamente para o Rio nos dias 1 e 15 de cada mez; não lhe escrevi no dia 15 porque o navio que sahiu foi o "Belmonte", o qual a esta hora talvez ainda esteja em Montevideo. Vou tratar de escrever uma longa carta ao Martim, a qual lhe remetterei para ler e enviar depois a elle.

Passemos agora á minha pessoa; com a bala que levei no dia 29, cesaram os paraguayos de fazer fogo durante o tempo que ainda me conservei na vanguarda, isto é, até 6 do corrente, não obstante eu os provocar todos os dias. Estive dezenove dias na vanguarda e durante esse tempo atirei aos inimigos tresentas e vinte e cinco balas ocas e mais dez tiros de metralha, tudo em troca de alguns sustos e uma bala no costado. No dia 8, houve dois reconhecimentos, um pelo "Curupaity" e outro pela "Lagoa Pires", dos quaes já deve saber. No da Lagoa tomou parte este seu criado e deu, sem ter a honra da resposta, apenas cento e oitenta e oito tiros com bala oca.

Por estes dias, a divisão a que pertence o meu navio entra de serviço na vanguarda. Lá vou com o chefe Joaquim José Ignacio a bordo.

N.º 32

*Rio Paraguay, 14 de Fevereiro de 1867.*

No dia 2 do corrente, houve mais um reconhecimento no Curupaity e na Lagoa Pires; aqui entrei eu no meu navio e ainda esta vez não nos fizeram fogo; no Curupaity, porém, todos os encouraçados tiveram avarias e morreu o commandante do "Silvado".

N.º 33

*Iguatemy, no Passo da Patria, 11 de Março de 1867.*

Quanto á guerra nada de novo tem occorrido; espera-se para breve o ataque.

O cholera está em Corrientes, no Cerrito e no 2º Corpo do exercito, no Curuzú; suppondo não ter atacado com muita força. Deus ha de compadecer-se de nós.

N.º 34

*Rio Paraguay, 14 de Março de 1867.*

No dia 3 do corrente, ao renderem-se as divisões, bombardearam-se as baterias do Curupaity, não havendo novidade. Não me achava aqui, porque na vespera, á tarde, tinha descido a bocca da Lagoa Pires, levando o general Argollo, que foi para o 1.º corpo do exercito.

Todos os dias os navios da vanguarda atiram para o Curupaity, sendo algumas vezes correspondidos. Não obstante, falla-se muito em paz, o que será uma grande vergonha para nós depois de tantos sacrificios que o Brazil tem feito; é questão de honra que a guerra deve acabar pelas armas e não pela diplomacia. A guerra já estaria acabada se os generaes que nos dirigiram a principio fossem mais patriotas e menos ladrões. Assim mesmo, no dia em que resolverem atacar o inimigo energicamente, estará terminada a guerra. Esperemos este dia. Tenho promessa do Almirante de commandar um encouraçado. Veremos.

*Bordo da "Iguatemy" no Passo da Patria, 30 de Março de 1867.*

...tínhamos mala todas as sextas-feiras pelo paquete Inglez da carreira de Corrientes e Buenos Ayres e depois organisou-se uma carreira de transportes, que deviam sahir directamente para o Rio nos dias 1 e 15 de cada mez, o que, o como tudo quanto é nosso, deu logo em agua de varrela. Assim, temos de aproveitar os transportes que seguem para o Rio, sem dias fixados para partida.

Falla-se muito em paz, porém eu creio que ella só se fará pelas armas. Ultimamente, cá veio um vapor de guerra Americano e o seu commandante, tendo tido licença do Caxias, seguiu para o acampamento de Lopes, a fallar com o respectivo Ministro. Desconfiou-se muito que o Lopes pretendia fugir nesse navio, e, por esse motivo, veio para aqui o vapor "Princesa" com o Almirante e este navio, tocando-nos fazer de noite retidas em escaleres para impedir a fuga. Veio também o "Beberibe", que ficou fundeado junto ao Americano. Felizmente, regressando o commandante americano, desvaneceu-se toda a idéa de paz, pois que o Lopes não consentiu que fosse elle até Assumpção fallar com o Ministro; esteve alguns dias guardado com sentinella á vista, em um rancho de palha até que de lá veio o Ministro. O commandante americano não pôde sahir do rancho onde esteve e, pelo lugar por onde foi e veio, não viu tropa alguma, porem grandes fortificações.

O almirante, retirando-se para a esquadra no Curuzú, deixou-me encarregado da policia do porto; não estou descontente, porque uma vez que nada se faz de serio pelo Curupaity, aqui estou melhor que lá. Pelas minhas anteriores cartas verá que já previa demora no pagamento do soldo.

*Bordo da "Iguatemy", no Passo da Patria, 8 de Maio de 1867.*

...ando agora ás carreiras como Judeu Errante. No dia 20 do mez pasado segui para Corrientes, por causa de uma revolução que estava para rebentar, a qual infelizmente não se levou a effeito, tirando-me assim o prazer de dar alguns tiros em uma cidade tão nossa amiga; a 27 voltei para cá, por ser muito precisa a presença do navio neste lugar. Desta maneira deixei de escrever por dois vapores que seguiram para Montevideu, único meio que agora temos de correspondência; pois os paquetes ingleses que partem todas as semanas, para Buenos Ayres, já não levam mais a correspondência.

Como lhe mandei dizer na minha carta de 11, o cholera atacou o 2.º corpo do exercito e quasi deu cabo delle; creio que morreram perto de dois mil homens: na esquadra também grassou com força, perdendo todos os navios mais ou menos gente. Em Corrientes tive a bordo duas praças atacadas e que falleceram no Hospital. Aqui, tive ha dias um outro caso; felizmente escapou. Diz-se que perdemos cento e tantas praças na Esquadra. Ainda não está acabado, mas agora só apparece um ou outro caso.

Era só o que nos faltava nesta guerra! Esperávamos mais alguma tropa do Rio para mover-se este grande exercito que aqui encalhou ha um anno. Agora, porem, que o cholera levou tanta gente, não sei quando atacaremos. No meu modo de pensar as cousas não andam boas, creio que os generaes já estão um pouco desanimados.



N.º 37

*Bordo da "Iguatemy", no Passo da Patria, 17 de Maio de 1867.*

Por aqui nada tem havido de novo. Dizem que amanhã o Caxias vae conferenciar rio acima com o Osorio em uma villa chamada Itati a algumas léguas deste lugar. Aqui está ha dias o Almirante e creio que breve principiarão os movimentos.

O cholera vae desaparecendo felizmente.

N.º 38

*"Iguatemy" no Passo da Patria, 7 de Junho de 1867.*

Desvaneceram-se as esperanças de paz. Por todo este mez, o general Osorio deverá passar para o territorio inimigo com o seu corpo de exercito e então começarão as operações que desta vez devem ser decisivas.

N.º 39

*"Iguatemy", no Passo da Patria, 10 de Junho de 1867.*

Depois da minha ultima carta, nada tem havido de novo relativamente á guerra — dizem — e nunca acabam de dizer que o ataque decisivo é por todo este mez: pode ser, porém eu duvido. O Osorio ainda não passou para o territorio inimigo, e não sei quando passará.

A única noticia verdadeira que pode ir daqui é que dia e noite ha balas para cá e balas para lá. Alguém ha de cançar... E' uma brincadeira que não agrada a muita gente de juizo; por isso muitos têm ido tomar ares ao Brazil, affectados desta ou daquella moléstia e a maior parte de medo. Sempre é bom esperar a ver como acaba esta comedia.

O cholera já está extincto.

N.º 40

*"Iguatemy", no Passo da Patria, 1.º de Julho de 1867.*

As operações vão começar: o Caxias com vinte mil homens, deve marchar amanhã ou depois umas oito ou dez léguas pela direita, isto é, pela margem acima até despontar um grande banhado e então, auxiliado por cinco ou seis mil homens do Osorio, que nesse ponto devem passar o Paraná, internar-se-ão afim de atacar o inimigo. No Tuyuty ficam doze mil homens, commandados pelo Porto Alegre. Aqui no Passo da Patria, dois mil, e no Curuzú também dois mil, commandados pelo Andréas. Os dez navios encouraçados commandados pelo Almirante vão forçar a passagem do Curupaity e atacar Humaytá e os navios de madeira, commandados pelo chefe do Estado Maior Elisiário, ficam estendidos desde o Curuzú até o Alto Paraná. O ataque deve ser ao mesmo tempo.

N.º 41

*"Iguatemy", no Passo da Patria, 8 de Julho de 1867.*

Até agora, eis o que se tem dado: no dia 5, o 2.º corpo retirou-se de Curuzú e veiu acampar no Passo da Patria, devendo marchar para o Tuyuty logo que dahí marche o Caxias. Infelizmente, a retirada deste



corpo fez-se em má ocasião. Desde esse dia até hoje tem chovido muito, o que impossibilita qualquer marcha presentemente: este tempo, perdido para nós, não o será para o Lopes. Retirado o 2.º Corpo de Curuzú, des-assombrado o Lopes por esse lado, dahi retirará a gente e artilheria e provavelmente collocará mais nas barrancas do Curupaity, por onde a divisão de encouraçados, terá de subir a viva força, encontrando então maiores obstáculos. Não sei se fizeram bem ou mal nisto: o tempo dirá.

N.º 42

*"Iguatemy" no Cerrito, 31 de Julho de 1867.*

Desde o dia 23 que já não estou no Passo da Patria: fui para a esquadra, por ser preciso este navio para entrar em fogo.

O Caxias seguiu com trinta e tantos homens pela direita nossa, devendo vir atacar os Paraguayos pela retaguarda, entre o Humaytá e Curupaity. Nessa ocasião, os dez navios encouraçados commandados pelo Almirante forçarão Curupaity e seguirão para o Humaytá, a impedir que por ahi o Lopes receba socorros. Quando os encouraçados subirem, os navios de madeira "Iguatemy", "Beberibe", "Magé", "Paranahyba", "Recife" e duas bombardeiras atacarão o Curupaity, como no dia 22 de Setembro do anno passado, isto é, abrigados pelo matto. Hoje pela manhã, houve vivo fogo de artilheria e fuzilaria na direcção do Curupaity: deve ter sido algum grande combate; o fogo não foi muito longe, o que indica que o exercito está perto. Até esta hora nada sei do resultado; o chefe do Estado Maior que veio commigo ficou na Lagoa Pires a saber noticias, talvez saiba alguma cousa. O Mitre chegou a dois dias e marchou a reunir-se ao Caxias: em má hora vem este tratante.

3 de Agosto.

O "Alice" está prompto para sahir e nada me consta do exercito; porém, como elle só tem mantimentos para um ou dois dias, é provável que hoje ou amanhã dê-nos novas suas. Tudo está prompto á primeira voz.

N.º 43

*Bordo da "Iguatemy", no Rio Paraguay, 9 de Agosto de 1867.*

No dia 31, o Osorio, chefe da vanguarda, destroçou uma força inimiga nas proximidades de S. Solano, povoação pouco distante de Humaytá e matou-lhes cento e cincoenta e tantos homens, perdendo nós uns tres ou quatro. Alguns dias depois, o inimigo tomou-nos em caminho uns oitocentos bois que iam para o exercito e — dizem — muitas bestas carregadas de farinha, duas carretas de vendilhões e quatro mulheres do povo.

No dia 4 do corrente soubemos officialmente, por um boletim da esquadra, que na vespera o General Castro, com uma força de tres mil homens de cavallaria, destroçou uma força inimiga de seiscentos homens, perdendo o inimigo, alem de duzentos mortos e trinta feridos, um grande deposito de armamento, duas mil cabeças de gado, mais de oitocentos cavallos, e duas carretas com milho, feijão, etc. O resto dessa força refugiou-se no matto, porem tinha sido cercado e esperava-se que ninguém escapasse. Nós só tivemos alguns feridos. A mesma força nossa cortou o fio eléctrico que liga o Humaytá com a Assumpção.

O General Castro é oriental, porém a força que commandava era quasi toda brasileira.

Depois disso tem havido alguma cousa, que para nós tem sido segredo. Os Paraguayos estão fortificados pelo centro desde Tuyuty até Humaytá. O nosso exercito está acampado em S. Solano. O que se espera agora não sei. Diz-se que já veio ordem para os encouaçados subirem até Humaytá e que isso terá lugar no domingo 11 do corrente.

N.º 44

*"Iguatemy", no Rio Paraguay, 15 de Agosto de 1867.*

Hoje, ás 7 horas e 35 minutos da manhã, os dez encouaçados, debaixo de um chuvaeiro de balas, forçaram o Curupaity e seguiram para o Humaytá. Deve ter havido avarias, porém ainda nada sabemos. Talvez hoje mesmo, ou amanhã, se estabeleça pelo Chaco a comunicação por terra com os encouaçados. Seis navios de madeira, a "Iguatemy", "Ypiranga", "Recife", "Magé", Beberibe" e "Parnahyba" protegeram a passagem; este navio é o da frente e está fundeado á distancia de quinhentas braças das baterias inimigas, escondido pelo matto.





*TRATADO PRATICO DE PROTHESE E MECHANICA  
DENTARIA — J. A. Vieira Salgado — Cia. Graphico-Edi-  
tora Monteiro Lobato — 1924.*

O sr. Vieira Salgado, lente da Escola de Pharmacia e Odontologia de S. Paulo, reedita o seu magnifico tratado de prothese e methanica dentaria, tão procurado pelos que se dedicam a esse ramo de cirurgia. Inteiramente ao par dos progressos da sciencia, constitue um dos mais completos, sinão o mais completo que no genero já se publicou em portuguez, o que não admira, por isso que se trata de profissional dos mais autorisados na matéria.

Como é bem de ver, não se trata de obra de todo original. Mas, não é também compilação, pois que, dos processos preconisados pelos autores estrangeiros, o autor só acolhe aquelles que o seu largo tirocinio elegeu como os melhores. E, no expor-lhes a technica, não faz praça de erudição, antes, serve-se de linguagem despretençiosa e clara, ao alcance de qualquer intelligencia mediana. Não se deve esquecer, porém, a contribuição pessoal do autor, que aconselha aqui e alli processos de sua invenção, já bastante experimentados pela legião de discípulos que tem feito na escola de S. Paulo.

Quanto á edição, é caprichada, com grande copia de gravuras elucidativas e solidamente encadernada.

*VIRGINDADE ANTI-HYGIENICA — Ercilia Nogueira Cobra  
— Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1924.*

Raras vezes se depara ao registro bibliographico obra tão curiosa como esta. A começar pela apresentação material e pelo titulo, que despertam atenção ao mais despreocupado dos leitores, tudo se allia para que se lhe faça a leitura. E a leitura, logo ás primeiras paginas nos convence de que estamos em face de um temperamento originalissimo, de uma escriptora como poucas se encontram em nosso paiz.

Não queremos dizer com isto que se trate de uma estylista. Não. A sra. E. N. C. é estreante e, como-tal, se apresenta com falhas que só o tempo ha de banir. O que não ha negar, porém, é que seu trabalho se<sup>u</sup> caracteriza por muita pessoalidade: pensa por si e diz o que pensa em linguagem crua, com uma coragem, que se não encontra nem mesmo nos arraiaes do outro sexo. A unanimidade das mulheres afina sua opinião pela mesma craveira, mas a todas lhes falta animo para romper com os preconceitos e as convenções que atravancam o campo de nossas idéas. Rebella-se a autora contra esse estado de cousas, sem ambages, enumera-nos os mil e um erros da educação feminina, cujas raizes busca na these que lhe dá titulo ao livro.



As senhoras brasileiras devem ler e meditar sobre o que se contem nestas cento e poucas paginas — verdadeiro libello contra o egoismo dos homens.

*TERRA PATRUM — França Pereira — Editor: Eugênio Nascimento — Recife — 1924.*

No centenário da Confederação do Equador, o sr. França Pereira publica os seus cantos commemorativos. Si não se apresentam irrepreensíveis, de accordo com os rigidos cânones da velha escola a que se filia, não ha negar o sentimento patriótico que os ditou. Atravez de todas as paginas se respira uma atmospheria de san brasilidade, que compensa em parte os defeitos apontaveis.

*A THEOSOPHIA — Perillo Gomes — Centro D. Vital — Rio.*

Para destruir a propaganda da theosophia, que, ao que se diz "está fazendo proselytos", o sr. Perillo Gomes escreveu todo um livro, contra o qual nada ha a apontar. O joven escriptor maneja habilmente a penna, produzindo paginas que não causam engulhos, mesmo em matéria tão desinteressante. Bacoreja-nos, porém, que, ao enves de combater o mal, que se lhe apresenta com faces tentadoras para os espiritas fracos, vão contribuir para que mais conhecidas se façam as theorias da russa Blavatsky.

*CHEIA DE GRAÇA! — Durval de Moraes — Centro D. Vital — Rio.*

O sr. Durval de Moraes, crente sincero, só escreve voltado para o Alto. Suas poesias são todas repassadas de profundo mysticismo, parecendo mesmo ditadas por um asceta. Não obstante, despertam interesse. E' que, em havendo talento, tudo são flores.

*ANTOLOGIA AMERICANA — Vol. V — Anecdario — Alberto Ghiraldo — Ed. Renacimiento — Madrid.*

E' o quinto volume da Antologia Americana que o sr. Alberto Ghiraldo organisou para o publico hespanhol. Reúne uma serie de paginas de bons escriptores sobre vultos notáveis da America hespanhola, dando-nos a conhecer a intimidade de sua vida, o que favorece enormemente á apprehensão do espirito dominante na época em que viveram. Entre outros, apparecem-nos, em relatos curtos e incisivos, como é da essencia da aneecdota, San Martin, Bolivar, Rosas, Lamadrid, Francia, Artigas, Marti e Urquiza. Assignam-nos Ruben Dario, Zorrilla de San Martin, Ramos Mejia, Ricardo Palma, Mitre, Lastarria e outros.

*NOTAS DUM JORNALISTA — Raymundo Moraes — Ma-nãos — 1924.*

Modesto e despretençioso, o titulo não diz o que é este livro. Tem-se a impressão de que se vae ler um amontoado de logares-communs no estylo de "factos diversos", que, salvo raras e honrosas excepções, é o estylo dos que diariamente escrevem para os jornaes. No entanto, logo ás primeiras paginas desvanecem-se essas perspectivas. Verifica-se estar-se deante de um escriptor de recursos largos, de uma dessas intelligencias tentaculares, que tudo apprehendem num relance e capazes de discorrer tão bem sobre sciencia como sobre o mais fútil dos themas.



O primeiro trabalho — "Ilha que emigra" — lembra-nos um Euclides menos barbaro, mas com a mesma segurança de cientista. E' um capitulo admiravel, sobre these absolutamente original — a incorporação da ilha de Marajó ao continente. "Caso curioso de dynamica potamologica — dil-o o proprio autor — nenhum geographo, nenhum hydrographo, nenhum geologo, nenhum naturalista emfim, mesmo dos que têm palmilhado a Amazônia, observou esse phenomeno extraordinário de uma ilha que, pela erosão dos ventos, das vagas e das chuvas, num flanco, e o deposito da vasa, a sedimentação no lado opposto, cruzasse a corrente, desaggregando-se desta margem da bacia para se aggregar na outra." Conta-nos o "processus" dessa transformação maravilhosa, só presentida pela sua argúcia de observador, mas não se detem em despiciendas minúcias. Antes, em espatuladas largas, faz resaltar os recortes mais notáveis da argumentação, que assim instrue agradando.

Só este capitulo bastaria para nos certificar a valia do autor. Os que se lhe seguem — paginas de vario tom, ora de historia, ora de critica, ora de sciencia — medem-se pelo mesmo estalão, o que faz com que o livro se torne de leitura interessantissima.

Resta esperar que o bravo jornalista nos dê para logo obra mais vasta. A cultura de que deu tão brilhante amostra está a arguil-o.

*HISTORIA DAS RIQUEZAS DO CLERO CATHOLICÓ E  
PROTESTANTE — José Martins — S. Paulo — 1924.*

Eis aqui um livro sobremaneira interessante, a nos revelar, num modo operário, um espirito combativo e uma instrução além da expectativa. O sr. J. M. só nos lazeres de seu dia-a-dia afanoso se volta para os livros, mas, auto-didacta, se vae lastrando de conhecimentos que lhe dão logar de destaque entre os proletários militantes. Este primeiro volume que acaba de vir a luz é a prova do que affirmamos. Escripito com certa correção, diz-nos de um ledor, de um esmiuçador infatigavel, capaz dos maiores sacrificios quando no encalço de elementos que lhe reforcem a argumentação. Ha de ter-lhe custado noites em claro a aquisição do vultoso cabedal de factos que nos exhibe nesse verdadeiro corpo de delicto.

Historiando a origem das riquezas do clero catholico e protestante no mundo, desde aos primeiros séculos da era christã e, arribado sempre a autores de valor, chega aos primórdios do século XIX, promettendo-nos para breve o seguimento, dedicado particularmente aos acontecimentos do continente americano nos últimos oem annos. Embora não nos convença a todos a carga cerrada que faz contra a Egreja, não ha affirmar a inanidade de esforço que tal, maximé na hora presente, em que sopram rijos os ventos da anarchia.

*LOS IDEALES DE MI VIDA — Unamuno — Ed. El Libro  
Moderno — Buenos Aires.*

Sob a direcção de Sánchez - Sáez, um grande amigo do Brasil, acaba de apparecer em Buenos Aires uma publicação quinzenal de Jiteratura — "El Libro Moderno" — que não é mais que um fasciculo de cem paginas cm que se contem trabalhos de eminentes escriptores hispano-americanos. Temos sob os olhos o caderno inicial, com admiraveis crônicas de Unamuno, esse grande espirito tão rudemente perseguido pela dictadura militar de sua Patria.

Nada ha a dizer a respeito: é leitura que se faz com interesse e proveito e que prova o acerto do emprehendimento de Sánchez - Sáez.



MICROCO'SMO — *Benedicto Salgado* — *Liccu Coração de Jesus* — *Paulo* — 1924.

Volumoso tomo de mais de 250 paginas, em que se encontram cerca de 120 sonetos sobre os mais variados themas. Daremos aqui os titulos de alguns: A aniversariante, A pobrezinha, A virgem, A poetisa, A formosa, A passeante, A princezinha, A heroína, A italiana, A espanhola, A portuguesa, A brasileira...

A MEDICINA E SUA EVOLUÇÃO NA BAHIA — *Dr. Gonçalo Moniz* — *Imprensa Offieial* — *Bahia* — 1923.

No numero especial com que o *Diário Offieial* da Bahia commemorou, em 2 de julho de 1923, o centenário da adhesão daquella provincia ao movimento da independencia nacional o dr. Gonçalo Moniz fez publicar um historico da evolução da medicina em nosso paiz, o qual nos foi dado ler agora em folheto de mais de cem paginas.

A monographia interessa, pois nos põe ao corrente de particularidades históricas que em geral não figuram nos tratados e que de facto só têm logar em trabalhos especializados como este.

Após considerações preliminares, occupa-se da medicina nos tempos coloniaes, de que nos dá curiosa noticia, passando depois a tratar da fundação do ensino medico no Brasil e seu desenvolvimento na Bahia até nossos dias, concluindo por enumerar os vultos mais notáveis da medicina naquelle estado e a respectiva bibliographia.

AS FERIAS NO PONTAL — *Rodolpho v. Ihering* — *Typographia Brazdo* — *S: Paulo* — 1924.

O sr. R. I., naturalista de grande mérito, reuniu neste livro uma serie de ensinamentos scientificos que, para serem entendiveis de creanças, se vasam em forma de romance. A directoria da instrucção publica de S. Paulo approvou-o para adopção nas escolas, onde poderá prestar bons serviços. Os mestres, principalmente, encontrarão nelle matéria para aulas interessantes.

I

RECEBEMOS MAIS:

*Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro* — Mensario — (Quinta da Boa Vista) — Rio.

*Sciência Medica* — Mensario — (Rua Sachet, 8) — Rio.

*Boletim dei Ministério de Relaciones Exteriores* — Republica do Salvador.

*Sirio* — Mensario de literatura — Paysandú — Uruguay.

*El Mundo Azucarero* — Mensario — Nova Orleans — E. U. da America.

*Revista Bimestral Cubana* — Habana — Cuba — Orgam da Sociedade Economica de Amigos dei Pais.

*Vozes de Petropolis* — Quinzenal — Petropolis.

*Pégaso* — Mensario — Montevidéo.

*Rodó* — Trimestral — Santiago do Chile (caixa 6019).

*Revista Brasileira de Engenharia* — Mensario — (Rua 7 de Setembro, 191) Rio.

*La Grande Revue* — Mensario (Rue de Constantinople, 37) Paris.



- Era Nova* — Bi-mensarió — Parahyba.  
*Revista do Ensino* — (Campo dos Martyres, 2) — Bahia.  
*Boletim de servidos de la Asociacion dei Trabajo* — Quinzenal-Buenos Aires (Florida 524).  
*Revista Jurídica y de Ciências Sociales* — Orgam do Centro de Estudantes de Direito — Buenos Aires — (Perú, 161).  
*Nosotros* — Mensario — Buenos Aires — (Libertad 543).  
*Revista de Filosofia* — Bimestral — Buenos Aires — (Calle Viamente, 776).  
*Humanidades* — Orgam da Universidade de La Plata — Argentina.  
*Revista Del Impuesto Único* — Buenos Aires — (Esmeralda, 91).  
*Nuevos Rumbos* — Quinzenal — Buenos Aires (Victoria, 571).  
*Mercure de France* — Quinzenal — Paris (Rue de Condé, 26).  
*La Revue Mondiale* — Mensal — Paris (Rue Jacob, 45).  
*The Inland Printer* — Chicago (Sherman Street, 632).  
*Revista do Centro Mattogrossense de Letras* — Semestral — Cuyabá.  
*Estudos Jurídicos* — Mensario — Santos.  
*Rassegna Nazionale* — Mensario — Roma (Via Ripetta, 102)..  
*Intcr-America* — Mensario — Nova York — (407 West 117th Street).  
*Mortinatalidadc e avaria, Bacteriologia c tratamento da coqueluche* — Dr. Moncorvo Filho — Departamento da Creança do Brasil — Rio.  
*Estatutos do Instituto dc Protecção e Assistência á Infanda* — Rio.  
*Obras de preservação escolar* — Dr. Almir Madeira — Departamento da Creança no Brasil.  
*Relatorio do Departamento da Creança no Brasil* — Rio.  
*Le vie d'Italia e deli'America Latina* — Mensario do Touring Club Italiano — Milão (Corso Italia, 10).  
*Cultura* — Semanario — Manzanillo — Cuba (P. Figueredo, 15).  
*Bolctino Ufficiale* — Camara Italiana de Commercio de S. Paulo — (Rua S. Bento, 79).  
*Rivista del Comonercio Italo-Brasiliano* — Génova — (Via XX Setembro, 5).  
*Revue de l'Amérique Latine* — Mensario — (Rue Scribe, 2) Paris.  
*Latin-Amrican Trade* — Mensario — (Belford Street, 34) — Londres





### MELLO MORAES FILHO

Um princípio deste mez transcorreu o quinto aniversário da morte de Mello Moraes Filho, e eu próprio me surpreendendo do amargor desta vida que mesmo aos mais dedicados vai enleando, prendendo e desorientando até das riquezas mais amadas, como, por exemplo, sempre foram para mim certas saudades...

Mas como a castigar-me o esquecimento em que deixei passar a data dolorosa, veio o acaso — "incognito da Providencia" — lançar-me sob os olhos, mais uma vez, uma dessas apressadas e pretenciosas páginas de critica em que só aparece o nome do velho poeta bahiano como um epigono, um mesquinho imitador de Castro Alves.

Homens de talento e responsabilidade literaria como Ronald de Carvalho incorreram já nesta grave injustiça e não é a primeira vez que saio a campo a defender a obra do saudoso e querido amigo. Aqui estou de novo a suspender a luvã... e creio que se não dirá, por fim, que argumento só com os dados da amizade.

O estudo que fiz da obra dos dois poetas supponho eu que é mesmo a base de convicção em que repousa o que escrevo, e o que, as mais das vezes, tem faltado aos meus contradictores.

Penso que Castro Alves é tão grande, no dominio da nossa poesia, que ainda pudera ser grande um poeta nosso que unicamente o imitasse. Tal não se deu, porém, com Mello Moraes. O sentimento geral da nação, que se agitava numa luta

de ideias como jámais se viu repetir-se, entre nós, fez com que os dois nortistas tivessem, como, aliás, teve Tobias Barreto e tiveram outros, algumas cordas irmas nas lyras de ouro.

Um exame imparcial da evolução poetica de ambos, mostraria, porém, sem muito custo, a diversidade essencial das suas poesias.

Foi Castro Alves, mesmo no lyrismo, um épico ou, pelo menos, uma vibração de alma tão apaixonada e tão alta que enthusiasma sempre, arrebatava, transfigura quem o lê, mas poucas vezes, muito poucas vezes terá tido o condão de commover, "docemente", de falar ás forças humildes mas também santas do coração. Até a sua paixão amorosa raro poderá achar eco na alma da maioria absoluta dos seus leitores. Estes a admiram no seu voluptuoso desregramento, na sua indomável audacia, na sua profunda sinceridade, mas admiram só, porque a beleza é sempre admiravel, e ali abre e move as azas assombrosas uma grande e tragica belleza. Não na podem sentir, todavia, aquella paixão que é de poeta somente, de um homem que se sentia predestinado, que trazia escripto a fogo no coração o destino dos heroes da paixão... K' ás vezes um descriptivo, mas quando descreve parece fazel-o também com o fogo vivo de uma palheta sobrenatural, e até a sua melancolia tem qualquer cousa de dantesco, de soberanamente esmagador. Castro Alves foi um mundo, de brilho incomparável, a rolar pelo fir-



mamento da nossa alma collectiva, mas como um "eu", um ser que era elle só, para elle só, amando-se, adorando-se, arrojando-se, acceso de glorias e de dores, ao abysmo da morte prematura. Sim, elle foi o poeta dos Escravos, cantou o tremendo soffrimento, lançou-se como o raie contra a monstruosa injustiça de que er-i victima uma raça, mas ainda fez tudo isto como o "condottieri" victorioso, raro desceu o olhar até a scena humilde, onde, de facto, se desenrolava aquelle drama. Por isso não viu talvez o mais doloroso porque o mais humilde, nem conheceu a belleza mais pura que se elevava no meio daquelle vasto pantanal. Tudo o mais que não é assim, elevado maa pessoalissimo, na poesia de Castro Alves, são notas esparsas, sem valor no conjunto, nem perturba a harmonia da sua obra.

Quão longe está Mello Moraes Filho do arrebatado dramatisador do "Nav o Negroiro"!

Como já observou Xavier Marques, a obra de Mello Moraes Filho foi das mais objectivas da nossa poesia, até ao tempo em que surgiu. Já fiz notar, por minha vez, que o romantismo mais subjectivo palpitava entretanto no fundo daquella apparente objectividade, tanto, em verdade, foi Mello Moraes também um desordenado, um apaixonado nos annos da sua mocidade. Aquella tendencia, porém, par-» o objectivismo era um natural corrective á desordem interior e é força reconhecer que Mello Moraes Filho buscou sempre; impressionar mais como pintor que propriamente, como pamphletario ou analysta. Que a sua pintura tinha as tintas do amor, não resta duvida, e era desta maneira que elle queria tocar o coração de quem a via, em favor dos desgraçados que se fizera advogado. O seu processo foi assim, de modo geral, como poeta da escravidão, contrario ao de Castro Alves, levando sobre este a vantagem de não ser só um libelista contra a escravidão, ma? também um apologista da raça, ou melhor, das raças, que mais soffreram na formação na nossa nacionalidade. Pintava nas suas festas, nos seus folguedos, nos seus ritos, mostra-as resignadas, bondosas, carinhosas, dominadoras da propria misera situação, pelo dom interior

da poesia, pela ingénua fê de que se animavam.

Quando Castro Alves faz esta mesma poesia, fal-o incidentemente, ao passo que ha, visive], em Mello Moraes Filho, o proposito de desenvolv-la em todos os sentidos. Pode-se dizer mesmo que elle foi o defensor das raças opprimidas, por ter sido dos que melhor revelaram delias a graça, a bondade, a simplicidade christã, a capacidade heróica de trabalho e soffrimento. A sua poesia, dado o fii» a que se propunha, não podia deixar de descrever as scenas salvagens da escravidão, sangrentos episodios daquella triste historia, mas é este, justamente, o lado menos original da sua obra. Nesta, repito, o que ha de proprio, e não fica a dever a Castro Alves nem a nenhum outro do? nossos maiores poetas, é a feição picturesca, é, realmente, o que elle consegue reviver da vida quotidiana, das horas vulgares do povo soffredor mas resistente. E não só agora se expressa um td. juizo critico a respeito da obra de Mello Moraes, mostrando o que caracteristicamente o differencia de Castro Alves. A? sahir a 2.ª edição dos "Poemas da escravidão" quem, competentemente, criticava pelas columnas da "Revista Brasileira", assim já se exprimia: "O fim do Dr. Mello Moraes Filho, compondo esses versos naturaes. que muitos já sabem de cór e a outros têm servido de modelo para cantos da mesma natureza, não é incitar o escravo á insurreição, tornal-o algoz do senhor, faz-o conspirador, criminoso, assassino. As harmonias da lyra do Dr/ Mello Moraes Filho não são écos de uma tuba de guerra. Bile não prêga a desordem nas fazendas, a emboscada nos caminhos, o conciliábulo no ceto, o veneno e o incêndio no lar, o assassinio no lar e nas ruas. O poeta só tem um fim — tornar odiosa a escravidão, despertando a compaixão pelo escravo; e elle desperta aquella, descrevendo a triste condição deste em versos de variado metro, que parece medirem-se pela variedade dos padecimentos do captivo". i) depoiá de notar que em "Partida de escravos", "Ama de leite", "A feiteiceira", "Os Faltos", "A Familia", "Verba testamentaria", "Escravo fugido", se reconhece "a vida do escravo no Brasil, cuidadosamen-

te observada e habilmente descripta' accrescentava:

"O Sr. Dr. Mello Moraes Filho inicia uma escola, abre um caminho, mostra um rumo que pode ser seguido pelos novos poetas".

Assim já então se havia claramente distinguido o que havia de proprio, de original na obra de Mello Moraes Filho.

E Sylvio Romero, de quem Xavier Marques, no já citado estudo, endossa a opinião, ainda mais claramente deixou resolvida esta questão: "Mello Moraes Filho — diz elle — seguiu por outra vereda e por vereda tal que, por este lado, não se parece com um só dos poetas brasileiros, sobrepujando a todos. Mello Moraes não ostenta aquellas opulência?, aquelle farfalhar de bonitas phrases ao gosto de Castro Alves; sua maneira é outra; elle colloca-se no meio do facto da escravidão, mete-se entre os captivos e os senhores, assiste o viver daquelle mund^ especial das "Fazendas" e diz sem grandes adornos as cruzezas que viu. São pequenos quadros, pequenos esboços pelo", quaes circula a verdade, a sinceridade".

Não me parece mais justo o juizo dos que querem ver em poesias como "Tarde tropical" e outras do mesmo genero dos "Cantos do Equador" a já desmentida imitação de Castro Alves, pelo menos, quanto aos "Poemas da escravidão". Ouvi do proprio Mello Moraes Filho que nãr. conhecia a "Tarde" de Castro Alves quando escreveu a sua "Tarde tropical". Não é preciso pedir a ninguém que confie na palavra de Mello Moraes. Basta que se compare as duas poesias e ver-se-á que, se ha entre ellas muita semelhança de forma e de ritmo, ha na de Mello Moraes mais sentimento religioso, mais sentimentj brasileiro, e até mais vigor poético.

\*

Foi a poesia companheira de Mello Moraes Filho até os seus últimos dias de vida.

A bondade de que o poeta tinha cheio o coração dava a este, como disse, tanta força de bem querer, tanta capacidade de sympathy que os que lhe ficavam proximos tinham a illusão de que a mocidade ali ficara, milagrosamente, animando, amparando o espirito daquelle tropego ve-

lho... Mas a verdade é que já lhe min guava o surto poético, ou se despira de galas com o depurarem-se-lhe as paixões, estancarem-se-lhe as fontes do enthusiasmo. O mundo vivo era para elle um pi quenino circulo de creaturas que o amavam. O seu mundo, aquelle por que vibrara, aquelle que encarnara, já morrera.

Para que me reserva Deus? — não era esta uma pergunta sua predilecta, que tantas vezes me fez? O seu ultimo grandí enthusiasmo foi talvez o da festa que lhe fizeram em S. Paulo. Tudo o mais, e assim foi desde a morte da sua adorada esposa, D. Joaquina de Mello Moraes, foram soffrimentos e dores, bons ou máos, mas sempre a mesma amargura sob formas diversas.

A vida era-lhe um peso. Lembro-me bem como o impressionaram dois versos de Garcia Rosa, citados no pequenino estudo que publiquei sobre a obra, até hoje quasi toda inédita deste nobre poeta de minha terra. Elle proprio, que já raramente decorava, m'os recitou:

"Para a turva consciência emocional do

[triste

Toda a noção do real se lhe restringe á  
[dôr."

E sublinhou-se com um daquelles seu> tristes sorrisos, que só confiava aos mai>j íntimos.

"Altar encerrado" foi mesmo o nome que deu á homenagem que a sua mal ferida lyra ainda prestou á memoria da inesquecível companheira. Neste livrinho tudo é tristeza, tudo é saudade, tudo é pranto, e tudo se exprime de modo tão simples como se para sempre se houvesse ausentado do seu espirito qualquer velleidade litteraria. O seu verso tomou então a sua muito amada forma popular, a trova, isenta de todo o rigor de rim?, mas tão viva como se cada uma delias fosse uma lagrima, uma quente lagrima...

Aquelle que sobrevive  
A' sua própria ventura,  
E' um morto que caminha  
Sem encontrar sepultura.

Por morte de velhos donos  
Vemos casas tão sentidas,  
Como se fossem viuvãs  
De eterno luto vestidas.



Sua eterna mocidade  
Canta o riacho a correr  
E eu vou carpindo os meus males,  
Sem acabar de morrer.

Nos climas frios da morte  
Se estancam dôres e ais,  
A prova é que lá existem  
Os que não existem mais.

Quando por tudo no mundo  
Nos vae n'aíma a indiferença  
Pouco nos resta da vida  
Para acabar a sentença.

Depois que baixaste á campa  
De dôr me senti morrer!  
Mortos existem que vivem,  
Porque precisam viver...

Da vida quando o interesse  
Nos morre of pouco nos resta  
O homem vive da vida  
Que a dôr da vida lhe empresta.

Estas gotas de pranto foram as últimas da sua poesia. Não foram poucas, foram muitas até mas quasi todas assim, reflectindo o luto em que se amortalhára o seu combalido espirito. De algumas que ajuntei e de outras que mão piedosa me ha confiado ainda aqui citarei estas, que dizem mais vivamente da última phase de sua vida:

Pelo declínio da vida  
Aos poucos a noite cresce,  
E quando a treva é compléta,  
A patria nos desconhece.

E' sempre através do pranto  
Que a ti minh'alma transportas

Oh! minha estrella perdida  
No céu das estrellas mortas!

Quando a moldura dos tempos  
E' acanhada de mais,  
Figuras nullas, pequenas,  
Tomam formas colossaes.

A morte, por ser desgraça,  
Não deixa de ser ventura,  
Pois corta pelas raizes  
Males que a vida não cura.

Depois que os sonhos se foram,  
As illusões, as venturas,  
Não sei que fazem no mundo  
Umás tantas creaturas.

O velho Mello Moraes Filho, o poeta que, mais que outro qualquer, aspirou sempre ser nacional, da sua patria, do seu meio, não pode ficar esquecido, e muito menos caricaturado na má vontade de alguns apressados mentores Je fancia.

O Brasil que cada vez mais se afirma, autonomo, e quer que em todos os seus filhos o sentimento da nacionalidade se faça força de consciência, razão de todo esforço, deve glorificar o cantor a nossa gente hunrlde, o poeta nacionalista por excellencia.

*Jackson de Figueiredo*

("Gazeta de Noticias", Rio)

## DOUTORES E FUNCIONARIOS

E' vezo nosso clamar contra doutores e funcionarios, casta de homens que arca, philosophicamente, como beduino em deserto, com toda a responsabilidade dos males nacionaes. Esbravejem anathemas os "homens práticos" de penna em riste. Logares communs que taes não perdem nada com uma revisão summaria, que, de quando em quando, de sob a verdade grossa e pesada, permita que reponte uma pouca das mentiras do recheio. Não vamos a vida inteira a repetir chavões. Reflectamos um bocado

Antes de tudo, em paiz de analphabetos, e de nenhuma organização, será mesmo uma praga essa de doutores e funcionarios? E sel-á de per si, e substancialmente, ou apenas á falta de compensação por elementos que também dêem na vista?

A primeira hypothese não subsiste. O bacharelismo representa o nosso fundo de cultura e o único. Combatel-o equivale a professar no credo obscurantista. O nosso caso não é o de excesso de bacharéis de toda especie. Será, talvez, o de carência de officiaes do officio.

A evidencia daquelles, ademais, resulta da humildade destes, em opposição á empáfia dos primeiros. Não constituem minoria, em relação aos doutores, os brasileiros que se empregam no trabalho material. São antes a enorme maioria da população, a massa inerte, a junta de coice deste velho carro.

O nosso mal não é o bacharelismo: é a ignorancia. O mau cidadão não é o doutor nem o funcionário. E' o não educado, sem meios de acção, sem espirito de iniciativa, sem desejo de aperfeiçoamento. E' o ignorante desambicioso.

Não queiramos, agora que o absurdo fragorosamente ruiu, restaurar, ampliada sob os mais largos moldes, a famosa campanha dos "não preparados". E\* idéa que passou. Visava a politica e a alta administração, sómente, e os seus effeitos, bem caro os pagámos. Hoje, não é tão restricto o campo visado. E' a totalidade da população que se quer "não educada". E' o império da ignorancia que se nos impinge.

Sob os pejorativos de "bacharel" e de "doutor", invertidos dos titulos com que, legitima ou illegitimamente, se engalanam os profissionaes que se illustraram um pouco em uma escola, o que se combate não é a vaidade nem a orientação errada dos estudos e das profissões. Visa-se o proprio estudo, a própria profissão. Pretende-se... o reino da estupidez.

Que mal ha na vaidade dos "doutores"? A vaidade é uma força que se não despreza. E' um attributo humano, aproveitabilissimo. As sociedades inteligentes exploram-na; não a combatem. Cumprenos, não guerreal-a, mas adaptal-a a fins úteis. As tendencias sociaes mais facilmente se reencaminham do que se paralyam.

O contrario é ater-se a gente ás exterioridades, é disputar sobre palavras, é incidir no mesmo erro, que se condemna. Intitular-se alguém doutor ou combatel-o alguém por isso, equivalem-se como acções: é arrancar Deus do altar e substituir-lhe o demo...

O doutor e o funcionario deixam de o ser, muitas vezes, e se fazem, então, centros de energia realisadora. Representam o estado transitorio, a contingência momentanea do individuo. Pobre e peiado, quer-se fazer e precisa — ala-

vanca futura — de um ponto de apoio, frágil e relativo que seja. Paiz pobre, de empobrecida e falha aristocracia, bem haja o bacharelismo que o salva!

O immigrante operoso, de mão leve e hábil, de intelligencia prompta e malcaavel, que não se faz "doutor" e se enriquece — estão a nos mostrar para exemplo. Não se esqueça, porém, que o colono é outra casta de gente, que não podemos imitar. O natural da terra, com fundamento ou sem elle, tem a função aristocrática. O immigrante funciona, em geral, como a plebe. Eis tudo. E vá alguém, confiado na democracia das instituições politicas, que não sociaes, confundir as coisas e baralhar papeis.

O "yankee" esperto, hábil, cupido — outro exemplo a seguir, mas outra raça, muito diversa, a não imitar cegamente...

Todo preconceito é respeitável — tenhamos a coragem de dizel-o. E' a expressão do instinetto collectivo. E' a voz das gerações que fala em nós. E' a experiencia dos antepassados. E' a intuição das sociedades.

O nosso "doutor" é um preconceito arreigado. Combatel-o é um preconceito que se vae formando. Não havendo vantagem neste, como estamos vendo, fiquemos com o outro, que é mal3 velho, mais util e mais amavel. Não se lhe tocará na pompa exterior. Não se lhe tirará o anci, accrescentar-se-lhe-á antes uma pedra... Ao funcionario não «e lhe arrancará o emprego: far-se-á, de preferencia, productivo. Precisamos ainda de muitos e muitos outros funcionarios úteis.

Até aqui, o caso brasileiro, posto em termos oppostos ao logar commum, que um ou outro bacharelissimo imitador de estranhas gentes vae inveterando em nosso espirito desprevenido.

O caso brasileiro, não o confundamos com o caso paulista. Particularizemos em vez de generalizar. Se a "praga" de funcionarios e doutores assola o Brasil, não attinge S. Paulo.

O paulista exceptua nesse, como em outros casos. A pretendida tendencia nacional falha aqui. Peccamos pelo excesso contrario. Existem poucos doutores paulistas e pouquissimos funcionarios. Familias inteiras ha, entre nós, que contam um ou outro bacharel e, de raro em raro, um medico ou um engenheiro. O bacharel e o



medico, em grande proporção, eram, até pouco, de outros Estados.

Diametralmente opposta é a nossa tendencia histórica. Somos os realisadores, não os estudiosos. Em tempos coloniaes, após as bandeiras, o moço pobre paulista se fazia tropeiro. Em época mais próxima, avançava para o sertão e formava lavoura. Este feitio nos ficou, até os dias mais recentes. Em vez de cursar academias, montar fazenda. Em lugar de criar repartições, fundar estradas de ferro. E' o nosso característico. Todas as nossas industrias, hoje em parte em mãos de estrangeiros, foram iniciadas por paulistas.

Em nossos dias, derrocados os últimos vestigios da organização nacional — café a preço reles, cambio rastejante, vida cara, concorrente estrangeiro amparado pelo proteccionismo — ainda assim foram os homens feitos, inadaptados aos novos tempos, os que procuraram a burocracia. Os moços, esses em regra entraram em funções de franca actividade. Houve uma época em que a engenharia foi o ideal de toda a gente. Mais modestos, outros se fizeram mestre-escolas; foi uma obsessão collectiva, de que só bens resultaram. Hoje, a obsessão é a escola de commercio. As normas estão ás moscas, reduzidas praticamente ás secções femininas. Não ha moço paulista que se contente com a aspiração de uma cadeira publica. Os professores deixam as escolas e se entregam a outros misteres: fazem-se comraerciantes e fazendeiros.

Os nossos médicos e advogados — é observação corrente — caracterisam-se pela feição pratica de seus estudos. Tudo o que não tem applicação immediata passa para a segunda plana. As sciencias medicas, para bem nosso, não são entre nós sciencias especulativcis, mas artes úteis á população, sciencias eminentemente applicadas.

Em S. Paulo, é inadvertência, é absurdo, é contrasenso clamar contra "doutores" e "funcionarios". E' exactamente, o de que necessitamos para nosso equilibrio, sob pena de nos fazermos, em definitiva, os carthaginezes do Brasil: — de doutores, exclusivamene votados ao estudo e ás idéas; de funcionarios, muitos funcionarios, abolutamente votados ás suas funções.

Ha no Estado muito que organizar: — todo um aparelhamento technico, de

cuja necessidade factos alarmantes, dia a dia, nos convencem. Funcionarios technicos, São Paulo não precisa de mais nada.

Eis porque nos su<sup>o</sup>prehende que se accuse a única Escola Agricola, verdadeiramente aparelhada do Brasil, de só formar "doutores", "candidatos a funcionarios". Ella não faz mais que preencher o seu papel, educando technicos para a nossa imprescindivel organização agricola. Mais surpreendente ainda é a accusação, no exacto momento em que os technicos estrangeiros dão de si, com honrosas excepções, as mais lamentaveis provas de incapacidade, de desidia, de deslealdade mesmo. Não ha duvida que, se os poucos agronomos paulistas que possuimos em varias especialidades, occupassem os devidos logares na administração do Estado, não estaríamos agora a braços com duas terriveis pragas, visivelmente importadas para dar cabo da nossa agricultura: — a lagarta, para o algodão; o "sephanoderes" para o café. E condemna-se uma escola porque produz os profissionaes brasileiros que devem occupar esses postos!

Confundir a idéa de funcionario com a noção de tecnico é um erro lamentável. Este, em funeção publica, é o mais util dos homens. Confundir o agronomo com o administrador de fazendas não é menos lastimavel. Aquelle representa o homem educado, em termos geraes, que se vae especialisar em um das technicas, que, em paiz como o nosso, só os governos podem fomentar.

A nossa lavoura não se acha em condições de desenvolver actividades que promovam a formação natural dos especialistas. Morre de fome o entomologista ou phytopathologista a que o governo não assistir. Melhor sorte não aguarda o chimico agricola que não tiver emprego publico. O proprio zootechnista não subsiste entre nós senão em seu feitio charlatanesco de veterinário, tal como o conhecemos na roça.

Ao governo, além da preparação do pessoal apto, cumpre a missão educadora do meio, no sentido do aproveitamento das aptidões. Preparar technicos, remunerar-os, incentivar-os, tudo são phases do mesmo papel que lhe compete.

Nem é só. Se quisermos possuir especialistas em tal numero que elles se encaminhem directamente para a lavoura, será preciso criar-lhes tantos e tamanhos incentivos — fóra do alcance da iniciativa privada — que um dia, com a "superprodução" das escolas, naturalmente elles se encaminhem para a pratica, encontrando então preparado o meio em que terão de viver.

Só assim se comprehende, se não quisermos esperar cincoenta ou cem annos, o problema do aparelhamento tecnico da agricultura em S. Paulo. A lutar contra as tendencias do meio, é preferivel reencaminhal-as. O reduzido numero de alumnos da Escola Agrícola de Piracicaba é um aviso em tempo. Não significa tanto a mudança do sentimento publico, mas a da orientação dos governos que se desinteressaram do progresso agrícola. Emquan-

to o ambiente das idéas que orientam a opinião lhe foi favoravel, o que se via era o geral entusiasmo dos moços. Rarefeito o ambiente, é o que se vê.

Se todos os governos, mesmo os municipaes, não se empenharem por conseguido, nunca melhoraremos as condições technicas das nossas actividades. Fácil, entretanto, é conseguil-o. Cada municipio estabeleça, como premio ao melhor alumno pobre do seu grupo escolar, uma verba para estudo nessa tão bem appellidada Academia de Sciencias Naturaes, a Escola Agrícola "Luiz de Queiroz". Formado, proporcione-lhe um campo de experiencias, de cujos lucros participe.

E elle, utilíssimo "doutor", utilíssimo funcionario ha de se\*.

Brenno Ferras

## O ANIMADOR DE SONHOS

"Fra le tante definizioni io pre-diligo quella data dai teosofi: "I Futuristi sono i mistici deH'azione." Infatti i Futuristi hanno combattuto e combattono il passatismo sedentário sotto tutte le forme: prudenza diplomatica, lógica pessimista, neutralismo, tradizionalismo..."

F. T. Marinetti "Futurismo e Fascismo".

O meu amigo Graça Aranha vai falar brevemente na Academia de Letras, a respeito da arte moderna. Esse espirito vibrador de harmonias eternas que surdinam ni atmospha da nossa mentalidade os symbolos geradores de novas fórmulas de pensamento, é actualmente na literatura brasileira a culminancia mais desvendadora dos panoramas dyonisiacos onde florescem as idéas fecundas da genesis esthetica da alma nacional. A sua voz germinadora de propheta da nossa emancipação mental dos velhos moldes, onde se prendiam as ânsias renovadoras do espirito brasileiro, soará monumentalmente no recinto acanhado daquella casa de mortos, como um canto de redempção da mocidade que procura se libertar das prisões tenebrosas da grammatica portugueza, para os remigios

altos das grandes contemplações. Elie, que tem sido em nosso meio intellectual o "animador" espiritual dos moços generosos que se agitam em torno da lampada de ouro da suprema perfeição, saberá mais uma vez crear diante dos nossos olhos maravilhados o scenario imponente de uma perspectiva esthetica pela qual transitarão os sonhos da mocidade. Essa creatura, cujo cerebro espuma na effervescencia eterna das idéas, caminhou audaciosamente até os abysmos insondáveis da alma humana, para de lá arrancar a aurora deslumbrante do pensamento moderno que afugenta as aves nocturnas da imbecibilidade acadêmica.

Eu sei que muita gente, ao ler estas palavras brotadas da sinceridade do meu coração, terá um sorrisinho amarello de despeito que exprerá toda a inveja impotente dos infelizes que não podem alcançar as altitudes imponderáveis da Belleza. Ouço já, o remoque lamacento dos sapos conservadores que só podem sahir do charoo onde vivem no bojo de algum violão distrahido. Esses não comprehendem o pensamento luminoso de Graça Aranha, porque a natureza os fez escravos da lama. Vivem das mediocridades, sem expressão no quadro forte da vida. São os "meios-terminos" das cousas que não se alcanoram. Arrastam-se na



poeira sórdida do logar commum, sem forças para se despregarem do solo chato do mimetismo literário, adquirido no rastejamento diário das opiniões posadas pela estupidez enfatuada dos conselheiros cheios de empafia do estylo carcomido do quinhentismo. Riem-se de nós, pobres debeis mentaes, na fraqueza consciente dos que não possuem no cerebro a lampada maravilhosa de Aladin. Anêmicos, sem o vigor do sangue germinador da coragem, cochicham na impotência das suas vozes de aphonicos Moraes toda a perfidia escura das suas almas pequeninas, orphãs das luzes reveladoras do bello. Não comprehendem, pobres liliputianos das idéas, a grandeza astronomica dos gigantes que não sentem e nem escutam os murmúrios apagados de uma enxameante multidão de moscas que turbilhona e some ao sopro poderoso de uma respiração de Golias.

Tenho a noção perfeita da inferioridade dessa gente que se alimenta dos detricos literários da Academia, o templo escuso da burrice zurradora da população carioca. Ella se espanta e foge num tropel assustado de alimarias sensatas, quando ouve o ruido do pensamento moderno. Apreciam o socego dos pastos tr3nquillos, or.de germina o capim gorduroso da prosa medida dos insipidos escriptores portuguezes. Gostam de pastar Camillo, Fialho, Herculanio e outras grammineas da pobreza mental da literatura portugueza.

Vamos com tudo isso andando para frente, certos de que a victoria nos protege com as suas asas de condor. Estamos dispostos a fazer uma fogueira da literatura portugueza para nella assarmos as batatas da horta literaria do Sr. Afrânio Peixoto, esse frasco de Coty cheio de mellado viscoso de um estylo que tem cheiro de rapadura misturada com bacalhão, Chega de Eça de Queiroz, com os seus Jacynthos, João da Ega, Accacios, Carlos da Maia, Joaninhas, Primos Basílios e outros estafermos de uma prosa que tem desvirilizado a nossa mentalidade, que não veio ao mundo para se lambusar nas papas gordas de uma linguagem minhoto. Acabemos de uma vez por todas com esse prosaico Fialho d'Almeida que vive arrotando os seus succulentos jantares de labrego na cara aparralhada dos nossos escriptores que timbram em copiar o seu estylo de jogador

de páo. Liquidemos definitivamente com o poeta Camões, cujos tamancos poéticos têm escalavrado o céu, a ponto de S. Pedro condemnal-o a andar descalço. Esse pessoal está infeccionando o estylo brasileiro, que não precisa de saber portuguez para o polimento das idéas. Não é na literatura portugueza, tão vasia de suggestões artisticas, onde iremos encontrar incentivos para o nosso pensamento. Aquilio não presta, é só bagaço cerebral de uns carregadores de phrases massudas, que não têm leveza nem agilidade. Que cousa horrível essa mania de ler uma gente pesada, vasia de idéas e de pensamentos!

Combato toda essa cebolada literaria^ numa occasião em que se nas apresenta propicia uma ensanchar para nos livrarmos do peso do estylo lusitano. Usemos a nossa prosodia, que tem a frescura das nossas nascentes e a alegria da nossa flora. Escrevamos brasileiro, sem nos preoccuparmos com a grammatica portugueza, que só serve para atralhar o frescor e a pureza do pensamento tropical. E, depois, já não falamos mais portuguez. Ha, actualmente, uma grande differença entre os dois idiomas. Escrevemos na ordem directa, sem a mania dos retorcimentos acrobaticos da phrase que procura alcançar o verbo que ficou lá em cima^ esquecido do resto da oração. Para se ver a differença que ha entre o portuguez e o brasileiro, não é necessário ser um grande grammatico, um Oitica, afinal; basta reparar que não collocamos os pronomes quando conversamos, na situação esquerda em que elles são collocados pelos escriptores portuguezes. O "me dá", o "me deixa ver", demonstram claramente o divorcio das duas syntaxes. Quando pedimos um copo dagua, dizemos "me dá um copo dagua", não copiando a maneira de falar portugueza, que diz: "dá-me um copo com agua". Se formos para o terreno da pronuncia, então, a cousa ainda melhora para o nosso lado. Um portuguez não pronuncia pe-lo-tão com toás as syllabas, transforma a cousa para "plutão". Não vale a pena continuar, pois os exemplos são infindáveis.

Isto prova a grande differença que existe hoje em dia entre os dois idiomas, digo dois idiomas, porque, de facto o brasileiro já é uma lingua comple-



tamente independente da lingua portugueza. Eu, por exemplo, orgulho-me de escrever brasileiro. Tenho horror, pavor dos clássicos. Quando tôpo com um vocábulo daquelles que fazia Camões estalar a lingua quando o encontrava, fujo, azul como um louco. Deus me livre de taes aventesmas, como diria o Fernão Mendes Pinto.

E' por essa razão que estou contentíssimo em saber que Graça Aranha vai, mais uma vez, enfrentar os nossos inimigos, com o intento apostolico de esclarecel-os. Elie, que tem da Belleza uma noção alegre de jogador olyrapico das icléas, vai tentar illuminar as escuridões acadêmicas com a sua palavra radiosa de fervente athleta da palavra.

Poucos, muito poucos, comprehendem entre nós as idéas creadoras desse mystico da acção, desse homem que fez do "Malazarte" o symbolo luminoso da nossa nacionalidade. Num relampago, elle viu que a nossa felicidade estava na alegria, nessa alegria que desvenda a perfeição e que a canta em phrases de ouro.

Elie é o único escriptor que tem mysterio, e do seu mysterio nascerá toda a grandeza do pensamento novo de um Brasil resuscitado pela força do riso dos victoriosos.

O Futuro é nosso. Venceremos a batalha!

*Paulo Silveira.*

("Gazeta de Noticias", Rio)

60

"Já não é pois, sem tempo, que devemos reagir contra a onda invasora da meia cultura de uma geração avariada pelo utilitarismo e vida leviana dos nossos dias. Nunca nos pareceu tão necessário como hoje o desenvolvimento desse instinto de conservação que, tão forte no tocante á vida dos individuos, vae-se apagando e arrefecendo no que diz com as tradições e característicos superiores da raça".

Estas palavras, não as fui buscar m esquecida pagina de Eduardo Prado: recolhia-as em actualissima circular de Dom Sebastião Leme.

Veem exactamente vibrar a tecla que eu tenho o dedo a doer de tanto ferir: o barato cosmopolitismo em que entre nós se vae dissolvendo o espirito nacional. Estamos a virar — já uma vez o escrevi — verdadeira bola de cêra, cuja plastica diariamente se altera á influencia das fitas de cinema, das modas americanas e da litteratura franceza.

E agora, é o proprio Dom Sebastião quem pergunta quase melancolicamente "o que se ha de fazer se no ultimo romance francez e nas mais novas "films" americanas teimam os nossos em buscar as normas do bom gosto, a educação esthetica, os desportos e até o modo de vestir?".

Aliás, muito peor me parece o seguinte: que nas reclames dos pequenos hotés suissos e nos cartões postaes de scenarios

gregos de Hollywood teimem alguns em buscar a nerma da architectura. No Recife mesmo já existem perfeitos "chalets" suissos dando a idéa de próxima carga de neve que nos embranqueceria as bananeiras, as jaqueiras e os cajueiros. E ninguém ignora a sem-cerimonia com que aqui se acotitam velhos e honestos casarões. Agora mesmo chegam-me aos ouvidos rumores duma reforma desse genero. Trata-se de velho sobrado, forte, patriarchal e bom. Matéria plastica nas mãos dum architecto de gosto que fosse, ao mesmo tempo, um homem de espirito, capaz de explorar a nota regional, as características locaes, a honestidade daquellas linhas e mesmo o bafio de tradição que parece querer esverdinhar a branca daquellas paredes e o vermelho daquelle telhado colonial. Por Nossa Senhora do Carmo, não nos deem em logar du n casarão sympathicamente identificado com a paisagem, espaventosa palacio de columnas gregas...

Dom Sebastião Leme — por cuja oratoria não morro de amores mas cujas pastoraes e circulares dão signal de um tão fino critério — versa, na circular alludida, esse assumpto de formas architectonicas. E ha palavras suas que eu quizera aqui transcrever em caixa alta: saltariam assim aos olhos dos que me julgam "fôra da realidade" no que diz com a tradição e a nota regional na architectn-



ra; dos que me crêm pendido para o immobilismo de formas quando eu sempre accentuei a plasticidade dos valores a aproveitar.

"Tão piedosa e zelosa — diz Dom Sebastião — se mostra a igreja catholici em recommendar todo o acatamento ás tradições e até ás formas architectonicas de cada povo, que já em 1659 a Congregação de Propaganda Fide expressamente reprovava a pretensão de alguns missionários que para outros paizes tentavam transplantar usos e costumes de sua terra de origem... Não pretendemos, é obvio, que se copiem edificios de outras epochas nem que cegamente se retroceda ao typo do chamado estylo colonial. Julgamos, porém, não ser de mais pedir que, no estudo das boas construcções colonias, se procure aprender a sua força de expressão, a sua linguagem architectonica e decorativa, para bem expressarmos em "nossa terra" e em "nossos dias", o pensamento christão". E quanto aos monumentos de interesse historico ou artistico: "Onde quer que se apresente um traço apreciavel da physionomia nacional, em sua historia, em suas crenças e tradições em seus documentos de arte, a única attitude que convém a um homem de espirito — é a de respeito e veneração".

Saboreemos bem o encanto dessas palavras ungidas de autoridade, os que temos sustentado o mesmo ponto de vista, com o risco de parecer idiotas. Os que nos temos insurgido contra o hausmanismo ecclesiastico que em Pernambuco produziu a Sé actual, produziu a nova matriz da Casa Forte, produziu o Palacio do arcebispo.

Foi uma phase horrivel de furor neophilo. Havia uma como volúpia de modernidade. Era a "marradas de preto capoeira" — como diria Ramalho — que se destruiu o ingênuo das nossas velhas igrejas, para as modernizar e acatitar e esgalgar, até adquirirem o ar de cinematheatro, como a matriz da Casa Forte, outr'ora tão linda na sua simplicidade de capella de engenho e na sua doce branquura de cal.

A Sé de Olinda foi a maior das victimas: reduziram-na a horrivel caricatura. Delapidaram-na, com a sem-cerimonia, do seu luxo de azulejos e alfaias, abandonando-a ás mãos dum "cementarins". E só uma voz se levantou então contra a "debaçle" e voz de adolescente: a d\* Annibal Fernandes.

E não falemos nos velhos altares que desapareceram para ser substituidos pelos de cimento armado. Nos velhos altares perante os quaes ouviram missas e rezaram e commungaram gerações; perante os quaes se abençoaram tantos novos e se ungeram tantas creanças; velhos altares impregnados da fragrancia de tantas flores e de tanto incenso e da pureza de tantas preces. Em certa igreja que visitei destruiu-se um altar assim; e das taboas, algumas com imagens de santos, se fizera uma escada. Escada por onde rústicos devotos sempre se recusam a passar para "não pisar em santo" Parece mentira e é a mais pura verdade deste mundo. O novo altar lá está, de cimento armado e a faiscar de luz eléctrica.

Em Iguarassu, no Convento de S. Francisco, muito se deixou apodrecer, sem o menor esforço de economia dos valores de ingênua arte christã, deixados pela fé que ali madrugou. Felizmente, o bellissimo côro em talha, todo de pau preto; e os frescos dum sabor parente do de illuminuras allemãs, que ali esverdinham de humidade, são ainda valores a recolher e a defender dos borrões dos restaurados ineptos e dos viscosos tentáculos dos compradores estrangeiros. Porque é toda uma industria macabra a dos compradores estrangeiros que nos vão arrebanhando esses productos artisticos á nossa fraqueza de pundonor patriotico e espirito de tradição: o sr. Luiz Cedro, no seu bello projecto, contou-nos a este respeito cousas de arrepiar os cabellos.

"Já não é pois, sem tempo, que devemos reagir..."

4

Gilberto Freyre

## A VOZ DA PANELLA DE FERRO

*Dichiaro come sempre brutalmente che é impossibile, per un artista veramente moderno, di vivere nel fetore pestilenziale degli ateliers.*

BOCCIONI, *Dinamismo Plástico.*

Continuam os commentarios em torno da conferencia do escriptor Graça Aranha. Protestos e applausos chovem numa barafunda de idéas que espumam no dorso agitado das vagas. A tempestade ainda não cessou. Os ventos sopram com violência, desfolhando as velhas arvores dos alfarrabios da lingua portugueza. Eá no céo, com o olho aváro pregado num buraco do soalho azul, o livreiro Alves espreita o movimento dos seus herdeiros amatilhados sobre o osso dos cem mil réis semanaes.

Sinceramente compungido, elle põe-se a matutar sôbre a fragilidade das almas académicas. Antes tivesse deixado aquele cobre para a Ordem Terceira do Carmo ou para a Santa Casa de Misericórdia! Desde que esticara as canellas que bisbilhotava com soffreguidão a vida dos académicos na esperança de que elles se lembrassem de mandar resir missas sobre missas pelas almas desvaivadas de uma legião de homens de látras que o apedrejou certa tarde na Avenida das Onze Mil Virgens, quando palestrava com o velho editor Quaresma, i respeito da paquice infinita dos escriptores brasileiros. Foi um charivari de todos os diabos.

Para escapar á sanha furibunda das suas victimas, embarafustou-se pela "Livreria das Almas Penadas", e foi se esconder na "privada" que por um desses caprichos da sorte fica bem em cima do "Petit Trianon"... Fóra a horda dos escribas maltrapilhos continuava a urrar impérios tremebundos contra o livreiro miserável que despira a intelligencia para vestir a pobreza mental dos académicos. Um mais decidido, com arsfogosos de poeta, talvez fosse o Guimarães Passos, pediu a palavra:

— Meus amigrs, nós precisamos lynchar esse bandido. Eu mesmo não sei o

que elle and3 fazendo aqui pelo Céo. O seu logar é lá no Inferno. Esse homem é um grande criminoso e merece um grande castigo. (Viva o orador remorra o Alves). No tempo em que eu era académico e que a Academia era "pronta" como o Alberto de Faria, elle não lhe não "qria nigocios cos académicos". Dizia qu,\* aquella literatura não lhe dava nem pa'a comprar a tinta de imprimir. Ganhou a sua fortuna nas costas de pobres escriptores que nunca foram immofltaes. Mesmo, porque, si elle fosse negociar com os livros académicos teria dado com os burros nagua e não poderia ter ganho o cobre que ganhou. E\* um ingrato. Felizmente eu morri antes da herança e agora quero a minha parte em dinheiro. Recordo-me da minha vida de académico lá em baixo. Aquillo lá no Syllogeu não valia nada. Ainda não havia o "jeton" dos cen e quem lá apparecia era o Graça Aranha e mais uns tres que pagavam para ser immortaes. Os outros não appareciam, não gostavam de sessões a leite de pato. Agora a cousa é outra. Vocês têm visto aquillo lá por baixo como está catita? (Todos em çoro: temos visto sim). Palacio novo, chás, dansas, está o succo. Afinal aquillo é uma linda ilha de estupidex cercada de intelligencia por todos os lados. Remorra o Alves! Remorra!

Terminada a oração que foi delirantemente ovacionada, a multidão invadiu a livreria e chegou até a porta trancada do W. C.. Ahí começaram a gritar que saisse o homem. Eis sinão, quando se ouve a voz expremida do livreiro, gemendo essa phrase intestinal — Tenham pena de mim, eu não sou inimigo de vocês, pois agora mesmo estou obrando para a Epidemia.

Bocca que tal disseste, foi uma gargalhada geral. E Camões que tinha ido até ali, por curiosidade, murmurou alto: — "Esta tem piada, tem piada. Vamos embora oh iapaziada que o homem está sujando aquillo lá em baixo".

Com este final tão grotesco passo a tratar das cousas terrenas. Vou aproveitar o barulho da conferencia-torpedy



para alinhar alguns conceitos irreverentes. E' preciso agitar esse marasmo com a alegria da mocidade.

Tudo isso estava tão insípido, tão ca cete, que era mesmo necessário aquelle estouro da alma oven dentro do seio V Abrahão. Ha, assim, mais animação nos meios intellectuaes Fala-se, discute-se. brinca-se. Precisamos dessa vasta esbo-degação para escangalhar com todos es-ses ídolos de barro de uma literatura toda ella construida a custa de concessões da critica e da intelligencia displi-cente dos jornalistas. Isto foi bom: are-juou aquelle ambiente de porão habitave! da Academia. Vamos ter mais novidades. A cousa promete se prolongar. Na pró-xima quinta-feira, o sr. Medeiros e Al-buquerque vae responder ao sr. Graça Aranha, procurando ridicularisar o fu turismo. Com toda a certeza lerá ver-sos "lagartixos" de S. Paulo e pros.i "papamoscas" do Rio. Desde já protes-to contra essa falta de gosto do Sr Medeiros. Como poeta futurista, autor dos "Poemas Prosaicos", que serão edi-tados pela "Revista da Lingua do Rio Grande", insurjo-me contra a falta de compreensão esthetica dos acadêmicos que não têm sensibilidade artistica para ver nestes versos toda a grandeza irre-verente de uma métrica nova:

*Lomclincscas phrases de Dictionarios de*  
[fraque  
*Expectorando o laranja da china verde*  
[amarello  
*Do Osorio Duque de Caxias*  
*Adjectivações bombardeadoras do meu*  
[420 da irreverence  
*Ultra-ridicularizando os versos catolissi-*  
[mos  
*Contra as aranhas da teia do ideal*  
*S. Paulo é futurista*  
*A bróca é o Registrô Litterario do*  
[café  
*Mas, o paulista simultâneo como os ver-*  
[IOÍ do Mario  
*Vae crear o bicho da sêda.*  
*Para fazer o succedancô da rubiacca*  
*Vamos passar agora a beber sêda*  
*Em lugar do café*  
*Viva o poeta Cenbras*  
*Que mandou buscar o outro braço*  
*Em Verдум pun pun*

*Para dar uma fructa de macaco*

*Para a literatura quinhentista*

*Vae embora Cenbras*

*Sinão você vira Delpêche*

*Panella de ferro*

*Quebro todos os caldeirões de barro da*  
[Academia

E' contra essa poesia espontânea que jorra da imaginação com a força des-truidora de gargalhadas que os acadê-micos apontam os seus canhões de pau. El-les não entendem nada disso. Nunca leram Apollinaire, >sse estranho phanta?-ma do futurismo, misterioso autor doi "Calligrammus" que têm a tristeza re-veladora de angustias tenebrosas. E' provável que nenhum delles tenha ũdo o novissimo Boccioni essa alma clara de artista que soube no seu "Dinamismo Plástico" encontrar para a Belleza as linhas novas de uma perspectiva revolu-cionaria. Conhecerão por acaso Marinetti, o anti-Christo do passadismo? Qual, não conhecem nada, nunca leram nada.

Falam do espirito moderno sem já-mais terem passado os olhos num livro moderno. Assim é impossivel se disca **tir.**

Não ha meio delles virem para o te'-reno das idéas contraditar os pontos es-theticos da conferencia de Graça Ara-nha, que, com uma clareza notável de argumentação, soube arrazar toda a ve-lha e mofada literatura brasileira que não tem sido até agora sinão as ceru-las de Herculano e de Castilho. Tei-mam em ficar no terreno infantil das questões pessoases. Parecem meninos 'Je Escola Publica, brigando: "Táhi, bem feito; minha tia é viuva e a sua não é". Discutem desse modo, sem competencia para entrar no assumpto esthetico. Isso vem demonstrar a profunda ignoranen delles em matéria de arte e literatura. Aliás, isso é cousa sabida de toda a gen-te. Os acadêmicos não leem e nem com-pram livros modernos para acompanha-rem o pensamento novo. Satisfazem-se com a leitura modorrenta dos clássicos, numa volúpia pesada de elephantés fio estylo.

Era por isso que cada vez mais a literatura ia se afastando do publico que falava uma lingua completamente



différente da sua. Não havia intimidada artística do escriptor com o povo que refugava com toda a razão o vocabulário cascalhento dos clássicos. Elles não escreviam na linguagem viva do povo, usando ao contrario, uma prosodia dissecada nos cataparcios quinhentistas. Ah: está o motivo pele qual o povo ia tã'j justamente abandonando uma literatura que era o esqueleto desenterrado de u-i estylo morto ha cinco séculos. De tai maneira era impossivel captar a curiosidade publica em beneficio de uma obra literaria atamancada no vernáculo. Emquanto a literatura se afastava para o Passado, o publico se adeantava para o Futuro. Os prosadores e os poetas não se misturavam com a actualidade dos factos para immortahsa'los com o fogo ardente do temperamento. Suffocavam todos os ímpetos creadores da intuição para escrever livros desemxabidos onde as idéas se transformavam numa bagaceira intragavel.

O que é que temos feito até as fronteiras da conferencia de Graça Aranha? Cousa alguma que preste. Na pintura, o Sr. Petit, o pincel de agua benta da sachristia nacional. Na poesia, os vers->s anthropoidicos de Hermes Fontes, o macaco sábio do parnaso botucudo. Na pressa, a saia "entravée" do estylo picadinho do Sr. Medeiros e Albuquerque. Na esculptura, os mármores de "Honra ao Mérito", do sr. Bernardelli, o Solfieri de Albuquerque de estatuaria. Na politica, o constitucionalismo de "pink-pig" do Sr. Lopes Gonçalves, o Chaby

volumoso do palco senatorial. Na medicina, a pathologia de salão do Chiquinho de Castro, menina de Sion da literatura académica. No jornalismo, a pecuária-sima intelligencia do Felix Duarte, do "Correio da Manhã".

Ahi está o que tínhamos até aos limites da admiravel palestra de Graça Aranha. Naturalmente que ha uma excepção nessa minha regra. Ha por ahi alguns rapazes de talento bem aproveitavei até...

O facto é que o autor da "Chanaati" conseguiu emocionar a opinião publica d, paiz com as suas palavras profundas, palavras ditas do alto de um talento g? neroso, que não se está preocupand.i com as picuinhas amarellas dos que não podem alçar a altura deslumbrante do seu pensamento. Elie pensou oceanicamente sobre as grandes bellezas. A sua voz cantou um hymno de belleza á terra brasileira, ungi-do-a com o oleo maravilhoso de uma alegre philosophia. Foi \*claridade nova do espirito moderno amanehcendo sonoramente para o pantheismo mental de uma geração enthusiasmada pela negligencia redemptora daquellas palavras creadoras.

Elie disse cousas eternas que não podem ser destruidas pela voz ephemera de uma critica de invejosos. A sua personalidade crescerá no futuro da nossa historia literaria, embora as pulgas da critica mordisquem-lhe o bronze da immortalidade.

Paulo Silveira

## O EXERCITO E O SERTÃO

Da villa de Araripe, situada perto da pedra desse nome, na zona sul do Ceará, trouxe-nos o telegrapho lacônica noticia, concebida nos termos que se seguem: "A força publica atacou os bandidos homisiados na serra, resultando do encontro sahirem tres poúcias feridos e um morto. Recceia-se um ataque a esta villa, estando a população em armas para repellir os bandoleiros, que são chefiados pelos conhecidos irmãos Pedro, temíveis criminosos. A força publica abandonou o campo e é esperada aqui, bem como os feridos."

Em 1920, no livro — "Beatos e Cangaceiros" — assim me referia eu aos Pedro, de quem ora nos falia o telegrapho:

"Os Pedro são uma familia numerosa, que habita um quarteirão inteiro da rua Conceição, em Joazeiro do Padre Cicero. São muitos: Mané Pedro, Chico Pedro, Antonio Pedro, muitos outros Pedro e Zé Pedro, o mais velho dos irmãos e o chefe da familia.

Foi elle, á frente dos Pedro e mais quarenta homens, quem começou o ataque



Ce Crato, em 24 de Janeiro de 1914. Tiveram ordem, apenas, de insultar a tropa de guarnição da cidade, para fazel-a gastar munição. Tomou a primeira, a segunda, a terceira trincheiras.

E contra as ordens superiores... mandou chamar osromeiros e, em vinte horas de fogo, tomou a cidade... Estava victoriosa a revolução de Joazeiro. Honra lhe seja. Foi esse "general negro" do Cariry quem venceu o coronel "branco" de Fortaleza." (Beatos e Cangaceiros, pag. 89).

Caprichos do destino! Ha dez annos o famoso cangaceiro desbaratara em Crato as forças do então presidente do Ceará, Sr. Franco Rebello.

Agora, num pequeno encontro, lá mesmo no Cariry, mata e fere tres soldados da milícia do Sr. Ildefonso Albano, genro do Sr. Rabello e actual presidente daquele Estado.

Um círculo vicioso. Ainda bem que a prudência e o bom senso dos actuaes chefes dos partidos políticos do Ceará poupam ao Sr. Albano o dissabor de deixar a curul presidencial cearense, como a deixaram o seu sogro e o sogro deste, o saudoso General José Cláudio, um e outro depositos revolucionariamente. Não, o Sr. Albano terá melhor sorte, e passará o governo ao seu substituto legal, já eleito, pois bem acreditado que a sua experiencia não lhe consentirá que, no final do seu operoso governo, vá tocar nessa caixa de maribondos, que é o problema do "cangaço" no Noroeste.

Desde 1920 que venho batalhando pela solução desse grave problema dos nossos sertões.

Infelizmente, porém, não tenho logrado ser ouvido pelos responsáveis directos pelas destinos daquellas regiões desprezadas, esquecidas e mesmo desdenhadas, quer pela União, quer pelos governos dos proprios Estados que as compõem. Talvez que esta affirmativa assim categórica envolva uma injustiça a alguns presidentes e governadores daquelles Estados, que têm procurado solucionar essa grave questão social alli e, entre elles, destaco o Senador Benjamin Barroso e o Sr. Solon de Lucena.

Todos, « porém, sem excepção, a meu ver, não quizeram enveredar pelo caminho que conduz áquelle resultado. Sim, porque já é tempo de se convencerem todos de que o cangaceirismo nos nossos

sertões não é, absolutamente, um caso a ser resolvido pela policia desses Estados, muitas vezes composta, ella mesma, de cangaceiros também.

O cangaceiro, já escrevi eu alhures, é um producto do estado actual da sociedade do Nordeste.

Não me constranjo hoje em repetir este conceito, e o faço com a convicção da verdade pura que elle consubstancia.

O cangaceirismo, pois, não é um caso de policia: é uma grave, gravissima questão social, que reclama medidas adequadas para a sua solução. Elie e as seccas são o maior estorvo que ha ao desenvolvimento do problema economico das regiões que são o seu habitat.

Em tempo, illustre senador da Republica a quem pedia eu sua intervenção junto ao capitalismo daqui, no sentido de serem fundadas no Cariry algumas usinas de assucar e fabricas de fiação e tecidos, perguntou-me quem iria indemnizar a esses capitalistas no caso provável dos cangaceiros, um bello dia, destruirem essas industrias?

— O governo, respondi-lhe eu.

O governo, sim, repito agora e acrescento que já vae fazel-o, de accordo com mensagem enviada á Camara em fins do annò que passou.

Dous mil seiscentos e oitenta contos vae custar á União a indemnisação de uma só das muitas casas commerciaes do Cariry, que os cangaceiros de lá, obedecendo ás ordens do seu chefe supremo, saquearam e incendiaram. Enquanto isso, porém, acha-se enclahada na Comissão de Finanças, da Camara, uma emenda autorizando o Governo a gastar duzentos contos na construcção de um quartel para o estacionamento de um batalhão do Exército no Crato.

Desconfio um pouco de que razões ponderosas tem a bancada do meu Estado, o Ceará, para não se interessar por esse "negocio de tropa de linha" na zona do Cariry... razões de cortezia... e assim uma especie de medo também!

Mas as bancadas dos outrès Estados estão inteiramente forradas de um estorvo desta ordem.

Por que, então, não encarar o problema com a energia que elle reclama?

O Piauh, principalmente, e pela bocca do seu Governador, já soltou o brado de misericórdia reclamando da Federação for-



ças com que pudesse extinguir os maus elementos que de ha muito o vêm infestando.

Estou que o Sr. João Luiz Ferreira nãi estará a pensar que os soldados do nosso Exercito se prestem ao papel de caçadores de cangaceiros nos mattagaes do Piahy. Não.

Certamente, o que S. Ex. reclamou foi o Exercito como força moral e ordeira, o Exercito que instrue e educa a mocidade ao serviço da Patria, esse mesmo Exercito que, com Rondon, civilisou o gentio, e que bem poderá transformar em valentes soldados da nação esses titans de coragem, de bravura e de desprezo pela vida, que lá se vivem destruindo uns aos outros, como fêras.

Ha alguns mezes, illustre amigo meu de Crato, aventava-me a idéa de uma campanha na imprensa daqui contra a actual administração das Obras contra as Seccas, e, ao mesmo tempo, induzia-me a que lembrasse o nome do grande General Rondon para superintender aquelles serviços.

Ao eminente Sr. Francisco Sá, certamente, não deverá passar despercebida essa

idéa aproveitável e exequível.

E, pois, que mande para o Nordeste alguns batalhões de engenharia do nosso Exercito e, sem demora, entregue ao grande soldado e grande patriota a chefia daquelles serviços!

Esse gesto bem poderia salvar o Nordeste, mas salvar de verdade, material e moralmente.

Seria, como lá diz o brocardo popular: matar muitos coelhos com uma cajadada só; o Exercito a educar e a civilisar os sertões com os seus próprios elementos, os cangaceiros a trocar o rifle pela alavanca regeneradora da terra e do homem, e o grande estadista a prestar ao paiz o maior serviço que ainda se poderá esperar da sua intelligencia privilegiada e do sua grande capacidade de administrador propecto e experimentado. Eis mais uma grande e nobre missão que poderá ser attribuido ao nosso Exercito.

*Xavier de Oliveira*

("Jornal do Brasil", Rio)

## SOBRE FIALHO

De norte a sul do paiz, ainda é comum gastarem-se louvores a Fialho de Almeida, "o grande realista que insuflou vida nova á prosa portugüesa"... Destas e de outras asneiras continua a alimentar-se o culto pela grosseria sentimental do estheta luso, — e esse culto aqui, no Brasil, nem ao menos tem a justificativa do patriotismo...

Amanhã dirá o primeiro tuberculoso das letras, a quem o "cheiro de drogas" da literatura fialhesca fala de cura: "Ora, negar talento ao Fialho!"... Pois não se trata disto, oh! creatura dessorada.

Fialho de Almeida foi realmente um grande talento, uma profunda natureza de artista, e tão profunda, sob certos aspectos, que nelle acabou por ficar diminuido o homem, o homem integral, que não é só o cultor da belleza. Esta ainda é tão frágil base á vida de um homem, que é fatal transformar-se o seu adorador em adorador de si proprio.

Curiosa homenagem do erro á odiada ou esquecida verdade! O artista que suppõe poder reduzir tudo á belleza e se entrega

completamente aos entusiasmos mais ou menos ficticios do que se convencionou chamar "o mysticismo esthético", não raro, forçado pela evidencia na sua prpria vida interior, "a ver muito mais que o idea! da belleza", acaba por adorar, sob este nome, tudo quanto se agita em sua alma, e nem sempre capaz de verdadeiramente harmonisar-se com aquelle ideal.

O vicio será belleza, o erro sel-o-á também, todas as tendencias inferiores que martirizam *todos* os homens, todas ellas serão assim baptisadas, porque, em verdade, o que se procura é a "justificação", qtf não dispensa consciência alguma, emquanto senhora de si, emquanto de posse do mais mediocre equilibrio.

O caso de Fialho de Almeida foi, como o demonstra Castello Branco Chaves, esse mesmo que reproduzem todos os românticos em alto grão de decomposição intellectual. Porque é esta a originalidade do ensaio a que me refiro: o seu autor, como tão bem resume Antonio Sardinha, "não hesita, ao inverso dos juizos correntes, em

o diagnosticar como uma affloração de romantismo puro e simples".

Realmente, "aceita a identificação — feita por Seillière — de certos "realistas" francezes, tal como Gustavo Flaubert, com os traços fundamentaes da psychose romantica, já não é tão atrevida como á primeira vista parece a opinião de Castello Branco Chaves."

"Sendo o seu cerebro — diz este — hereditariamente propenso já de si ás meias visões macabras da alta nevrose", e havendo no fundo da sua personalidade "fundalhas de loucura pensante", Fialho envolvia todas as coisas naquella tinta delirante a que elle algures allude, e que o faziam viver num mundo fantastico, de pesada nevrose, a que uma literatura toda mórbida vinha juntar a sua influencia delecteria. Nelle o pensamento jazia abafado pelas sensações e por isso a sua educação não se fez organicamente, raciocinadamente, para a conquista de um grande fim intellectual e de um aperfeiçoamento moral superior. Não tendo traçado um caminho, perdeu-se nos vastos dominio' do pensamento e toda a vida vagabundeou sem arrimo. 10' assim caracterizada a sua individualidade literaria: a vagabundagem mental, o dandismo intellectual e a impotência constructora.

Se a principio agradava-lhe a dispersividade da sua vida, cançou-se, afinal, e ninguém mais do que elle talvez reconheceu quanto fôra esteril a sua intelligencia. Que o "coração lhe batia de uma só peça" e tinha nobreza natural, não ha duvida, e, dahi, certas campanhas que emprehendeu em prol do caracter da sua raça, das tradições mais bellas da sua patria. Mas tudo isto empanado por um materialismo de expressão e de gosto, que era a revelação de quanto a intelligencia propriamente estava longe de ter na sua obra o papel de orientação. Só o instincto o guiava e a sua confissão — pois que "a sua obra é antes de tudo uma confissão" — e a sua confissão de todas as horas era a de "uma immensa angustia, a de doloroso drama de um coração votado ao isolamento, pela esterilidade da intelligencia", que, queiramos ou não, é na ordem humana, a harmonia que perdura, a transfiguração do egoismo em compreensão e sacrificio.

"Personalidade isolada, Fialho de Almeida, sem poder desdender-se na familia, na fê, na sua profissão, sem nunca se ter votado a uma obra, estancando assim todas as fontes que revigorizam a vida, depressa se esgotou — e então, desvairado e perdido, foi arrastado a um desanimo cruel".

10' seguindo passo a passo a trajectória daquella amargura sem finalidade, que Castello Branco Chaves pôde demonstrar que "fôra do ambiente do romantismo, Fialho fica como um enigma indecifrável ou, indo pelo máximo, só parcialmente decifrável".

"Fialho — continua elle — é o filho morgado do nosso ultra-romantismo — uma das ultimas florescencias, e a mais perfeita, talvez, da familia ultra-romantica, em Portugal.

O aristocrático privilegio do seu "instincto musical" — e a musica para elle viria a ter nas sociedades modernas o papel da religião — a resolução que pensou dar ao seu caso interior com o exercicio de um nacionalismo puramente p-ctural, exterior, ou quando muito, esthetico — no seu sentido mais lato — tudo isto é a prova de que nelle foi o sentimento, a sensibilidade que predominou. E, como lembra ainda Antonio Sardinha; é fatal que, no próprio mundo da arte repercuta a verdade traçada por S. Thomaz: ninguém pôde viver sem prazer e, se nos privamos dos prazeres do espirito, cahimos sem remedio nos prazeres da carne.

Fialho de Almeida, por ser uma perfeita figura romantica — isto é, um homem de sensibilidade desgovernada, que cultivou, por assim dizer, esse desgoverno — foi um romântico dessa crescente estupidez materialista, que caracterizou o século XIX, não talvez o maia sensual da historia, mas aquelle em que a sensualidade se transformou em doutrina e culto.

Não é a um artista, que assim falseia o caracter social que a ajte como tudo o mais deve ter, que a mocidade brasileira deve amar e seguir. Pouco importa que elle não tivesse mesmo plena consciência do caracter anti-social da sua obra. A intelligencia só deve estima á intelligencia. Principalmente num paiz novo como o nosso, o factor razão, o



elemento moderador de todas as paixões, a força distinctiva de uma "totalidade humana" em harmonia com os seus fins supremos, ella, e unicamente ella, merece culto e amor.

A falta de fé, o negativismo religioso, o scepticismo philosophico, o anti-patriotismo, a "inhumanidade", para empregar

uma expressão de Maurras, tudo isto não passa de desprezo da razão ou de des conhecimento do que ella é, realmente.

*Jackson de Figueiredo*

*(Gazeta de Noticias, Rio).*

## CONCURSO DE NOVELLAS

"L'Amérique Latine", que se publica em Paris, acaba de abrir um concurso interessante, que deve merecer a attenção dos nossos escriptores.

Trata-se de um concurso para novellas regionaes brasileiras. As vantagens são magnificas, não só pela distribuição dos prêmios estabelecidos para os concorrentes victoriosos, como pela opportunidade que terão de ser conhecidos do publico francez. Os originaes serão recebidos até -31 de outubro de 1924. Cada um dos originaes deverá ter um pseudonymo, será acompanhado pelo nome do autor, num envelope fechado.

Devem ser inéditos, escriptos em portuguez ou francez.

As novellas deverão se enquadrar em: quatro columnas de "L'Amérique Latine", no minimo e em seis no máximo.

Os prêmios estabelecidos são: — de 500 a 300 francos, para a primeira e segunda collocação. Além disso, as novellas premiadas serão publicadas no referido jornal.

O jury será composto de escriptores brasileiros que se encontram em França, como Luiz Guimarães, da Academia Brasileira; José Severiano de Rezende, Delgado de Carvalho, José Feliciano de Oliveira e E. de Fonseca Montarroyos.



«





## DEBATES E PESQUIZAS

---

### POESIA GAUCHESCA

O Rio Grande do Sul nasceu do pó das batalhas.

Era o planalto serrano, e a planície sulina; era o taboleiro reverso dos cochilhões tristonhos, e as chapadas longas da cochilha aberta.

Foi esse o meio, ainda barbaro e misterioso e infinito; este o cenário, ora de boqueirões soturnos e matarias espessas, ora de chapadões, onde se balouçam touças de capim; umas vezes, de varzedo silencioso, outras de cochilha macia, com ondulações de um dorso de felino.

Veio depois o homem ibero, e mais tarde o entrechoque de dois povos de uma raça e outra raça, ambas refluindo das missões de Guayra, de além Atlântico, e aquém mar.

Desceram, alfim, as bandeiras á conquista do "paiz do tape" e os continentistas de Laguna.

Nas abras e nos rios traiçoeiros, entre os quaes ficaram muitos, cruzaram os advenas em demanda de pouso e ayenturas e riquezas... Corriam os mamelucos e os hespanhões á caça de gado bravo, acclimatado nesta região, outr'ora habitada pelas tribus selvagens.

Naquelle tempo, ao mesmo passo que surgem os desidios, oscillam as fronteiras entre os dois povos raianos.

E, acompanhando os reductos fronteiros e os marcos da avançada, penetraram populações volantes, entregues á faina pastoril das "arreadas". Desse nomadismo nascem as fazendas caudilheiras e os primeiros núcleos de pastoreagem.

Assim cresceu o Rio Grande, campo de escaramuças e pelejas, adormentado sempre ao resoar do embate das lanças e das patas dos cavalloos.

E o campino criou-se aqui sem patria e lei.

No insulamento da "campanha", feito á vida pastoril e adestrado pela guerra, elle resurge quasi aborigene, suggestivo e attrfhehente. E' o heroe das gaucharias bravas, sem deus á semelhança do charrua, que se formara das condições de ambiência, desdobradas na correlação de dois factores, a guerra e o pastoreio. Vem dahi a physionomia desse heroe campeiro e selvagino, o gaúcho.

Eue representa a tradição das estancias e da historia do Rio Grande, heróica e ainda hoje viva.



Com essa idiosyncrasia, vivendo no isolamento da solidão, entregue á sorte da vida e ás horas longas dos dias largos, o gaúcho foi sentindo o seu mundo interior, a sua psyché. Nos momentos de lazer ou de festa, encordou então a viola, para cantar, testa a testa aos parceiros. E o canto gemeu soturno e triste, saindo-lhe muitas vezes rude, com a iroriia do deserto; essa tristeza, pontilha nos versos gaúchos com o travor do desdem. Lembram elles igualmente os versos bíblicos, sem pés nem medida, vivendo pela própria intuição.

Quero crer que, á semelhança dos cantos da índia e dos rhapsodas, criando os hexâmetros e hantâmetros de suas elegias ao compasso da lyra, o verso gaúcho fosse uma copla octassyllaba, no acompanhamento da guitarra, repetida por vezes, com monotonia.

Era a redondilha o seu metro peculiar. Eis alguns versos de um cantor crioulo, Pedro Canga, poeta popular de 35:

"Troncos seccos deram fructo,  
O campo reverdeceu;  
Até pararam os ventos,  
No dia em que amor nasceu.

Troncos seccos deram fructo,  
O campo reverdeceu;  
Riu-se a própria natureza  
No dia em que amor nasceu."

De logo se comprehendem agora os motes tão de continuo repetidos entre os nossos velhos fandangos.

A poesia gauchesca externa o temperamento subtil e ao mesmo tempo obliquo do gaúcho; não apresenta fundo ingênuo ou lyrico.

E' mais descriptiva que sentimental, como observara o escriptor platino Zum Feld, dono de alta cultura e eminente sociologo — a fôrma narrativa lhe dá um character objectivo, que foge de toda subjectividade. Por isso, nella não ha um sentido divino, á maneira da poesia heiroica da Grécia. A lenda e a vida dos guerreiros ahi vivem fragmentadas, com accentuado localismo. São episodios, e motivos de momento; porque o gaúcho vive demais a sua vida e não sabe ter memoria: canta ao modo da cigarra os epigrammas das coisas antigas e presentes.

Talvez, o contacto seguido da natureza e a contemplação das fôrmas variadas lhe aprofundassem a agudeza dos sentidos.

O instinetto sobrepuja a imaginação e a phrase, dando largas ao engenho, é medida, sóbria, e a poesia é grave, muito embora sensual á moda arabe:

"Stou velho, tive bom gosto,  
Morro, quando Deus quizer;  
Duas penas levo commigo:  
— Cavallo bom e mulher! —

Cavallo bom e mulher,  
Foi pelo que fui perdido:  
Cavallo bom sempre tive,  
Com a mulher fui mui unido!"

De peregrinar romanesco, outrora o gaúcho, as mais das vezes, alçava a mu-chacha á garupa do pingo; vem dahi essa feição mosarabe dos "cantores", que também se traduz na poesia desse anedejo de terras e perigos.

Assim, nos velhos romances de amor do condado portucalensis, e nas hespanhas mouriscas; assim nos lindos poemas dos torneios da cavallaria antiga.

Mas a mulher não é a heroína dos cantos crioulos. Culpa-se mesmo ao gaúcho de vario e inconstante no amor, sendo que seria constante e firme se fosse outra a sua feição. Vivendo num meio agreste, elle é egoista, ou talvez humano.

A mulher é a eterna inspiradora de imagens amorosas ou ardentes nos povos de imaginação tropical; esse feitio ou fascinação enquadra mais e mais nos seus poetas, que os outros guardam melhor a sabia medida.

A natureza do Norte, de forma luxuriosa, cheia de garridice è variadas cores, accende a imaginação e desperta as vozes do amor.

Em livro de agora, disse Mucio Leão, prosador culto e elegante, que: "A poesia do Nordeste é infinitamente amorosa e sentimental."

Outro é o meio, outras são as condições, e lá a imaginação phantasia as luxurias do amor tropical, criando desejos, e as nostalgias do abandono.

Aqui a situação é diversa, e não é de mais recordar a falta de manifestação artística dos nossos aborigenes, onde se

entremostravam os vestígios da nossa rudeza. E' sabido que, entre os artefactos indígenas do continente só foi encontrado um manto colorido, digno de menção pela sua arte.

Rude era o meio, e os nossos selvagens viviam errantes, sem nenhum principio de civilização, entregues á infancia de uma existencia ainda nas suas origens. E' que, sem estabilidade e luctando sempre, não lhes sobrava tempo para as exigencias da imaginação, e esta não se manifestara ainda. Emquanto isto, as tribus do norte, mercê de um clima amavel e duma natureza rica e vida fácil, foram esboçando ao mesmo tempo formas e côres nos seus artefactos e ingênuas criações artisticas.

Por isso, assim como em toda a arte indígena pode ter logar a causa desse phenomeno, que decorre das condições da própria vida, também na poesia pôde ter logar o seu effeito. Aquella foi a explicação do eminente ethnologo Carlos von Kossertitz, e não é forçado extendel-a ás outras manifestações do pensamento, mais principal ás artes primitivas, que traduzem o gênio da raça, ainda sem influencias exóticas, aproveitando dessa maneira a verdade do methodo de Taine.

A vida feliz e assás folgada nas regiões onde o clima é cálido, propende os seres para os feitiços do amor, e ahi até a plumagem das aves é mais garrida: — os cantos populares vivem então repassados de ternura e paixão nas suas endeixas de lyrismo sentimental.

Ora, o gaúcho, duro de alma, tosco e frugal, creado num meio barbaro e reverso, vivendo a vida do instincto á flor da pelle, sem imaginação romanesca, jamais poderia cantar laudas de apaixonado lyrismo. A sua tristeza não é idyllíca. E si alguma vez cantou, foi o "caso" de algum amor desgraçado, esse que deixa o vestigio de onda ou traz a perdição do paraíso. Nas outras occasiões, foi sempre severo, epigrammatico ou zombeteiro:

"Coração como este meu!...  
— Como este meu coração —  
Sempre está levando golpe,  
Nem por isso cae no chão!!"

A poesia crioula, não amorosa e confiada como a do norte, antes chucria e

manhosa, assim original, tem alguns pontos de contacto com a poesia platina. A tristeza, que nella reponta, traduz o mesmo fatalismo que ensombra o verso gauchesco do Prata. Lá, as luctas com a "maloca" do indio alçado e as "patriadas"; aqui, as luctas com o hespanhol e o selvagem e também as californias patricias.

Eram tudo motivos ao molde da tragedia antiga.

De mais a mais, o nosso gaúcho é um producto do factor politico e social; nasceu como o Rio Grande do pó das batalhas, envolvendo-se pelas condições geographicas.

Por tudo isso, a gesta heróica e campeira retrata a alma desse guasca. Ahi excellen os feitos caudilhescos e de heroicidade; ahi acordam os racontos das lides campesinas e os remoques ferinos.

E o gaúcho é franco e despachado, ás vezes desabrido e agreste; mas acolhedor, principalmente o fronteiriço, menos erradio.

Aquella dupla corrente de feição épica e rural, já referida, do trovar gaúcho individualisa o caracter peculiar no nosso camponio. Após as narrativas, as mais delias abreviadas, da vida quotidiana, resurgem as historias medonhas do atropelo e perigos do campearar crioulo, e os entrechoques das lanças e os facões: em summa, todo o luctar dos homens gaúchos — "em perigos e guerras esforçados".

Além do mais, os aspectos da paizagem, as vozes bucólicas do pastoreio, o gado e os rebanhos, as mulheres e os cavallos, eram tudo resonancias, cujos acordes foram também repercutir no canto gauchesco. Mas este é por vezes desalegre e fundamentalmente causticante, como o minuano, sem a nota de lyrismo amoroso, que predomina em toda a poesia do Norte, conforme affirmara Sylvio R<sup>o</sup> mero.

Depois de usar as quadrinhas de bur-la, "largada" ou gauchada, nos desafios ou cantos de improviso, veio também o gaúcho a usar, já mais tarde, as chamadas silvas de amor em decimas e sextilhas.

Mas só na poesia compadresca dos gauchitos rhetoricos de pala no hombro ponteia a narrativa lyrica, sentimental e amorosa. Reflectem-se já de tal maneira

no canto popular os feitiços da civilização, os efeitos do urbanismo.

E' por isso que a maioria das nossas collectaneas, colligidas pelos escriptores citadinos sem investigação própria, jamais mostraram a verdadeira poesia gauchesca.

O sentimento narratico de quem vivia a vida dos sentidos, sem as nuanças da intelligencia, tomou a forma racional objectiva, e a philosophia que resumbra nos versos gauchescos nasceu da experiencia; não brotou ella do raciocínio ou de uma crença religiosa e divina.

O intimismo pagão do gaúcho vem das

formas exteriores, por vezes fatalistas. Dahi que não haja nelle a influencia do christianismo, o cyclô das procissões.

Se algum santo apparece na legenda gauchesca é um negrinho do pastoreio ou um são benedicto, amigo do diabo e agauchado.

A poesia gauchesca é original, e hoje vive na alma desse heróe batido pela civilização.

Cyro Nobre.

Maiô — 924.

("Correio do Povo", Porto Alegre.)

### COUSAS NOSSAS, INÉDITAS...

*Beneficiamento antigo do café pelo monjolo — Quadro de A. Norfini*

Nos annos em que o café invadindo as encostas da terra marítima ia arri-zando deante de sua marcha invencível aquella admirável floresta do valle da Parahyba, cuja queda a Gardner, illustre botânico inglez, arrancava, em 1840, grtos de desespero, nestes annos longi- q'los em que o Brasil adquiria este nove elemento de prosperidade, esta nova mercadoria de procura intensa que é o seu magno esteio conomico de hoje e a razão de ser primordial do seu intercambio mo netário, muito longe se estava ainda da? machinas de beneficiamento que aos commerciantes fornece esta perfeita série -c typos, uniformes mo seu poñimento e b unimento, orgu'ho de nosso machinaro mrderno. Para descascar o café reco- r'am os produtores de então a todos oi meios de que pjdiam lançar mão, ; n faziam as boiadas passar por terreiros de s'ccagem, ora batiam as colheitas a vara ou as seccavam a mão de pilão.

A primeira machina que descascou c; fê, foi o utilissimo e modesto monjolo, "antiquissimo", probo e paciente instru- mento, maço da fartança" como lhe cha- ma Alberto Rangel, "cujo som, egual, pe- rtne e compassado do canto gementj de moageiro, de certo modo embala o tidio e a insipidez da roça".

Vc-se. no entanto, alvo da chacota: querem os lusitanophobos de hontem e de heje seja a mais elevada demonstração li

inventividade portugueza! Fortes tolei- rôes! se nem sequer é portuguez! De- monstra-lhe Varnhagen a procedencia cVneza e Alberto Rangel nelle quer a encarnar o symbojo de uma das metadvs do Brasil

Representa o Sul, como" a bolandei a > Norte. "E" o emblema da banda na •atria onde existem a agua permanente e o desnivel forte". Emigrou para Po' tugal com os bronzes e os xarões, as STdas de Shangai e de Nankin. Mas foi nc Brasil que se acclimou a ponto • r. m lhe encontrar guarida o nome no\* •,landes léxicos iortuguezes de antanh. Aos viajantes estrangeiros do Brasil pren- deu a atenção cuiiosa. Saint Hilaire vi- o poeticamente enquadrado de laranjeira\* e avençarias nas devezas da Mantique- ra. John Maw, mineralogista de prof s- são, dignou-se dfeenhal-o numa gravt-ra medíocre. E é corrente entre os paulistas uma anecdota re.itiva ao quinau que uJl e.tudante de meados do século passado "pregou" a um .os mais famosos lent: • de mecânica applicada de toda a culti. Germania. Gabava-se o "magister" de conhecer os mais rudes e primitivos • — canismos e o moço de S. Paulo "embu- tucou-o" mostrando-lhe que ignorava a existência do nos'o bom monjolo marr«- lheiro.

Que bello hymno lhe entõa Alberto Rangel nas paginas iniciais do seu lindo "Quando o Brasil amanhecia", mixto en- cantador de sinceridade e "persiflage" delicada. Triturando as macahubas, pui-



verizando o milho ou descascando o arroz, o aparelho é lição corriqueira á moral do sertanejo. Exemplifica a moléstia, o labor e a eternidade. Quanta poesia se desprende desse malho e desse gral com a melopéa brusca: Chu-an-poung! a pilar a cangica no fundo do grotão! Tem o som raspado, misterioso e cavo de aldraba na ponta chumbada de uma socava, a gravidade melancolizante dos pêndulos e a serventia boçal dos africanos. Merecia um desafio entre cantadores, dos bons e as odes dos poetas laureados."

"O regato tenta afogar o madeiro prestante, mas este se defende, dando uma simples descaída de ombros. Tronco inteligente, viga prestadia e sobretudo complacente, rejeita o quanto lhe entornam na queixada e desta forma nunca se estanca a séde que o instabiliza. Deram-lhe o nome depreciativo de preguiça sem lhe reconhecerem a proveitosa lentidão, fruto divino do seu dote de incansavel." Representa o passado e a perseverança, conta as horas por igual, meia noite é um despejo e uma pancada, a amassar o pão nosso de cada dia com as curupiras e caaporas traquinando-lhe na gangorra".

E, continuando o seu lindo dithyrambo á velha machina leal, accrescenta o autor do "Inferno Verde": "A "haste" marmaz oscilla na "tranqueta" ou cavilha da virgem ou "pasmado". Ajuda-a na descambada do balanço o contrapeso do "macaco". A agua preenche a cavidade do "cocho" que a rejeita para o receptáculo nomeado do "inferno". A "mão" firme na malheta da "munheca" tomba a es-trondar pulverizando o cereal no bojo

do pilão. Afim de se deter o monjolo no movimento alternativo, especam-no com a "estronca". Ahí está toda a nomenclatura e a manobra da alavanca do primeiro genero que tem uma ducha por potencia e dança em batecum de bombo e seu passo de marcha cadenciada e soturna.

Mistral cantou um poema ás cento e tantas peças de charrua; ainda não houve brasileiro que poetasse sobre as nove ou dez partes do monjolo."

E por ahí continua o illustre escriptor numa série de considerandos deliciosamente enunciados para terminar numa apostrophe, perfeito remate de tão bellas paginas: "Como tudo mais, passarás! Transformam-te para melhor numa roda Pelton! Qual será teu ultimo avatar, martellão de pau rombo, certoiro, indesregravel e sonoro?" A's glorias do monjolo juntamos uma, ainda agora: o seu papel na industria da preparação do café. E' mais um florão de triumpho a recordar o seu passado immenso, carregado de séculos, mais um titulo á benemerencia, aos olhos dos brasileiros que sabem as coisas do Brasil e a quem a excellente reconstrucção de Alfredo Norfini recorda uma época já distante.

E a mero titulo de curiosidade apontemos mais um termo á nomenclatura da honestissima machina: á manobra alternativa "gangorra" de sua haste dá-se em alguns municipios do Oeste de São Paulo o nome pittoresco de "coximpim", dizendo-se por exemplo: "está meio em falso o coximpim deste monjolo, é preciso acertal-o!"

T.

## MUSA MATUTA

*{De uma conferência do sr. Leonardo Motta, em Fortaleza}*

Em começos de 1922, após o meu regresso do sul do paiz, logrei a ventura de receber aqui, em Fortaleza, a visita de Luiz Dantas Quesado, um dos apreciados poetas populares a quem eu consagrara um dos capitulos de meu livro — "Ao som da viola". "Luizinho" appareceu-me a recitar um sem numero de versos que eu lhe não conhecia, tanto que os não aproveitára em meu livro

prefalado. Aqui estão algumas dessas estrophes:

De quatro co'sas no mundo  
Já gostei, não gósto mais:  
De cavallo galopeiro,  
De lamparina de gaz,  
Calça com bolso na bunda,  
Palitô lascado atrás.

Ainda tenho saudades  
Do tempo que fui solteiro:  
Não tinha inveja de nada,



Nem de quem tinha dinheiro!  
Hoje já me falta a vista,  
Não enxergo um passageiro...  
Se converso com uma moça,  
Só conheço pelo cheiro.

No lugar aonde eu canto,  
Os bichos ficam valente:  
Preá insulta cachorro,  
Carneiro fica imprudente  
Macaco briga de foice,  
Cururú mata de coice,  
Lagartixa engole gente.

No lugar aonde eu canto,  
As moças ficam contente:  
Se penteiam, mudam roupa,  
Ficam correcta e decente...  
Me pedem para eu glosar  
Porém eu só posso estar  
Com tres ou quatro na frente.

Observastes? E' um cantador septua-  
genário, é um poeta ancião que satyrza  
os costumes de seu tempo e ironiza o:  
achaque da idade, blaterando que a sua  
só presença prestigiosa tem o condão de  
enfeitiçar a face das coisas. Quantos  
moços de 20 annos se declaram pobres  
diabos imprestável, numa desastrada  
versalhada de vencidos, enquanto esse  
velho animoso encara, risonho e mordaz,  
o quartel derradeiro da existencia, ven-  
do-a ainda com a primitiva tonalidade  
rôsea dos áureos tempos da juventude  
distante!

Luiz Dantas Quesado foi sempre,  
aliás, um coração aberto, escancarado á  
jovialidade. Não ha muito elle andava,  
uma boca de noite, pelas ruas esburaca-  
das de Missão Velha. Quasi cego, foi, de  
repente, de encontro a um vulto. Era  
este um garrote que, mesmo magro, in-  
vestiu contra o velho poeta, derribando-J  
com uma cabeçada impiedosa. Luiz Dan-  
tas gritou por soccorro e, transportado pa-  
ra a botica da terra, antes que lhe mi-  
nistrassem a arnica, improvisou a sexti-  
lha:

O velho Lu'z Quesado,  
Foi sempre um bicho taludo:  
"Nunca entrou numa zoada  
Pr'o povo não correr tudo...  
Mas, apanhou, neste instante,  
Dum garrote barrigudo.

O "Bemtevi" (João Pedro de An-  
drade), negro alto que encontrei no Ce-  
dro, perto de Lavras e, como vos disse,  
sobrinho do primeiro "Bemtevi", que  
se chamava José Pereira de Souza, é o  
autor destas estrophes rematadas por um  
estribilho interessante:

Home que não tem cavallo,  
Pr'a que diabo compra peia,  
Mulher que não possui brinco,  
Pr'a que cão fura as oreia?  
Não posso me acostumar  
Com o vento açoitando o mar  
E as ondas beijando a areia.

Faca é sujeita á bainha,  
Gaz é sujeito á candeia,  
Pé é sujeito á chinella,  
E ripa é obrigada á teia...  
Não posso me acostumar  
Com o vento açoitando o mar  
E as onlas beijando a areia.

Quem é cego dos dois olhos,  
Não carece sobranceia...  
Negro de botina branca  
Não se dá coisa mais feia!  
Não posso me acostumar  
Com o vento açoitando o mar  
E as ondas beijando a areia.

Desprezei o meu lugar,  
Hoje ando eni terra alêia,  
Porém tou tuj satisfeito  
Que ninguém não avalêia...  
Não posso me acostumar  
Com o vento açoitando o mar  
E as ondas beijando a areia.

Esta minha cantoria  
E' ouro qti não mareia!  
O homem que canta bem  
A rima nunca vareia:  
Não posso me acostumar  
Com o vento açoitando o mar  
E as ondas beijando a areia.

Escutei "Bemtevi", durante varias he-  
ras seguidas. Na estreita saleta de um  
hotel do Cedro fazia um calor tremendo,  
aggravado pela presença impertuna de  
um sem numero de curiosos, entre os  
quaes varias creanças. "Bemtevi" can-  
tava a estrophe:



Falta tudo em seu creado,  
Só o que não falta é repente.  
Gósto de caçar perigo,  
Vêr desgraça em minha frente...

...a essa altura, porém, reparou r<sup>a</sup>  
meninada e atirou-lhe um remoque, com-  
pletando a estrophe:

Falta tudo em seu creado,  
Só o que não falta é repente,  
Gósto de caçar perigo,  
Vêr desgraça em minha frente...  
...O' terra pr'a ter meninol  
Menino, quando se ajunta,  
Só faz é calor pr'a gente...

São também Ja lavra de "Bemtevi"<sup>M</sup>  
estes versos claros, escorreitos, e, não  
raro. conceituosos:

Cada qual faça por ter  
Bem guardado o seu vintém:  
No céu entra quem Deus quer,  
Na terra vale quem tem.

Meu S. Francisco das Chagas,  
Meu Santo do Canindé,  
Eu sei que Santo não voga  
Naquillo que Deus não quer.

O que é do\* outros não quero,  
O meu não dou a ninguém!  
Se eu não quero o que é dos outros,  
Ninguém queira o meu também,  
Pois, ás vez, quando me estôrvo,  
•Ou quebra, ou papoca ou vem!

Qual é a coisa mais feia,  
A's vez commigo magino:  
Se mulher que fala grosso,  
Ou freguez falando fino...

Quem tiver a sua casa,  
Não perca e'la de vista,  
Não consinta suas filhas  
Darem fogo a rabequista.

O casamento custoso  
Serve é p'ra povo falar,  
Quem quizír cantar commigo,  
Traga contas de rezar,  
Que eu sou como um Purgatoro,  
Onde as a'mas vão penar.

Duvido ha/er como este,  
Um dictado mais profundo:  
— Dinheiro e mulher bonita,  
E' quem governa este mundo!

Não ha ninguém como a morte  
P'ra acabar a presumpção,  
Com quatro metro de chita  
E sete palmo de chão.

Tomára encontrar a morte  
Que eu quero lhe perguntar  
Quem morre do mal de amor,  
Se vae para bom logar.

Estas duas quadras ultimas sobre a  
morte não são, evidentemente, da lavra  
de "Bemtevi". Delias conheço variantes  
na collectanea portugueza de Agostinh >  
de Campos e Alberto d'Oliveira.

Na minha recente estadia na capital  
parahybana, precisamente durante as  
tradicionaes festas de Reis na poética  
praia de Tambau', afóra annotações pre-  
cisas sobre o c5co regional, colhi estas  
quadrinhas brejeiras e amorosas:

Quero cantar, ser alegre:  
Que tristeza não faz bem...  
Inda não vi a tristeza,  
Dar de comer a ninguém.

Mandei fazer um sobrado,  
De 25 janella.  
P'ra botar uma menina,  
Que ando c'o sentido nella.

Quem roubou o meu amor,  
Deve ser meu bom amigo:  
Commigo deixou a glória,  
Levou traoalhos comsigo.

Os olhos desta menina,  
A's vezes gravo na areia;  
Parece malacacheta  
Em noite de lua cheia.

O collo d'ista menina  
E' branco como algodão:  
Tem a belleza das garças,  
Voando pelo sertão...

Todo o r;,\*o de seu corpo  
Que bellezi deve ter!  
Eu, mais ou meno, adivinho,  
Porém não posso dizer...

Quando veio esta menina,  
Logo ao despontar da aurora,  
Comparando mal — parece  
Que eu vejo Nossa Senhora!

Palavra fóra da boca  
E' pedra fira da mão:  
Tu tens me dito palavras  
De cortar-me o coração.

Quem do meu peito saiu  
Saiu p'ra se divertir...  
Como saiu ror seu gosto  
Quando quizer, pôde vir.

Lá vem a lua saindo,  
Redonda com-> um vintém,  
Inda bem não me casei  
Já estão dando os parabém...

Passo a vos mostrar alguns instantâneos da vida ruatuta, á moda daquella série de flagrantes anecdoticos, que constituem a segunda parte de meu primeiro livro, sob o titulo geral de "Do Sertão":

Em Senador Pompeu.

Em transitio rara Iguatu', pernoito JI' "Hotel Clementino", á praça da es\*i-çSo ferroviaria. O proprietário do hotel tem a obseqjiosa lembrança de mandar preparar-me um jantar especial, mas me pede para "passar a onda" e aguardar a segunda mesa.

Mais tarde, sou convidado a jantar e verifico que o hoteleiro se esforçara de facto, em me ser agradavel: um prato de macarrão e outro de ervilhas livrar-me-iam das diversas carnes e d3 arroz e farofia que eu vira tinha sido e r-pasto dos m.7u« companheiros de tren:

O major R-ymundo Affonso, de S. João do Rio do Peixe, que durante a viagem me entr-tivera com a sua pitoresca conversação, viu-me á mesa e veio fazer-me companhia, durante a refeição. Notando minha preferencia pelo macarrão e ervilhas, senteceu:

— "Dr., o sr fique sciente que o que dá valor ao homem é carne, feijão e farinha"...

Sorri discretamente e indaguei se eie não gostava de macarrão.

— "Como lá isso... De comida estrangeira eu só como mesmo é doce de lata"...

Em Lavras.

Com a fartura de dinheiro proveniente da alta do preço do algodão, a cidade aos domingos, está cheia de matutos alegres, vindos do interior do município. O vigário local ap-oveita a oportunidade e promove e remodelação da matriz: é fácil a aquisição de obolos fartos, liealizam-se kerm-ssis, leilões de prendas. Prepara-se artistica "Lapinha". A "Arvore de Natal" ostentar-se-á arreada de enfeites mu'ieores e de pequenos objectos, que serão adquiridos, mediante s.rteio. Mas, pa-t se poder apreciar, na "noite de fe.ta", a "Arvore de Nata.", os ingressos custarão mil réis. Saem, por isso, senho\*\*ir:<s á rua, pleiteando a prévia collocação de uns quinhentos cartões de entradas.

Um velho agricultor, abordado pelas moçoilas graciosas, titubeia, indeciso. El-ljj investem, gentis, e fazem a "reclame" da Lapinhi. Esta só terá graça na primeira noite, antes da Missa do Gallo. A casa está muito iluminada e o espectáculo será muito bonito.

E o velho matuto pergunta, ansioso:  
— "Dona, e tem paião?"

Em Ingazeiras

Na "ponta Ja linha", isto é, na derradeira estação ferroviaria da "Batu-té" ha uma latada que serve de mercado de frutas e carne verde. Sob o pretexto de me servir do café vendido por gorda e velha regra patricia, acerco-me de um grupo de sertanejos palradores. Elles palestram 'obre seus proprios interesses:

— Compadre, v. é feliz com gado?

— Quall nem eu, nem minha sogra. Fu. assim mesmo, inda peguei tres ntzerros. Mas, minha sógra, este anno. nio passou duma vacca parida...

Em Sobral, aos 7 de setembro de 1922, data consagrada á couunemoraçai do primeiro século da independência nacional. São qnai/a horas da tarde e um K-ande préstito civico percorre as ruis



da cidade, detend'-se, aqui e ali, a ouvir inflammados discursos patrióticos.

A população local tem noticia do que fji a jornada do Ypiranga, sabe o significado da grande conquista\* com timorada Mas., a matutada do interior do município se incorpora á passeata, qual se esta fosse urna procissão religiosa. Os

matutos não atinam com o que seja "a Festa do Centenario".

38 por isto «ue um serrano da Meraoca interpella, curioso, o poeta Paulo Aragão:

— "A procissão tá aqui, mas cadê, cadê o São Tenaro?"...

## BRASILEIRISMOS

Nas linhas que aqui vamos deixando, não pretendemos acompanhar de perto, bem se vê, o longo e admiravel estudo de Apollinario Porto Alegre sobre as origens guarano-tupicas do portuguez falado no Brasil.

Para isso teriamos que citar innumeros vocábulos e provérbios locais e não seriam necessarias, apenas, varias columnas e, sim, paginas e paginas do "Correio do Povo", em composição cerrada.

Entretanto, no estudo alludido, ha tantas coisas inéditas para o Rio Grande do Sul e o paiz inteiro, e tão curiosas para os interessados em taes assumptos^ que não podemos deixar em esquecimento algumas das que julgamos mais merecedoras de apreço.

Assim é que trataremos, hoje, da parte referente á transformação que soffreu o vocábulo indigena, na sua passagem para o portuguez. A transição deu-se, por certo, lentamente, á medida que, aos poucos^ o termo se ia enraizando na linguagem popular, como, aliás, posto que ligeiramente, já tivemos occasião de ver com o verbo "abombâr".

Vejamos, agora, a palavra "butiá".

O "Dicionario Contemporâneo", de Caldas Aulete, não a registra, nem ^ "Novo Vocabulario Nacional", do reverendo padre Caris Teshauer, S. J. A "Encyclopedia Portugueza", de Maximiano de Lemos — parece incrível! — diz^ somente, isto: "Especie de palmeira". O deficiente "Vocabulario Rio Grandense", de Romagueira Corrêa, informa: "Butiá", especie de coqueiro pequeno e a sua fructa". Dá depois, rapidamente, a significação de "butiazal" e de "butiazeiro", não despertando^ de maneira alguma, a attenção do leitor.

Representando o vocabulario uma ampla collectanea fiel dos termos de uma lingua, com explicação succinta, verifica-se

por ahí que os autores acima apontados deixam muito a desejar.

Em Portugal, não ha muito tempo, dizia-se que os brasileiros tinham deturpado, ou antes^ desfigurado o portuguez.

Puro engano. A lingua de Camões permanece intacta. O que se fez, aqui, foi enriquecel-a com uma variedade enorme de vocábulos, creados pelas exigencias de uma nova vida. As palavras trazidas do mar para a terra, pelo açoriano, são tão poucas, que, ciaramente, não podiam produzir essa tão falada desfiguração. Talvez seja esse o motivo por que os lexicographos de além mar fogem de recolher os nossos vocábulos.

O que se dá no Brasil, dá-se também em todos os paizes latinos da America. Nem por isso, a lingua de Cervantes foi desfigurada. O mesmo acontece, ainda, nas colonias e nos dominios das nações europeas nos diversos continentes. Demais, si^ houve tal alteração no idioma, foi ella feita pelos proprios portuguezes, logo depois da conquista.

E' muito conhecida, entre nós, a fructa do "butiazeiro", de cor amarello-vermelha. Ho o "butiá" doce, que chega a enjoar, muito apreciado pelos selvicolas e pelas nossas creanças, e o "butiá" azedo, amargoso e intragavel, mas que muitas donas de casa aproveitam para, com elle, fazer um saboroso licor.

Fala Apollinario Porto Alegre:

"Butiá", fructa do "butiazeiro".

Etym. De "ybatauí", que consta de dois elementos: "ybá", fructa, e "tauí" por "tagná", no antigo tupi, significando vermelho, e, no actual tupi amazonico, amarello, pois^ nas diversas variedades de fructas desta palmeira, as ha, desde o tom amarello desmaiado até ao rubro fechado."



Em seguida, o autor manda ver a etymologia de "batauá", a qual é a seguinte:

"Batauá" ou "patauá", denominação com que é conhecida, em Matto Grosso e no valle do Amazonas, uma palmeira, figurando a primeira na nomenclatura scientifica.

E' o "oenocarpus batuá de Martius". Assemelha-se á "bocaba" no porte e produz fructas avermelhadas, quando maduras, das quaes os indios fazem vinho.

Supomos proceder de "yba" e de "taguá", ou "tauá", que, no dialecto tupi do Amazonas, equivale a amarelo e designa, ainda uma argila ochrosa da mesma côr.

"Taguá", por sua vez, consta de "tata", fogo, e "guá", pintura, isto é — colorido côr de fogo.

"Taguá", no antigo tupi, tinha a significação de barro vermelho (Vide Figueira Gr. Tupi) e, portanto, como adjectivo, designa a mesma côr. Actualmente, a accepção descaiu, por haver "curi" para a argila de coloração rubra."

Apollinario Porto Alegre não entra em particularidades sobre as diferentes formas que tomou a palavra "ybatuá", "batauá", ou "patuá", antes de se fixar, definitivamente, em "butiá", no portuguez.

Continuando os seus estudos sobre a letra B, chega elle á palavra "butiatuba", synonymo de "butiazal", bosque de "butiazeiros". Procede de "ybatuá"-f-"tyba", suffixo correspondente ao portuguez em "al". E diz que "a difficil pronuncia do y, que produz, gutturalmente, um som intermedio entre i e u, fez com que taes vocábulos, de procedencia indigena, ora passassem para a linguagem vulgar em "tuba", ora em "tiba".

"Butiazada", grande porção de "butiás". "Butiazal" entre as pessoas cultas, "Butiazeiro", palmeira do genero côco, de que ha algumas variedades, notando entre ellas o C capitata e o C eriospatho."

O sr. Affonso de E. Taunay diz que, nas suas viagens pelo interior de São Paulo e Minas, entre pessoas de pouca illustração, recolheu vocábulos de que não tivera até então conhecimento.

Também, no lugar onde residia (Casa Branca), o director do antigo Instituto Brasileiro, a população dos arrtidores cri, nessa época quasi toda analphabeta, e descendia, na maior parte, de açorianos com guaranys e raros africanos.

Era entre essa gente simples e bca que Apollinario Porto Alegre fazia farta colheita de palavras, para elle ainda desconhecidas.

A par de vocábulos clássicos, que os seus vizinhos usavam, como cercear, por cortar; um cito, por uma 'impa, deparou-se elle com tres termos synonymos, representando os tres factores da nossa nacionalidade, e que lhe causaran viva impressão. São esses termos: "penso", "cambiao" e "gucenzo". Exemplo: Este branco está "penso", "cambiao", "gucenzo".

A respeito, diz o saudoso professor:

"Penso", que ainda os lexicographos não colligiram, apesar do povo, conservador em seus hábitos, salvá-o pelo uso, vem do verbo latino "pendere"; é o participio "pensum". "Cambiao" é do guarany. "Gucenzo" é do "bantú".

De modo que, assim, se foram formando muitos vocábulos para usos particulares e do povo.

Durante muitos annos, as pessoas justicas diziam "butiatuba" do guarany em toda a sua pureza, referindo-se a um bosque de "butiazeiros", vocábulo que, ao correr do tempo, oela desinencia em "al", tomou a fôrma portugueza, dizendo-se hoje "butiazal".

P. Alegre, 3 — 24.

A. Daisson

("Correio do Povo", Porto Alegre)





## NOTAS DO EXTERIOR

---

### RENASCENÇA LITERARIA NORTE AMERICANA

Boston, 26 de Março de 24.

Ao começar esta série de cartas mensaens para *America Brasileira*, deverei fazer algumas observações preliminares a proposito da falta de communhão intellectual entre os Estados Unidos e o Brasil. E' certo que temos brasileiros notáveis nos Estados Unidos; para mencionar somente um ou dois, lia Oliveira Eima, professor de Direito Internacional na Universidade Catholica de Washington D. C. Ha o Sr. Hélio Eobo, Consul Geral em Nova York. O Sr. Hélio Lobo é um incansavel comentador de coisas politicas e diplomáticas; o Sr. Oliveira Eima, para onde que elle e sua mulher viajem, tem levado comsigo uma poderosa influencia para o melhor entendimento da cultura brasileira. Em todo o caso trata-se de influencias individuais. Algo como uma *entente* intellectual ainda não foi estabelecido entre as duas grandes nações. Gente ha nos Estados Unidos que crê que o Brasil fala espanhol. Gente ha no Brasil que imagina que nos Estados Unidos só levamos a lynchar negros, divorciar-nos das nossas mulheres e socar *jazz*. Imagino quantos brasileiros educados sabem que os Estados Unidos têm produzido obras originaes

literarias desde os dias de Hawthorne, Emerson, Poe e Wihman? Sei que ha alguns, Eembro com prazer uma visita de Gilberto Freyre, — um moço encantador que conhece intimamente os nossos escriptores e que espero, sobre elles escreverá para os seus patricios, agora que voltou ao Brasil com os thesouros do mundo no seu livro de notas.

Desejo falar, este mez, da chamada renascença na literatura norte-americana. Pela primeira vez na memoria da nova geração, começamos a produzir um drama autochthone, uma novella nativa, uma poesia vital. Chegamos á idade adulta nacional. Alcançamos a idade da auto-critica.

O que é muito estranho, e um bom signal, é que os nossos criticos estão sendo largamente lidos pelo elemento mais novo. Estão sendo conhecidos na Europa. A "joven geração" de escriptores é decididamente "intellectual" em character. Conhece o melhor que tem sido escripto e pensado na Europa; interessou-se pelos quadros e versos da China e do Japão; numa palavra, tornou-se verdadeiramente cosmopolita e internacional. Muito se escreve hoje nos Estados Unidos sobre theoria artistica. Mais ainda se faz no caminho da critica actual. O



•escritor novo sente agora que o seu trabalho é lido e estudado; recebe estímulos críticos; a literatura tornou-se uma coisa não somente de livros, mas de vida.

Entre críticos que são de importância mais que nacional, ha homens como H. L. Mencken, George Jean Nathan, Van Wyck Brooks, J. E. Spingarn, Ludwig Lewisohn. Mencken é o *enfant terrible* dos Estados Unidos. Juntamente com Nathan, é editor do novo magazine *O Mercúrio Americano*. *O Mercúrio* ataca intrepidamente a tradição puritana; os seus editores são anarquistas intellectuaes, mantendo uma attitude de esthetica livre e aristocracia. A critica dramática de Nathan gosa de alta reputação em Nova York e Eondres por causa do seu espirito corajoso e brilho. Mencken, sobre quem o Sr. G. Freyre escreve no Brasil, e que outros escriptores na America espanhola fizeram conhecer aos seus leitores, tornou-se o symbolo da mocidade insurgente. Escreveu uma admiravel obra philologica e cultural chamada a *Liniua Americana*, em que o seu espirito em ebulição faz da grammatica e da niorphologia assumptos de prazer. Esta obra valiosa mostra que a lingua dos Estados Unidos está-se rapidamente differenciando da lingua mãe. Creio que o Sr. João Ribeiro fez estudos semelhantes em relação ao portuguez no Brasil; lembro-me ter lido com grande proveito o seu livro *A lingua nacional*.

Spingarn tem feitp muito para espalhar seu conhecimento da cultura italiana nos Estados Unidos. Amigo de Croce, tem sido o órgão do philosopho italiano em nosso paiz. Atravez da *Livraria Europa*, de que é editor, trouxe aos nossos leitores as obras de italianos como Croce, Gentile, Papini, Borgese; de allejnães como Heinrich Monn e Jacob Wassermann; de espanhoes como Valle-Incián. Elie proprio é im fino poeta e uma autoridade na Renascença italiana.

Van Wyck Brooks tem feito muito para acordar a nossa vida em suas mais r'cas possibilidades intellectuaes. Propugnou uma communhão mais intima entre a arte e a vida, e apontou o perigo de flue, se o artista se retira para a torre do marfim, deixa campo aberto ao philisteu. Ludwig Eewisohn tem feito pela cultura germanica o que Spingarn fez pela india. Traduziu as peças de Haupt-

mann; escreveu uma historia do drama moderno e fez conferencias e escreveu «obre poesia na Allemanha e na França.

Estes não são todos os criticos importantes dos Estados Unidos. Escolhi-os porque representam um desvio dos modelos tradicionaes. Entre o trabalho delles, tentei modestamente apresentar a cultura da America espanhola e portugueza. O Dr. Coester, também da Universidade Eeland Stanfcrd, escreveu sobre a literatura da America espanhola. Os Estados Unidos estão começando a •abrir os olhos á historia cultural do continente sul. Têm tido uma oportunidade para ler, em inglez, alguns dos contos de Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto, Carmen Dolôres, Monteiro Eobato. Conhecem *Chanaan* de Graça Aranha. Leram *El Hombre de Oro* de R. Blanco-Fombona; *Amalia*, de José Marmol; *Martin Rivas*, de Blest-Gerna e poucas outras novellaSj incluindo naturalmente a *Innocencia* de Taunay. O conhecimento com a cultura espano e luso-americana está, no emtanto, aqui ainda em começo. Sinto-me feliz de dizer que, presentemente, estou empenhado em escrever uma série de pequenos livros sobre a literatura de cada uma de nossas republicas. O primeiro delles, podereis inte-iessar-vos em conhecê-lo, é o *Espirito da Literatura Brasileira*, e dediquei-o a Oliveira Lima. A doação recente de uma valiosa bibliotheca, do Sr. e Sra. Oliveira Lima á Universidade Catholica, foi largamente commentada em a nossa imprensa. Muito fará para prover de um centro o estudo da cultura brasileira nos Estados Unidos. Deverá interessar-vos também saber que estou agora traduzindo para o inglez, para aparecimento seriado no *Stratford Montlily*, *Aspectos da historia e da cultura do Brasil*, de Oliveira Lima e *La evoluçõn política y social de HispanO'America* de Blanco-Fombona. Mais t^rde virão traducções da obra de Elyσιο de Carvalho, Graça Aranha e outros brasileiros. Tudo isto é parte de um programma para restabelecer a communhão intellectual entre os Estados Unidos e o Brasil. Não tem absolutamente nenhuma relação com propaganda de outra especie; representa, é verdade, uma perda de tempo e dinheiro. E', 110 emtanto, uma obra que deve ser

feita, e sinto-me contente de fazer a minha parte.

Tem sido um logar-commum dos commentarios sul-americanos dizer que os Estados Unidos são uma nação materialista. Politica e economicamente falando pôde ser verdade. Infelizmente é verdade para muitos governos. E' grave erro, no emtanto, imaginarem os Sul-americanos que os Estados Unidos se resentem de falta de cultura. Hoje elles são tão favoráveis ao crescimento da actividade intellectual, como quasi qualquer outro logar no mundo civilizado. Ser-me-á dever

agradavel, nas cartas seguintes, falar desta actividade intellectual; discutir os homens e mulheres (porque *ha* mulheres!); tratar de sua obra e suas idéas; numa palavra, compensar o meu trabalho de interpretar a America do Sul para os Estados Unidos, por meio da interpretação dos Estados Unidos á America do Sul. Espero que isso vos dará o mesmo prazer que a mim.

Isaac Goldberg

("America Brasileira", Rio)

## VLADIMIR ILLITCH ULIANOV

*De Abril a Novembro de 1917*

16 de abril de 1917.

O homem que, segundo Axelrod, tinha em si o perfume da terra da Rússia, pisa a terra da Rússia, após uma tão grande ausência...

Lenine olha ao redor; e logo adquire a certeza do que previra: a revolução de março não era a verdadeira revolução. Era apenas o seu prenuncio. Tratava-se pois, de fazer a verdadeira revolução. E, logo, iniciou a acção decisiva.

No dia 17, expoz suas theses sobre as tarefas do proletariado na revolução. Os bolchevistas, isto é, os communistas da Rússia, apparecem em todos os lugares, temando parte em todas as assembléas operarias. Desenvolvem uma actividade prodigiosa.

Multiplicam-se os congressos, as reuniões: dos soviets de operários e soldados da frente militar occidental, em Minsk; conferencia dos camponeses, em Petrogrado; congresso dos jornalheiros agrícolas e dos camponeses sem terra, em Wolmar, na Letônia; conferencia pan-russa dos 140 delegados do partido bolchevista; dos comités de usinas de Petrogrado; congresso pan-russo dos camponeses; pan-russo dos soviets de operários e soldados; 3.<sup>a</sup> conferencia pan-russa dos syndicatos...

Era o proletariado a affitmar sua vontade de batalha, sua vontade de victoria, seu desejo de esmagar a colligação burgueza, menchevista e socialista — revolucionaria que se abatera sobre o paiz.

O cerebro de Lenine, a velar pelo proletariado...

Emquanto isto, o constitucional-democrata Miliukov prega o abocanhamento de Constantinopla; Kerensky colloca-se ao lado dos banqueiros da Entente, affármando combater a favor delles, até á victoria final; e os ministros capitalistas tomam conta do governo.

1 de julho: manifestações gigantescas dos trabalhadores de Petregrado "pelo poder dos soviets", "contra a offensiva militar", "contra os ministros burguezes".

Dia 16: insurreição operaria, em Petrogrado. Palavra de ordem: "Todo o poder aos soviets". Kerensky manobra em tempo; chama os cossacos e esmaga a insurreição. Combates cerrados. Fuzilaria. Prisões de bolchevistas. Lenine evade-se, vae trabalhar a bordo como simples carvoeiro e ganha a Finlândia. E faz dahi quartel general da revolução proletaria.

Reacção brutal. Trotski, Zinoviev, presos. Suas vidas e as dos outros bolchevistas, salvas porque o proletariado fez greve: 4.000.000 de grevistas.

Kornilov, isto é, a ditadura militar, atira suas tropas contra Petrogrado. Os trabalhadores levantam-se como um só homem e esmagam a cavallaria de Kornilov. E' que o cerebro de Lenine velava pelo proletariado.

Outubro — Abre-se a conferencia democrática ou pre-parlaimento, mystificação burgueza. Os soldados e os proletários exigem a sua dissolução em proveito do poder dos Soviets.



Novembro — O soviet de Moscou entra resolutivo no caminho da revolução; decide-se a conquistar o poder. O soviet de Ivanovo-Vosnessensk emite um voto de desconfiança ao governo Kerensky. O Comité Revolucionário militar de Petrogrado, onde os bolchevistas têm maioria, convida a guarnição a só obedecer às suas ordens. Kerensky manda a tropa dispersar os sovietes de Kaluga, o que é feito. E prepara-se para continuar sua obra de traição. Mas, no dia 7, o proletariado, conduzido pelos bolchevistas, e estes, pelo gênio de Lenine, embargam-lhe o passo. Invadem o palacio de Inverno, prendem os ministros. Kerensky foge. Km Moscou, as ruas se transformam em campos de batalha. Guerreiam: pelo proletariado, pe'o comunismo, os soldados e os operários formando um bloco em torno do soviet de Moscou; pela burguezia, os estudantes, os officiaes e os alumnos das escolas militares formando um bloco em torno da Duma municipal.

Vence o proletariado. Vencem os bolchevistas. Vence Lenine.

E abre-se um Novo Mundo na historia da humanidade, mundo infinitamente maior que o descoberto pelo genovez...

#### *A revolução proletaria*

Se antes de 7 de novembro a actividade de Iyenine adquirira um tão grande lugar na historia da revolução, maior relevo ia alcançar agora.

O cerebro da revolução revela-se em tudo; na derrota dos cossacos de Kerensky e Krassnov pelos guardas vermelhos; na formação da milicia proletaria; na Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador; na publicação dos tratados secretos; na suppressão das cartas e dos títulos oivis; no armistioio de Brest-Litovski; na suppressão dos bancos do Estado, da Nobreza e das Terras; na instituição do casamento civil.

O pulso de ferro da revolução dirige a obra mais colossal do mundo, na chefia de um grupo de gigantes.

A simples enumeração dos factos e realizações principaes, de 1918 em diante, bastará para dar uma idéa da grandeza do proletariado russo, do labor immenso dos bolchevistas e da genialidade de Lenine.

Enumeremos, pois:

Janeiro — constituição dos tribunaes revolucionários; simplificação da orthographia; constituição do exercito vermelho; creação da livraria do Estado; revolução na Finlandia.

Fevereiro — separação; de facto, da Egreja e do Estado, da Escola e da Egreja; introdução do calendario gregoriano; confiscação dos bancos privados; nacionalização da marinha mercante; annullação das dividas exteriores; organização da frota vermelha; socialização das terras.

"Março — assignatura da paz; fundação da Republica Tartara-bachkár; esmagamento dos bandos de Korrúvov, no Kuban.

Abril — direito de asylo aos perseguidos politicos e religiosos; creação das cooperativas de consumo; nacionalização do commercio exterior.

Maió — abolição da herança; nacionalização da industria assucareira; campanha contra a corrupção e a especulação; instituição da inspecção do trabalho; escola mixta obrigatoria.

Junho — reconhecimento da independencia da Geórgia; nacionalização do museu Tretiakov, em Moscou; organização dos campones pobres; creação da Academia Socialista de Sciencias Sociaes; proclamação da Republica do Azerbaidjan; nacionalização da grande industria e do commercio em grosso.

Julho — esmagamento da insurreição dos socialistas-revolucionarios da esquerda; nacionalização dos bens da córte e da familia imperial; derrota da contra-revolução de Yaroslav.

Agosto — abertura das escolas superiores p3ra os cidadãos com mais de 16 annos; derrota da contra-revolução tchecoslovaca; não reconhecimento dos tratados concluídos pelo tzar com a Áustria e a Allemanha; suppressão da propriedade imobiliaria nas cidades.

Setembro — libertação de Simbrisk.

Outubro — trabalho obrigatorio para todos; Escola Única do Trabalho; derrota de Krassnov; revolução na Austria; revolução em Burviskri.

Novembro — revolução allemã; annullação do tratado de Brest-Litovskã; Republica na Letônia.

Dezembro queda de Skoropadski; sovietes em Riga.



Em 1919:

Janeiro — insurreição spartakista; nacionalização do solo na Letônia.

Fevereiro — primeira faculdade operária na Universidade de Moscou; primeiro congresso de physica.

Março — fundação da Internacional Comunista.

Maio — primeiro sabbado comunista.

Junho — esmagamento dos bandos de Rodzianko; assalto do forte da Krasnaia Gorka.

Julho — derrota de Koltchak; evacuação de Arkangelsk pelos americanos.

Outubro — esmagamento das tropas de Yuderitich e de Denikine.

Novembro — evacuação de Omsk.

Em 1920:

Fevereiro — bolsas do trabalho.

Maio — festa do trabalho; victoria de Enzeli.

Junho — victoria sobre a Polonia.

Setembro — congresso de Babu'; Republica em Bukliara.

Outubro — derrota de Wrangel.

Novembro e dezembro — plano único da produção; estudos sobre a electrificação da Rússia; gratuidade dos transportes, do alojamento, dos viveres.

1921, 1922 e 1923 — esmagamento da contra-revolução de Cronstad; nova politica economica; combate á fome no Volga; desenvolvimento prodigioso da Internacional Communista; guerra ao fascismo, ao terror burguez, á social-democracia traidora; egualdade do homem e da mulher; revoluções jurídicas, pedagógicas, científicas, ethicas, estheticas; universidades; museus; bibliothecas; alfabetização; casas de repouso; reerguimento economico; exposições; frota aerea...

#### *Nas horas de nevocird*

Quantas vezes, de 1888 em diante, se embruscava num denso nevoeiro, o horizonte politico e social!

Todos olhavam a cerração; ninguém a traspassava. Lenine mergulhava o olhar na linha do horizonte e rasgavam-se-lhe todos os véos. Por isso é que, em vários momentos, embora com a razão, ficou «solado na sua intransigência, batalhando sozinho, combatendo não só os adversarios, mas até os proprios companheiros! Então era tratado de "fanatico" pelos social-democratas, que viviam a dinamizar Marx

para tornar a orchata agradável ao paladar de Guilherme.

Vejamos alguns casos: CI)

1.º — Alexinsky, antigo deputado da Duma, fundou um grupo que aspirava a ser da extrema esquerda; portanto, ainda mais revolucionário a<c os bolchevistas. Lenine, desconfiando desse ultra revolucionarismo, combateu o grupo. Alexinsky terminou por ser tenente d; Wrangel. Lenine tinha razão!

2.º — Lunatcharski e outros bolchevistas quizeram reformar o marxismo, conciliando Marx com o physico burguez Mach. Lenine escreveu um livro só para refutar isto. Lunatcharski, sincero, cedeu. A maioria revoltou-se; e mergulhou depois no seio dos contra-revolucionarios. Lenine tinha razão!

3.º — Em 1912, Lenine resolveu romper definitivamente com os menchevistas. Lunatcharski, Rappoport e muitos outros foram contrários. Posteriormente, os menchevistas foram arrastados na orbita da collaboração de classe e da contra-revolução burgueza. Lenine tinha razão!

4.º — No começo da guerra, Lenine pronunciou-se pelo derrotismo. Kameneff discordou um tanto. Trotski defendeu se de ser derrotista. Muitos outras foram contrários. Os factos mostraram que Lenine tinha razão!

5.º — Lenine preconizou durante a guerra a fraternização com o inimigo. Rappoport, Trotski, Lunatcharski, Antonov achavam isto uma utopila. Posteriormente, a utopia tornou-se realidade. Lenine tinha razão!

6.º — Lenine era favoravel ao tratado de Brest-Litovski. Trotski e muitos outros eram contrários. Lenine tinha razão!

7.º — Lenine defendeu a nova politica economica. Bukharine, Kollontai atacaram-na. Lenine tinha razão!

8.º — Lenine renunciou, durante a revolução, á collaboração com os partidos socialistas. Zinoviev, Rykov, Lunatcharski foram contrários. Lenine tinha razão!

Não queremos absolutamente contrapor Trotski, Lunatcharski, Zinoviev ou qualquer outra a Lenine. Gigantes também, sem vaidades pessoas, elles sabiam reconhecer a verdade em tempo. E' esta uma das grandezas dos collaboradores de Lenine. E é em parte, por taes auxilia-



# LOTERIA DE S. PAULO

12 de Setembro

Sexta-feira

30:000\$000

POR 2\$700

Os Bilhetes já se acham á venda em  
toda a parte.

•tMrntwMwmiMii.ítu

## Archivo Nobifiarchico Brasileiro

PELO

BARÃO DE VASCONCELLOS

Neste precioso volume, formato e tamanho de um tomo do Larousse, o autor biographa toda a nobreza do Império do Brasil, ennumerando toda a ascendência e descendencia dos respectivos .titulares e reproduzindo em gravura os brazões de cada utn. Edição luxuosa, da qual restam apenas alguns exemplares : :

PREÇO (ENCADERNADO) 60\$000

Pedidos á CIA.' GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO



# Regina Hotel

Endereço Telephleo: "REGINA.."

Largo de S. Ephigenia, 8 ^ SÃO PAULO

Este novo hotel oferece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optinio conforto. Sna situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejável. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas.. O Hotel possui *elevadores, rêde telephonica para lodos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamente escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietários, Srs.

**Angelo Gabrilli & Filhos**

## *A Revista da Sociedade de Educação*

*deve ser lida por todos quantos se interessam pelos assumptos didácticos.*

He<lfictore«

*Dr. A. Almeida Junior*

*Prof. Léo Vaz*

*Prof. Brenno Ferraz do Amaral*

*Dr. Haddock Lobo Filho*

*Prof. Pedro de Alcantara Machado*

Editora: CIA. GRA.PHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

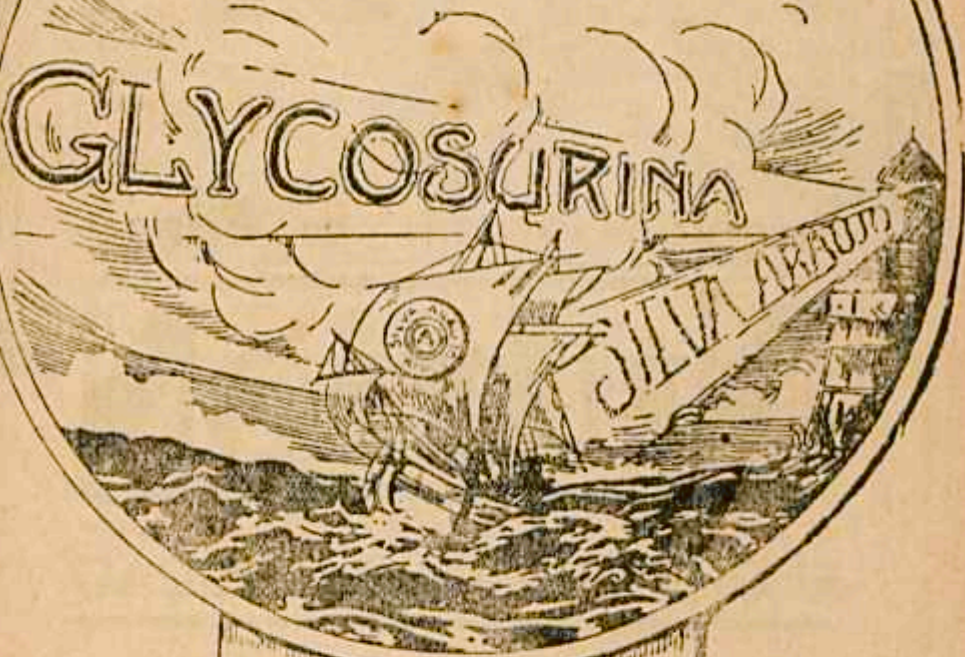
Aos assignantes serão enviados os números já publicados.

Ashlenturn annual . . . . . 13W000

# DIARETICOS

7 / (V ) ) ® preciso combater a perda  
L - d e assucar. tonificar o or-  
ganismo. regularisar as funcções dos orgãos internos  
essenciaes a vida e restabelecer o appeitç e a luncção  
digestiva pelo uso da

## GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de  
plantas indígenas brazilciras

**PAU FERRO - SUCUPIRA**

**JAMELÃO E CAJUEIRO**

Usa-se de 3 a 6 colheres y ^ L  
de chá por dia em agua



# **Nutrition**

**F; O ELIXIR DA NUTRIÇÃO**

**O "Nutrition" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.**

# A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

tem no prelo, prestes a sahir, utilíssimos livros escolares e jurídicos, dentre os quaes destacamos os seguintes, que se recommendam pelo só nome dos seus autores:

Olavo Freire . . .	Chorographia do Brasil.
Alvaro J. Rodrigues .	Geometria Descritiva.
» » »» .	O Ensino Profissional.
Synesio de Faria. .	Lições de Álgebra: Decomposição em Factores. Calculo Differential. Calculo Integral.
Dr. Moncorvo Filho .	Hygiene Infantil.
Othoniel Motta . .	Anthològia Portugueza.
Dr. Reynal do Porchat.	Direito Romano.
» » » .	Da Retroactividade das Leis Civis.
» » » .	Pessoa Physica e Direito Romano.

---

Desde já aceitam-se pedidos.

Praça da Sé, 34

CAIXA 2-B

**S. PAULO**



## Ultimas Edições da

# Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato im—

O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato. . . . .	Broch.	4\$000
ATRAVEZ DA EUROPA, de Afonso Lopes de Almeida . . . . .	Broch. Em papel fôfo	5\$000
	Em papel jornal	3\$000
FACUNDO, de Sarmiento . . . . .	Broch. Ein fôfo	5\$000
	Em jornal	3\$000
DENTE DE OURO, de Menotti Dei Picchia. Broch.		4\$000
MEMORIAS DE UM RECCUTA, de Oswaldo Barroso. . . . .	Broch. Em fôfo	4\$000
	Em jornal	2\$000
NOS CAMINHOS DO N.VZARENO, do Padre Heliodoro Pires. . . . .	Broch.	5\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, de F. J. Oliveira Vianna. . . . .	Broch.	8\$000
JOAQUIM NABUCO e MACHADO DE ASSIS, de Graça Aranha. . . . .	Broch.	10\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimarsens. . . . .	Broch.	3\$000
RITINHA, contos de Léo Vaz . . . . .	Broch.	4\$000
SAPEZAES E TIGUERAS, contos de Amando Caiuby. . . . .	Broch.	4\$000
A MEZA E AJKVBREMEZA, de Bosaura Lins. Ene.		7\$000
JUCA MULATO, (4.* edição) de Menotti dei Picchia. . . . .	Broch.	3\$000
O PRINCIPE FELIZ, de Oscar "Wilde, trad. de Rosalina C. Lisboa. . . . .	Broch.	3\$000
A CURA DA FEALDADE, do Dr. Renato Kehl Ene.		20 \$000
AMOR IMMORTAL, de J. A. Nogueira , Broch.		5\$000
O DRAMA DAS COXILHAS, de Roque Callage Broch.		4\$000
CARTAS DE UM CHINEZ, de Simão de Mantua Broch.		5\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, do Visconde de Taunay. . . . .	Broch.	5\$000
O PADRE EUZEBIO, de Antonio Celestino. Broch.		4\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, por João Leda, br.. . . . .		5\$000
DISSE, por Altino Arantes, edição do Greinio XI de Agosto, br. . . . .		8\$000
ENCYCLOPEDIA JURÍDICA, por Laudelino Baptista, br. . . . .		5\$000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa 2 B - S. PAULO

